

WHICH IS TO SAY
ISTO É
OR RATHER
OR NAMELY
OU SEJA
THAT IS TO SAY
THAT MEANS THAT
BASICALLY
THAT IS
IN OTHER WORDS

Carina Rodrigues

Marcadores Discursivos em Perspetiva — entre a Linguística e a Tradução

Dissertação de Mestrado em Tradução, na área de especialização em Tradução de português e duas línguas estrangeiras (inglês e francês) orientada pela Doutora Conceição Carapinha e coorientada pela Doutora Karen Bennett, apresentada ao Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2017



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Letras

Marcadores Discursivos em Perspetiva – entre a Linguística e a Tradução

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Dissertação de Mestrado
Título	Marcadores Discursivos em Perspetiva – entre a Linguística e a Tradução
Autora	Carina Rodrigues
Orientadora	Doutora Conceição Carapinha
Coorientadora	Doutora Karen Bennett
Júri	Presidente: Doutora Cornelia Plag Vogais: 1. Doutora Conceição Carapinha 2. Doutora Sara Sousa
Identificação do Curso	Mestrado em Tradução
Área científica	Tradução
Especialidade/Ramo	Português e duas línguas estrangeiras (Inglês e Francês)
Data da defesa	28-9-2017
Classificação	18 valores



Agradecimentos

Na realização deste trabalho, foram várias as pessoas, cujos apoio e ajuda foram fundamentais para conseguir concluí-lo.

Antes de mais, às minhas orientadoras, a Doutora Conceição Carapinha e a Doutora Karen Bennett, por todo o apoio ao longo das várias etapas deste trabalho, por todas as críticas, revisões, comentários e motivações durante a orientação desta dissertação.

A todos os professores do Mestrado em Tradução, com especial agradecimento à Doutora Cornelia Plag, por toda a ajuda e motivação dada ao longo do percurso de dois anos deste mestrado.

Ao corpo não docente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, particularmente ao da Biblioteca Central, pela sua disponibilidade e paciência.

À minha grande família e aos meus amigos pelo apoio, pelas palavras de incentivo nos momentos de maior desânimo e por compreenderem a minha indisponibilidade.

Agradeço particularmente aos meus pais, avó e irmãos, principalmente à minha querida irmã gémea pelo apoio incondicional e por, nos momentos certos, me obrigar a um descanso.

Resumo

A presente dissertação tem como objeto de estudo a tradução e a interpretação dos marcadores discursivos (MD), mais especificamente os marcadores discursivos de reformulação (MDR), tendo como objetivo chegar a conclusões sobre os marcadores discursivos ‘isto é’ e ‘ou seja’ e a tradução e interpretação dos mesmos realizadas pelo Parlamento Europeu (PE), entre os anos 2009 e 2011, usando *software* específico de trabalho com *corpora*, como o *AntConc*. Para um melhor e mais detalhado estudo, o enquadramento teórico aborda as questões linguísticas, tradutivas e interpretativas que podem estar em causa aquando da compreensão, tradução e interpretação de ambos os marcadores discursivos aqui trabalhados. Neste enquadramento teórico, apresentam-se vários autores que trataram os marcadores discursivos de reformulação na área linguística, com especial enfoque nas autoras Lopes (2014) e Saz-Rubio (2003), que, junto com Pic, Furmaniak & Hugou (2013), servem de base para a identificação dos valores dos marcadores discursivos aqui trabalhados. Além disso, apresentam-se aqui estudos de linguística contrastiva e estudos de tradução que utilizam marcadores discursivos. De seguida, é dada uma descrição detalhada da construção dos *corpora* (o *corpus* da tradução e o *corpus* da interpretação) aqui analisados. Finalmente, à luz dos autores apresentados na introdução teórica, será feita a análise dos *corpora*, com especial atenção aos valores dos marcadores discursivos previamente definidos (‘isto é’ e ‘ou seja’), nos textos de partida (TP), ou seja, nas intervenções originais, em português, de vários eurodeputados portugueses, e às suas traduções e interpretações feitas pelos profissionais do Parlamento Europeu.

Palavras-Chave: marcadores discursivos, marcadores discursivos de reformulação, MD, tradução, interpretação, Parlamento Europeu, *Europarl*, *corpus*.

Abstract

This dissertation takes as its object of study the translation and interpreting of discourse markers (DM), in particular discourse markers of reformulation (DMR), in order to reach conclusions about how two specific discourse markers in Portuguese ('isto é' and 'ou seja') were translated, orally and in writing, by the European Parliament (EP) between the years 2009 and 2011. To make this possible, specific software – the concordancer AntConc – was used. In order to give a more thorough and detailed account, the study is framed by a theoretical discussion of linguistic, translational and interpreting questions that may be of importance for the understanding, translation and interpreting of both discourse markers. This theoretical framework introduces several researchers who have studied discourse markers of reformulation in linguistics, with special attention to Lopes (2014), Saz-Rubio (2003), and Pic et al. (2013). Some studies concerning discourse markers in contrastive linguistics and translation studies are also described. This is, then, followed by a detailed description of the building of the (translation and interpretation) corpora analysed in here. Finally, the corpora are analysed in the light of the authors introduced in the theoretical section. In this analysis, the uses of the discourse markers previously defined – 'isto é' and 'ou seja' – will be given special attention in both the source text (ST), that is, in the original interventions in Portuguese by several Portuguese native-speaking Members of the European Parliament and in the translations and interpretation made by the professionals of the European Parliament.

Keywords: discourse markers (DM), discourse markers of reformulation, translation, interpreting, European Parliament, Europarl, *corpus*.

Índice

Agradecimentos.....	i
Resumo	ii
Abstract	iii
Índice de Figuras, Gráficos e Tabelas	iv
1 Objetivos e Introdução.....	1
2 Introdução Teórica	3
2.1 Marcadores Discursivos: Um Campo de Indefinições?	3
2.1.1 O Inventário dos Marcadores Discursivos – Segundo Vários Autores	5
2.1.2 A Polifuncionalidade	7
2.1.3 Características dos Marcadores Discursivos	10
2.2 Os Marcadores Discursivos de Reformulação	12
2.2.1 ‘Ou seja’	20
2.2.2 ‘Isto é’	22
3 A Tradução e a Interpretação de Marcadores Discursivos	26
3.1 Os MD em Tradução	26
3.2 <i>Corpus-based Translation Studies</i> – Estudos de tradução Baseados em <i>Corpus</i>	33
3.2.1 Os MD em Estudos de Tradução Baseados em <i>Corpus</i>	36
3.3 Os Marcadores Discursivos na Interpretação.....	37
4 Metodologia	43
4.1 Construção dos <i>Corpora</i>	43

4.2	O <i>Europarl</i>	49
4.3	O <i>Corpus</i> da Interpretação.....	53
4.4	Limitações	55
5	Análise dos <i>Corpora</i>	57
5.1	'Isto é'	57
5.2	'Ou seja'	72
6	Conclusões.....	96
7	Bibliografia	101

Índice de Figuras, Gráficos e Tabelas

Figura 1 - Os Marcadores Discursivos de Reformulação	19
Figura 2 - Os valores de 'Ou seja' e de 'Isto é', segundo Lopes (2014)	24
Figura 3 - Posicionamento dos vários participantes das sessões do Parlamento Europeu	44
Figura 4 - AntConc e ocorrências de 'ou seja' num diretório pré-selecionado.....	52
Gráfico 1 - Estratégias usadas pelos intérpretes nas ocorrências de 'isto é'	58
Gráfico 2 - Tradução das ocorrências do marcador discursivo 'isto é'	59
Gráfico 3 - Estratégias usadas pelos intérpretes nas ocorrências de 'ou seja'	74
Gráfico 4 - Traduções das ocorrências do marcador discursivo 'ou seja'	74
Tabela 1 - Interpretações e traduções das ocorrências de 'isto é'	57
Tabela 2 - Interpretação e tradução das ocorrências (17) e (18).....	62
Tabela 3 - Interpretação e tradução da ocorrência (19)	63
Tabela 4 - Interpretação e tradução da ocorrência (20)	64
Tabela 5 - Interpretação e tradução da ocorrência (21)	67
Tabela 6 - Interpretação e tradução da ocorrência (23)	69
Tabela 7 - Interpretação e tradução da ocorrência (24)	71
Tabela 8 - Interpretações e traduções das ocorrências de 'ou seja'	72
Tabela 9 - Interpretação e tradução da ocorrência (25)	77
Tabela 10 - Interpretação e tradução da ocorrência (26)	78
Tabela 11 - Interpretação e tradução da ocorrência (28)	80
Tabela 12 - Interpretação e tradução da ocorrência (29)	81
Tabela 13 - Interpretação e tradução da ocorrência (30)	83
Tabela 14 - Interpretação e tradução da ocorrência (31)	85
Tabela 15 - Interpretação e tradução da ocorrência (33)	86
Tabela 16 - Interpretação e tradução da ocorrência (34)	87
Tabela 17 - Interpretação e tradução da ocorrência (35)	90
Tabela 18 - Interpretação e tradução da ocorrência (38)	92
Tabela 19 - Interpretação e tradução da ocorrência (39)	94

1 Objetivos e Introdução

Este estudo insere-se numa área de fronteira. A análise que aqui apresento, que toma como objeto de estudo a tradução de marcadores discursivos (MD) e, mais especificamente, a tradução dos marcadores de reformulação, pretende não apenas descrever a semântica destas partículas, mas também a forma como são traduzidos para outra língua, visando tentar encontrar possíveis equivalentes nessa língua e o leque de potenciais correspondentes. Para levar a cabo esta investigação, terei de cruzar pesquisa de natureza linguística e investigação na área da tradução.

A investigação linguística acerca dos marcadores discursivos no plano monolíngue é já bem conhecida e são vários os quadros teóricos que se lhe podem aplicar (Teoria da Relevância, Análise Conversacional, *Rhetorical Structure Theory*, entre outros). Por seu turno, a investigação destas partículas no âmbito dos Estudos de Tradução é mais recente. A perspectiva contrastiva adotada no estudo dos marcadores pretende mapear o espectro de funções que um (ou mais) MD tem em contextos bilíngues ou multilíngues.

Os estudos contrastivos sobre pares de marcadores discursivos em contexto de tradução podem assim auxiliar-nos a conhecer e a definir os sentidos que estes itens podem ter na língua de partida; a partir desta base, podem também ajudar-nos a construir campos semânticos e a perceber de que forma esses campos semânticos podem ser instanciados em cada língua, facilitando a distinção entre universais discursivos e traços que são específicos de determinadas línguas. Neste sentido, podemos pensar que a tradução constitui 'apenas' um instrumento ao serviço de uma análise linguística que pretende descrever os MD na língua de partida. No entanto, os estudos na interface entre a Linguística e a Tradução podem ser enriquecedores para ambas as disciplinas. Com efeito, as diferentes soluções encontradas para a tradução de um MD, as opções tradutivas para o mesmo MD, em géneros textuais distintos, os diferentes grupos de MD e os diferentes graus de dificuldade que cada grupo impõe aos tradutores podem constituir, em si mesmos, um objeto de análise na área dos Estudos de Tradução.

O meu objetivo é, pois, analisar os marcadores de reformulação ‘isto é’ e ‘ou seja’ no âmbito do quadro teórico plural acima traçado, que cruza duas disciplinas distintas e pesquisar a semântica desses MD, perceber de que forma são traduzidos para inglês num género muito específico: o debate ocorrido no Parlamento Europeu. Para tal, irei recorrer às intervenções de eurodeputados portugueses no Parlamento Europeu e às suas respetivas traduções e interpretações. Em simultâneo, analisarei as propostas dos tradutores no sentido de perceber as dificuldades que a tradução dos MD lhes impõe, que opções tomam, que grau de explicitação pretendem atingir e o modo como interpretam as ocorrências dos marcadores discursivos.

Para alcançar estes objetivos, a presente dissertação começa por fazer um enquadramento teórico sobre os marcadores discursivos e alguns dos estudos mais importantes feitos na área. Essa secção apresenta autores cujas teorias ajudarão, mais tarde, aquando da análise, na classificação dos marcadores discursivos, tais como Saz-Rubio (2003), Pic et al. (2013) e Lopes (2014).

De seguida, no capítulo 3 será abordada a tradução e a interpretação de marcadores discursivos, com especial atenção ao trabalho de Furkó (2014), autor que utiliza a noção de equivalência dinâmica de Nida (1964) para estudar a tradução destas partículas. Ainda no mesmo capítulo, será apresentada uma área específica dos Estudos de Tradução (*Corpus-based translation studies*), uma vez que o presente trabalho também utiliza *corpora* para alcançar os seus objetivos. Por último, o capítulo 3 aborda a questão da interpretação, ou tradução oral, e como pode afetar os marcadores discursivos.

No capítulo seguinte (capítulo 4) apresenta-se, em detalhe, a metodologia utilizada na realização deste trabalho. Para tal, descrevem-se os *corpora* utilizados, a política de tradução do Parlamento Europeu (PE) e os passos realizados para congregar todos os textos analisados.

Por fim, o capítulo 5 apresenta uma análise profunda feita aos marcadores (na vertente da tradução e da interpretação), o que permite chegar às conclusões descritas no capítulo 6.

2 Introdução Teórica

2.1 Marcadores Discursivos: Um Campo de Indefinições?

O termo ‘marcadores discursivos’ engloba um conjunto extenso de partículas linguísticas, formadas por um, dois ou mais lexemas e que são usadas para ligar enunciados sejam eles de menor ou maior extensão, como uma frase ou um parágrafo, não a nível sintático, mas sim a nível semântico-pragmático. Por integrarem uma categoria pragmático-funcional, ou seja, não constituírem exatamente uma classe formal, estas unidades compõem um grupo heterogéneo de distribuição e funcionalidade distintas. Os investigadores que estudam esta categoria, aliás, salientam, na maioria dos seus trabalhos, este lado menos consensual e mais difícil da sua definição. Andersen (2001: 39), por exemplo, afirma que, não obstante a quantidade de pesquisa feita sobre estas partículas, poucos são os que chegam a acordo na sua definição e na delimitação do grupo das expressões linguísticas que deveriam fazer parte desta categoria; Fraser (1999) reúne exemplos de várias definições, mostrando, assim, essa falta de consenso e este mesmo autor declara que “within the past ten years or so there has been an increasing interest in the theoretical status of DMs, focusing on what they are, what they mean, and what function(s) they manifest...”, evidenciando que os autores que estudaram estas partículas em meados dos anos 1980 estavam “unaware of the other efforts, at least in the initial stages”. Por outras palavras, apesar de ter havido grandes avanços nas investigações dos MD durante estes anos, o facto de muitos autores não se aperceberem de trabalhos de outros autores poderá ter potenciado esta enorme diversidade de definições e de classificações.

Devido ao facto de serem partículas estudadas por muitos investigadores, sob diferentes abordagens, o consenso também não existe no que respeita à terminologia com que são designadas. A seguir, encontram-se algumas das designações dadas a estas partículas linguísticas: Schourup, em 1985, designou-as ‘discourse particles’ (‘partículas discursivas’) e, no mesmo ano, Quirk, Greenbaum, Leech e Svartik chamaram a estas partículas ‘semantic

conjuncts' ('conjunções semânticas'), enquanto, em 1987, Blakemore usou o termo 'discourse connectives' ('conetivos do discurso'); Schiffrin em 1987 e Fraser em 1988 utilizaram o termo 'pragmatic markers' ('marcadores pragmáticos'); Ariel (1993) rotulou-os 'pragmatic operators' ('operadores pragmáticos'), enquanto Östman, em 1995, lhes chamou 'pragmatic particles' ('partículas pragmáticas'). Estes diferentes termos não só apontam para o largo interesse no estudo destas partículas linguísticas, segundo Fraser (1999: 932), como também apontam para as perspetivas teóricas (Fischer, 2006) que estão na base dos tipos de análises. Por exemplo, quando Fraser (1996) utiliza o termo 'marcadores pragmáticos' fá-lo porque enfoca a sua análise no processo entre os interlocutores, o qual engloba os processos de descodificação das mensagens.

Morais¹ (2011: 449) denomina-os 'marcadores discursivos', apontando as suas funções comunicativas, e considerando que os marcadores discursivos ajudam os interlocutores a criar uma representação mental do texto. A autora acrescenta ainda:

Os MD são unidades ao serviço da conexão discursiva. Explicitam a relação que une um determinado segmento de texto, tipicamente bem delimitado na superfície textual, ao seu cotexto, podendo a conexão estabelecer-se ao nível local (interfrásico) ou em níveis globais (macroestruturais). (Morais, 2011: 450)

Esta função básica dos MD é, assim, um aspeto fundamental da construção da coerência textual; segundo Lopes (2005: 4), "falar de coerência implica, pois, falar da representação mental do texto, constructo cognitivo que é configurado de forma dinâmica e incremental no processo interpretativo."

Também Lopes (2014) utiliza o termo 'marcador discursivo' como um hiperónimo que engloba os conetores discursivos, os marcadores de interação conversacional, e as expressões utilizadas pelos falantes para mostrar tanto as suas expectativas como as suas atitudes em relação à situação comunicativa. Antes de Lopes, Pons Bordería (2008: 1413) já demonstrava esta perspetiva, incluindo no termo hiperonímico os seguintes hipónimos: 'conectivos',

¹ Morais, M. MARCADORES DA ESTRUTURAÇÃO TEXTUAL: Elementos para a descrição do papel dos Marcadores Discursivos no processamento cognitivo do texto. Disponível em: http://www.utad.pt/vPT/Area2/investigar/CEL/CelCollections/Documents/CEL_Lingu%C3%ADstica_6.pdf (acedido em 23 de julho de 2017)

‘partículas modais’, e ‘marcadores interativos’. Por esta razão, neste trabalho, optei por usar este termo, reconhecendo a controvérsia que o mesmo levanta, mas optando, à boa maneira de Jacques Derrida (1967/1997: 67), por colocar este termo sob apagamento, não ultrapassando a controvérsia, mas tomando a decisão de prosseguir o estudo.

2.1.1 O Inventário dos Marcadores Discursivos – Segundo Vários Autores

Apesar da decisão de pôr de lado a controvérsia relativa à denominação ‘marcadores discursivos’ neste trabalho, não é possível ignorar que os diferentes termos apresentados pelos diferentes autores para os designar, assim como as várias perspectivas teóricas que sustentam a sua análise, têm como consequência a dificuldade de delimitar o conjunto das expressões linguísticas – e, para alguns autores, também não-linguísticas (cf. Schiffrin, 1987) – que integram os MD.

Segundo Fraser (1999: 932), Labov & Fanshel (1977: 156) são dos primeiros autores a fazer uma referência aos MD, a propósito de uma pergunta de Rhoda² à sua mãe que começava com o termo ‘well’, sobre o qual escrevem: “As a discourse marker, *well* refers backwards to some topic that is already shared knowledge among participants. When *well* is the first element in a discourse or a topic, this reference is necessarily to an unstated topic of joint concern”, não se prolongando mais sobre esta classe de palavras.

Foi em 1983 que Levinson, segundo Fraser (1999: 932), finalmente declarou que os MD seriam uma classe digna de ser estudada, embora não tenha usado um termo para a designar, mas tenha sim feito uma breve descrição do que agora alguns autores consideram ser a classe dos MD: palavras e expressões que relacionam dois enunciados. Como exemplo, o autor fez uma breve lista: ‘but’, ‘therefore’, ‘in conclusion’, ‘to the contrary’, ‘still’, ‘however’, ‘anyway’,

² Na obra de Labov & Fanshel (1977), os autores analisam um discurso entre Rhoda, uma jovem com anorexia nervosa, e os restantes membros da sua família, destacando as suas relações através da análise de uma conversa de 15 minutos com o seu terapeuta. A pergunta em questão é a seguinte: “Well, when do you plan t’come home?”, feita por Rhoda à sua mãe.

'well', 'besides', 'actually', entre outros. Levinson (1983: 88) acrescenta ainda que estas partículas parecem ser uma resposta a ou uma continuação de parte do discurso anterior.

É apenas em 1987, embora já com um grande número de investigações na área, que Schiffrin estuda estas partículas sob o nome de 'marcadores discursivos' num trabalho de investigação, no qual analisa as expressões 'and', 'because', 'but', 'I mean', 'now', 'oh', 'or', etc, dentro de ocorrências conversacionais. É esta autora que começa por afirmar a dificuldade de encaixe destas partículas numa única classe, pois considera que alguns elementos paralinguísticos e não verbais podem ser marcadores discursivos.

Além das diferenças de classificação dos marcadores discursivos, consoante o autor que os trabalha, existe também uma proposta de categorização destas partículas nos trabalhos de muitos autores. Por exemplo, para Saz-Rubio (2003), os 'discourse markers of reformulation' ('marcadores discursivos de reformulação') são apenas uma subcategoria da grande categoria dos 'marcadores discursivos'; como dito supra, Lopes (2014) também utiliza 'marcadores discursivos' como hiperónimo, o que aponta também para uma categorização. Contudo, Aijmer, Foolen, & Simon-Vandenberg (2006) apresentam uma perspetiva diferente, considerando a expressão 'marcador pragmático' um hiperónimo, do qual MD é apenas um hipónimo que designa o conjunto de elementos que sinalizam relações de coerência.

A difícil delimitação dos elementos que fazem parte do grupo dos MD deve-se, assim, às diferentes perspetivas teóricas; por exemplo, uma vez que Halliday & Hasan (1976), e Quirk, Greenbaum, Leech, & Svartik (1985) analisam estas partículas a partir de uma perspetiva mais gramatical, o seu inventário é forçosamente diferente do de Schiffrin (1987), que aborda os MD numa perspetiva do discurso e da coerência, mais conversacional e não limitada por classificações gramaticais. Por sua vez, a perspetiva pragmática de Fraser (1999) aproxima-se de Schiffrin, mas, ainda assim, os inventários dos dois autores também têm algumas diferenças; Fraser, por exemplo, não inclui na categoria que considera serem 'marcadores discursivos' elementos como 'now', 'I mean', 'oh', and 'y'know', os quais estão previstos no quadro de Schiffrin.

A muita bibliografia existente permite concluir que, dentro da categoria de MD, dependendo dos vários autores, podem ser incluídos alguns advérbios e formas adverbiais, frases não finitas, conjunções, interjeições, vocativos, ‘fillers’³, ‘back-channel cues’⁴, etc. Pelo facto de todos estes itens serem provenientes de diversas classes, pouco têm em comum do ponto de vista formal, o que faz com que muitos autores, no momento da sua descrição, optem por salientar a sua funcionalidade, apresentando assim os marcadores discursivos não como categoria formal, mas funcional; esta categoria funcional leva-me então ao próximo tema: a polifuncionalidade.

2.1.2 A Polifuncionalidade

Entende-se por polifuncionalidade a forma como um mesmo item pode ter usos distintos em contextos diversos. De facto, muitas destas partículas coexistem com outras, formalmente idênticas, mas que desempenham funções bem distintas, até no plano da sintaxe oracional. A partícula linguística ‘isto é’, por exemplo, pode não ser um marcador discursivo e desempenhar funções sintáticas específicas. Vejam-se os dois exemplos⁵:

- (1) Mas tudo isto é outra história, que daria «pano para mangas», e não é dessa que queria falar. (par=ext569925-opi-98b-1)
- (2) Penso que um poder político grande de mais, isto é, demasiado interventivo, é sempre um mal, quer ele intervenha em nome de um só, de alguns, ou de todos reunidos. (par=ext1133103-pol-94b-2)

O caso (1) é um exemplo em que a expressão ‘isto é’ é indispensável à sintaxe da frase, daí que possa ser definida a nível sintático como tendo a função de sujeito (isto) e de verbo

³ ‘Fillers’ são pequenas expressões sem significado semântico que servem para preencher uma pausa discursiva o que, segundo Lopes (2014: 40), sinaliza “a não planificação prévia do que se pretende comunicar”.

⁴ ‘Back-channel cues’ são pequenos gestos e respostas verbais por parte do recetor, de modo a sinalizar ao falante que está a ser ouvido. Acenos de cabeça, expressões como ‘hum hum’, ‘sim’, entre outros, são alguns dos exemplos.

⁵ Todos os exemplos, exceto aqueles em que a fonte esteja explícita, são retirados do Corpus de Extractos de Textos Electrónicos MCT/Público (CETEMPúblico), disponível em <http://www.linguateca.pt/CETEMPUBLICO/> (consulta em 4 de agosto de 2017)

copulativo (é), enquanto no caso (2) o mesmo não acontece, e o item passa a ser utilizado como MD de reformulação (conceito que será tratado mais adiante).

Estes exemplos levaram muitos autores a investigar como é possível que a mesma partícula possa ter determinadas funções dependendo do contexto, funções que variam e que podem ser de natureza sintática ou de natureza pragmática. Muitos autores explicam esta dupla funcionalidade através do processo de gramaticalização, um processo que envolve a mudança lenta e gradual de uma palavra ou de um conjunto de palavras de uma categoria lexical para uma categoria gramatical, como é descrito em Bybee, Revere, & Pagliuca (1994: 9-22). Este processo apresenta cinco princípios, segundo Hopper (1991: 22)⁶, que podem explicar-se, sumariamente, da seguinte forma: inicialmente, as duas formas coexistem (a forma lexical e a forma gramatical), embora, na fase seguinte, passe a ocorrer uma progressiva divergência e uma especialização de funções da nova forma, até que, abandonando a função lexical (e perdendo o seu papel na estruturação sintática), esta passa a deter uma função gramatical, mais geral e mais abstrata. É neste ponto do processo que passa a funcionar como marcador discursivo.

No entanto, o problema da polifuncionalidade não se restringe apenas à coexistência de uma mesma expressão que pode ser usada no âmbito da sintaxe frásica e, portanto, é de natureza lexical e que, noutros contextos, tem função meramente gramatical. Dentro do grupo dos marcadores discursivos, dependendo do contexto e da intenção do falante, o mesmo marcador pode servir funções distintas, como bem analisa Lopes (2014: 41-43), cujos exemplos⁷ (meus destacados) serão exibidos infra:

⁶ Os cinco princípios são os seguintes: (i) 'Layering' refere-se à coexistência de várias camadas novas e antigas da língua que não se substituem umas às outras (cf. As várias construções possíveis do futuro em inglês); (ii) 'Divergence' que ocorre quando uma forma lexical sofre gramaticalização, tornando-se por exemplo um verbo auxiliar, mas se mantém também como um elemento lexical autónomo e válido; (iii) 'Specialization' refere-se ao estreitamento de significado lexical que ocorre quando uma forma lexical começa a perder o significado lexical e a tornar-se uma (ou parte de uma) construção gramatical; (iv) 'Persistence' ocorre quando a função gramatical de uma forma é relacionada com o significado da sua forma lexical antiga, como refere também Archakis (2001: 1254); (v) 'de-categorialization', de acordo com Hopper & Traugott (2003: 106), é "the tendency for relatively prototypical members of Noun, Verb, and Adjective categories to become less prototypical in their distribution". Este princípio envolve perda de propriedades sintáticas e morfológicas, devido a essa mudança de papel na estruturação do discurso.

⁷ Os exemplos de Lopes (2014) são retirados do *Corpus de Referência do Português Contemporâneo*, disponível para pesquisa no seguinte site: <http://alfclul.clul.ul.pt/CQPweb/portugal/>

- (3) claro, a clonagem é exatamente um processo que conduz à formação de indivíduos genotipicamente iguais, ou seja, com o mesmo património genético. (O0007-R-CI-P-Lis-Redip)
- (4) Penso que se não houvesse um objetivo determinado e declarado, ou seja, o de conseguir o mesmo objetivo pretendido em 1982 pelo Secretário de Estado Alfaia, tudo quanto se está a passar seria incompreensível. (A151466)
- (5) Mas essas bolachas, são as bolachas que geralmente têm... o *filling* ou seja o recheio, não é,... (1143-11-D05-38-F-C-3-2-H)
- (6) Não, não, eu não tenho tido chatices nenhuma, não tenho tido absolutamente chatices nenhuma. E até desde que cá estou nunca tive pessoa nenhuma que lá ficasse presa. Ou seja, não, tive, foi um abade... (346-18-C00-011-42-M-I-1-7-00)

No caso (3), ‘ou seja’ tem a função de autorreformulação parafrástica, segundo a análise apresentada por Lopes; no caso (4), o MD “funciona cataforicamente, sinalizando que o segmento subsequente especifica algo a que alude o segmento anterior⁸”; no exemplo (5), Lopes (2014: 42) classifica esta função de equivalência semântica, com o MD a introduzir o processo de *codeswitching*; em (6), o MD exibe uma função de autorreformulação não-parafrástica; o MD prefacia a correção do enunciado anterior.

Esta polifuncionalidade de um só MD levanta outra questão à qual o processo de gramaticalização não responde, pois aqui o que temos não é a coexistência de uma forma dotada de significado lexical e de uma forma gramaticalizada, mas a mesma forma a funcionar como MD, embora com funcionalidades diferentes. Vários autores tentam encontrar uma explicação para esta polifuncionalidade. Autores como Schourup (1985, 1999), Schiffrin (1987) e Fraser (1999) apoiam a existência de um ‘core meaning’ inerente aos MD. Schourup (1999: 249) afirma que “studies of individual DMs have in most cases attempted to isolate an invariant semantic content for each marker, usually referred to as its ‘core meaning’”, isto é, de acordo com esses autores, o ‘core meaning’ é um significado que cada MD tem, central a todos os usos. Fraser (1999: 945), apesar de afirmar que os MD, dependendo dos usos, podem ter significados ligeiramente diferentes, acredita que existe um

⁸ Lopes (2014: 42).

único ‘core meaning’ e afirma que, embora os MD possam aparentar significados diferentes do ‘core meaning’ previamente definido, “careful inspection will reveal that this elaboration can be attributed to the discourse context, both linguistic and non-linguistic”.

Por outro lado, a tese polissémica que atualmente domina a investigação, defende, de acordo com Fischer (2006: 13), que “there are different distinct readings and that these different senses are related”. Assim, Fischer distancia-se da visão de ‘core meaning’ e defende a possibilidade de vários sentidos inter-relacionados com indeterminação de significado.

2.1.3 Características dos Marcadores Discursivos

Como tudo o que envolve esta categoria, também os traços definitórios dos MD não são consensuais. Segundo Schiffrin (1987) as características dos MD são as seguintes:

- (i) o MD é um elemento exterior à estrutura sintática em que ocorre, característica também apontada por Erman (2001: 1339) que declara que o marcador discursivo “occur ‘outside’ the syntactic structure”;
- (ii) é comumente usado em posição inicial de um enunciado⁹. Esta característica é também mencionada por outros autores como Fraser (1990) e Biber, Johansson, Leech, Conrad, & Finegan (1999), embora outros como Brinton (1996) e Bell (1998) apontem a posição inicial do MD ao nível da frase;
- (iii) tem necessariamente de ter contornos prosódicos, sendo usado com pontuação que evidencia a sua autonomia prosódica e o seu estatuto de inciso; Schiffrin acrescenta ainda que este traço é seguido por uma “phonological reduction” (1987: 328); contudo, segundo Müller (2005: 5) esta última característica não é apontada por muitos autores como característica definitiva dos marcadores discursivos;
- (iv) tem de ser capaz de operar tanto a um nível global quanto local do discurso, i.e., operar na relação de coerência do texto a nível global (coerência entre, por exemplo, parágrafos) ou local (entre frases ou orações por exemplo), assim como

⁹ Vale aqui salientar que Schiffrin trabalha no âmbito da língua inglesa; quanto a trabalhos sobre a língua portuguesa, esta característica não aparece na literatura.

tem de operar em diferentes planos do discurso que ela previamente delineou, de acordo com o tipo de coerência¹⁰;

- (v) todos os MD têm um ‘core meaning’¹¹. Para Fraser (1999: 944), este ‘core meaning’ é procedimental e não concetual, ou seja, a representação dos MD não é concetual no sentido de transmitir um significado de natureza lexical, como ‘cadeira’, por exemplo, mas procedimental no sentido de que especifica uma instrução relativa à forma como tais significados lexicais devem combinar-se entre si.

Hölker (1991) e, mais tarde, Bazzanella et al. (2007: 10-11) propõem três características: os MD não afetam a semântica do enunciado nem contribuem para o seu conteúdo proposicional, i.e., não afetam a verdade do enunciado, que pode funcionar, a nível semântico, sem eles; os MD estão intrinsecamente relacionados com a situação de enunciação e não com o conteúdo, característica que, segundo Bazzanella et al. (2007: 10), “corresponds to an extreme sensitiveness to the variation of both context and cotext”; apresentam funções emotivas e/ou expressivas, mais do que denotativas ou referenciais.

Em 1996, para além de todos os traços definitórios já aqui mencionados por outros autores, Brinton, numa análise mais detalhada, ressalva o facto de os MD ocorrerem em grande número na oralidade informal. Esta característica não só é apontada também na teoria de Erman (2001), como é reforçada, uma vez que esta autora (*ibid*, 2001: 339) chega a afirmar: “they are all restricted to spoken language (or mimetic dialogue).” Além desta característica, Brinton (1996), numa menção controversa, ainda declara que os MD são sobretudo típicos do discurso feminino, por considerar serem traços pragmáticos e considerar que as mulheres têm maior propensão para o uso dessas partículas, mais expressivas.

¹⁰ ‘Exchange structure’, que se refere à mecânica de uma conversa, ou seja, às alterações na posição de locutor e interlocutor e à forma como estão relacionadas; ‘action structure’, ou seja, a sequência dos atos de fala que correm ao longo do discurso; ‘ideational structure’, a estrutura que relaciona as ideias entre si; ‘participation framework’, que se refere às relações contruídas entre os participantes da conversa; e ‘information state’, ou seja, a organização de conhecimento ao longo do discurso.

¹¹ A autora não se delonga muito nesta noção, afirmando apenas que este ‘core meaning’: “do not fluctuate from use to use; rather, what changes is the discourse slot in which they appear” (Schiffrin, 1987: 318).

Apesar de todas as diferenças, há uma ideia unânime dos autores supramencionados: os traços característicos são sobretudo funcionais, mais do que propriedades fixas e intrínsecas destas partículas.

2.2 Os Marcadores Discursivos de Reformulação

A presente dissertação debruçar-se-á sobre um tipo específico de marcadores discursivos: os marcadores de reformulação.

O conceito de reformulação, em linguística, surgiu em Antos (1982), mas um dos mais importantes estudos deste tipo de marcadores foi feito por Gülich & Kotschi (1983). Com base num *corpus* de ocorrências orais em francês, estes autores analisam e descrevem os marcadores de reformulação nessa língua. Partindo do princípio de que há numerosas partículas que sinalizam uma relação parafrástica entre dois enunciados, a sua análise limita-se a investigar a reformulação parafrástica. Segundo Gülich & Kotschi, a paráfrase é um modo de os falantes resolverem problemas comunicativos durante as interações orais de modo a que a situação comunicativa seja mais clara, mas também problemas de sentido das relações sociais envolvidas durante uma conversa. Deste modo, a reformulação parafrástica é sinalizada pela presença do marcador, pois só assim os recetores da mensagem poderão entender a intenção do falante de reformular o seu próprio enunciado. O estudo levado a cabo por estes autores tem três grandes objetivos (Gülich & Kotschi, 1983: 306):

- Quels sont les éléments qui peuvent servir de MRP¹² ?
- Quelles sont les fonctions des MRP dans l'organisation du discours et dans l'interaction verbale ?
- Quelles sont les fonctions discursives et interactives qu'un locuteur réalise en utilisant une paraphrase ?

Na sua análise, o critério que os autores escolheram para determinar quais são as unidades ou expressões que podem ser consideradas marcadores discursivos de reformulação

¹² Esta sigla desdobra-se em 'Marqueurs de Reformulation Paraphrastique'. Em português: marcadores de reformulação parafrástica.

parafrástica é a existência de uma relação de equivalência semântica entre dois enunciados. Com base nestes critérios, delinearam as duas principais categorias: a primeira engloba expressões compostas por nomes e/ou verbos que se relacionam com situações comunicativas, na qual se incluem expressões como: ‘c’est-à-dire’, ‘c’est que’, ‘je veux dire’, etc; a segunda é composta por morfemas (por exemplo, ‘ah’, ‘ah ou’) e expressões idiomáticas (tais como, ‘ou alors de toute façon’).

Daniel Mazzaro (2012) afirma que para Rossari (1994) na reformulação parafrástica “há uma equivalência semântica entre dois enunciados, sobretudo pelo ato de “predicação de identidade”: dois enunciados são produzidos e se encadeiam de tal maneira que podem e devem ser compreendidos como “idênticos”.” (Mazzaro, 2012: 32). Ele acrescenta ainda que um marcador de reformulação parafrástica “pode assinalar uma relação desse tipo independentemente do contexto, pois as propriedades semânticas desses marcadores permitem instaurar uma predicação de identidade inclusive entre enunciados que não possuem nenhuma equivalência semântica”, como nos casos (7) e (8) respectivamente retirados de Mazzaro (2012: 32-33):

(7) O leopardo é um quadrúpede, ou seja, caminha sobre quatro patas.

(8) Somos liberais, ou seja, democratas sem adjetivos, e afirmamos uma sociedade que inclua todos nas possibilidades de progresso. (Folha de São Paulo, 11/12/2007)

Como se pode ver, no caso (7) existe uma verdade universal, ligado por um MD de reformulação que marca a sua equivalência, embora tal seja independente do contexto; por sua vez, no caso (8) a relação de equivalência semântica é feita única e exclusivamente pelo marcador discursivo, uma vez que a semântica entre os dois segmentos não é idêntica.

Apesar da grande contribuição destes autores para o estudo dos MD de reformulação parafrástica, é Roulet (1987: 117) o primeiro autor a estudar a reformulação não-parafrástica:

Nous posons qu'un connecteur reformulatif subordonne rétroactivement un mouvement discursif antérieur, ou un implicite, à une nouvelle intervention principale, en indiquant un changement de perspective énonciative. Il intègre les deux constituants qu'il articule dans une intervention de rang supérieur. Le changement de perspective énonciative opéré varie selon le connecteur reformulatif utilisé.

Assim, o autor admite a função de reformulação não-parafrástica para certos MDR (marcadores discursivos de reformulação), ou seja, estes MD marcam um *shift* enunciativo, cancelando informação previamente dita.

Saz-Rubio (2003: 213) considera que as propriedades definitórias dos MD de reformulação são apenas duas: eles conectam enunciados linguísticos e a sua presença não afeta a verdade do enunciado no qual participam. Por outras palavras, os traços definitórios dos MD de reformulação remontam aos traços já listados dos marcadores discursivos. Saz-Rubio considera ainda traços não definitórios dos marcadores discursivos de reformulação:

- (i) 'Type of meaning encoded by DMs'
- (ii) 'Multi-categoriality'
- (iii) 'Weak clause association'
- (iv) 'Initiality'
- (v) 'Optionality of DMs'
- (vi) 'Number of speakers'

Saz-Rubio considera estes traços não definitórios porque não definem todos os MD apesar de serem propriedades da maior parte deles. No caso (i), o sentido codificado pelos MD é sobretudo procedimental e não concetual, ou seja, o MD 'apenas' fornece instruções sobre como interpretar o segmento ao qual está ligado. Fraser (1999), tendo em consideração estas noções, afirma que alguns MD codificam estes dois tipos de sentidos. Alguns autores explicam esta mudança de sentido através do processo de gramaticalização já acima explicado. Por 'multi-categoriality' entende-se a heterogeneidade dos marcadores discursivos de reformulação e o facto de muitos dos MD de reformulação poderem fazer parte de classes formais como advérbios. A noção de 'weak clause association' refere-se à parca ligação que o MD mantém com a sintaxe frásica, pois a frase pode funcionar a nível sintático sem o MD, uma vez que este é prosodicamente independente e pode ser omitido. Muitos autores apontam que os reformuladores aparecem, na maioria das vezes, em posição inicial ('initiality'). No entanto, a maior parte deles admite mais do que essa posição, como por exemplo 'that is to say' e 'in other words', enquanto 'namely' pode ocorrer apenas em posição

inicial. A opcionalidade dos marcadores de reformulação ('optionality') estende-se apenas aos reformuladores parafrásticos, com a autora a salientar que a opcionalidade é:

more difficult to accept for DMs of Rectification, Conclusion or Summary, traditionally viewed as non-paraphrastic, since their elision brings about an incomprehensible sequence in most of the cases and suppresses the type of relationship intended to for them by the speaker.

A sexta característica apontada por Saz-Rubio é algo que muitos autores tratam de maneira breve: segundo Saz-Rubio (2003: 227), os MD de reformulação por ela estudados são possíveis em contexto monológico e, para alguns deles, é raro encontrarem-se em contextos dialógicos, nomeadamente 'namely', 'for example', 'for instance', 'viz', etc., embora a autora realce que parecem ser aceites em situações em que a interação conversacional envolva três ou mais falantes. Esta perspetiva dialógica recorda o caso da heterorreformulação, apontado também por Lopes (2014: 43):

O marcador mantém a sua posição inicial, prefaciando o segmento que configura a reformulação, mas o facto de a unidade discursiva ser diferente – trata-se de uma intervenção reactiva, da responsabilidade do interlocutor – faz com que novos valores sejam activados. De facto, a função básica desta intervenção reactiva é sinalizar uma atitude de forte cooperação por parte do interlocutor.

Fraser (2006), na sua análise a todos os tipos de marcadores discursivos, e não apenas aos marcadores de reformulação, classifica partículas linguísticas como 'in other words', 'that is', 'for example', 'for instance' e 'in particular' como 'elaboration discourse markers'. A função destes marcadores, segundo o autor, é tornar mais forte algum aspeto ou conteúdo do primeiro segmento (S1), na medida em que o S2 (segundo segmento) que está ligado ao MD coloca em paralelo, aperfeiçoa e/ou aumenta o conteúdo e/ou algum aspeto do S1. Uma das subclasses desta categoria são os 'reformulative markers'.

Segundo este autor, os 'reformulative markers' são marcadores que não adicionam informação, mas sim aperfeiçoam e ampliam a mensagem do falante. Por outras palavras, os marcadores de reformulação realizam uma reelaboração da mensagem anterior, de modo a explicar, a corrigir, a resumir a informação dada anteriormente e até mesmo a oferecer uma conclusão. Segundo Saz-Rubio (2003: 208), estes são exemplos dos MD que se inserem nesta categoria:

Above all, also, alternatively, analogously, and, besides, by the same token, correspondingly, equally, for example, for instance, further (more), in addition, in other words, in particular, likewise, more accurately, more importantly, more precisely, more to the point, moreover, on that basis, on top of it all, or, otherwise, similarly, that is (to say).

Num artigo de Pic et al. (2013: 6) sobre os MD de reformulação na língua inglesa, os autores dividem, em primeiro lugar, a reformulação em dois grandes tipos, consoante o seu registo: reformulação heterogénea e reformulação homogénea, duas categorias que se distinguem pela mudança ou não de registo. Por outras palavras, a reformulação heterogénea caracteriza-se pela existência de um “*basculement d’un registre à un autre, quel qu’en soit le sens*”, enquanto a reformulação homogénea é qualificada enquanto tal se o registo “*conserve une certaine homogénéité*” (Pic et al., 2013: 6).

De seguida, estes mesmo autores dividem os marcadores discursivos de reformulação tendo em conta as suas funções: reformuladores clarificantes e reformuladores precisantes¹³. De acordo com eles, a reformulação clarificante caracteriza-se da seguinte forma:

L’auteur anticipe une difficulté éventuelle de décodage et ajuste en conséquence son discours à son destinataire qui est ramené de ce qu’il ne connaît pas à ce qu’il connaît mieux. Il s’agit de dire différemment ou autrement pour clarifier et pour rendre plus accessible ce qui n’est pas supposé être clair, acquis ou stabilisé. (Pic et al., 2013: 6)

Por sua vez, na reformulação ‘*précisante*’, em vez de procurar clarificar a mensagem, o locutor procura ser mais preciso no que diz e/ou mostrar-se como conhecedor de um dado tema:

En discours vulgarisé, la reformulation précisante peut aussi permettre à l’auteur de se placer dans une visée didactique. En opérant du plus connu vers le moins connu, elle amène le lecteur vers un mot nouveau. Cependant, elle y est somme toute moins fréquente, car elle marque trop visiblement l’asymétrie de connaissances entre auteur et lecteur.

À l’inverse, elle est plus naturelle en discours spécialisé où la précision terminologique est un prérequis et où tout manquement dans ce domaine risquerait de porter atteinte à la « face positive » de l’auteur (Brown & Levinson 1987), c’est-à-dire à sa réputation en tant qu’expert. (Pic et al., 2013: 7)

¹³ ‘Reformulation clarifiante’ e ‘reformulation précisante’, no original.

Ainda em relação à língua inglesa, Saz-Rubio (2003) divide os MD de Reformulação em quatro grupos principais de acordo com as suas propriedades semânticas: 'Explanation' (Explicação), 'Rectification' (Retificação), 'Conclusion' (Conclusão) e 'Summary' (Resumo). Por sua vez, estes são subdivididos com base na função específica que apresentam na classe em que se inserem. De seguida, será dado um resumo do quadro teórico de Saz-Rubio (2003), acautelando que a autora afirmou que todas as classes da sua divisão são abertas, admitindo sempre novos itens.

O grupo dos reformuladores explicativos engloba os MD de reformulação com valor de recharacterização da mensagem anterior ou de alguma palavra ou conjunto de palavras da mensagem, de modo a explicar melhor o enunciado anterior, geralmente por palavras mais fáceis ou compreensíveis para o interlocutor. Deste grupo fazem parte os subgrupos da 'Identification' (Identificação), da 'Clarification' (Clarificação) e da 'Illustration' (Ilustração). No subgrupo da Identificação, a autora lista os MD 'namely' e 'viz', afirmando que a reformulação introduzida por estes MD serve para identificar uma referência feita por alguma unidade do S1, que pode ser uma expressão indefinida, e daí que seja precisa a sua identificação, mas também é possível ser uma referência definida, cuja identificação servirá para contextualizar melhor a informação.

O subgrupo da Clarificação, tal como definido por Saz-Rubio (2003), compreende os MD que sinalizam uma "recharacterization of the message conveyed by the whole previous discourse segment S1, or one of its constituents, the rendition of which is a newly reformulated discourse segment S2 that clarifies some aspect of S1." (Saz-Rubio, 2003: 234). Neste grupo encontram-se itens como 'that is to say' e 'in other words', que são classificados pela autora como marcadores de clarificação neutros; com esta denominação, ela quer dizer que estes dois MD são utilizados nas duas vertentes que formam o subgrupo da clarificação: a reformulação do S1, ou de algum dos seus componentes, por palavras mais simples e a reformulação do S1, ou de algum constituinte, por palavras mais complexas, o que sucede em contextos profissionais e técnicos. Assim, estas duas vertentes do subgrupo da Clarificação

assemelham-se à função de clarificante e precisante, respetivamente, definidos por Pic et al. (2013).

O subgrupo da Ilustração compreende todos os MD de reformulação que ilustram algum aspeto do enunciado anterior. 'For example' e 'for instance' são os marcadores paradigmáticos deste subgrupo, pois como o próprio nome indica, estes MD assinalam o surgimento iminente de ilustrações (isto é, exemplos).

O grande grupo da Retificação, como se pode deduzir do termo, é composto pelos MD que funcionam como um meio de reformular a mensagem anterior, de modo a corrigi-la, ou a reparar alguma ou toda a informação. Também este grupo é dividido em subgrupos: o subgrupo da 'Rectification and Improvement' (retificação e melhoramento), grupo no qual o S1 não só é retificado, mas também melhorado, e do qual constam os MD '(or) better still', 'or better yet', etc; e o subgrupo da 'Rectification and Fine-tuning' (retificação e precisão), grupo dos quais fazem parte os MD '(or) more accurately', '(or) more precisely', que transportam consigo a ideia não só de retificação, mas de precisão ou especificação do enunciado anterior.

O grupo dos conclusivos é composto pelos MD que assinalam uma conclusão do enunciado anterior, oferecendo uma reformulação dele, pois o enunciado seguinte é uma consequência lógica do anterior. 'In conclusion' é o exemplo paradigmático deste grupo, mas Saz-Rubio ressalva os exemplos mais informais 'to cap it off' e 'to top it off'.

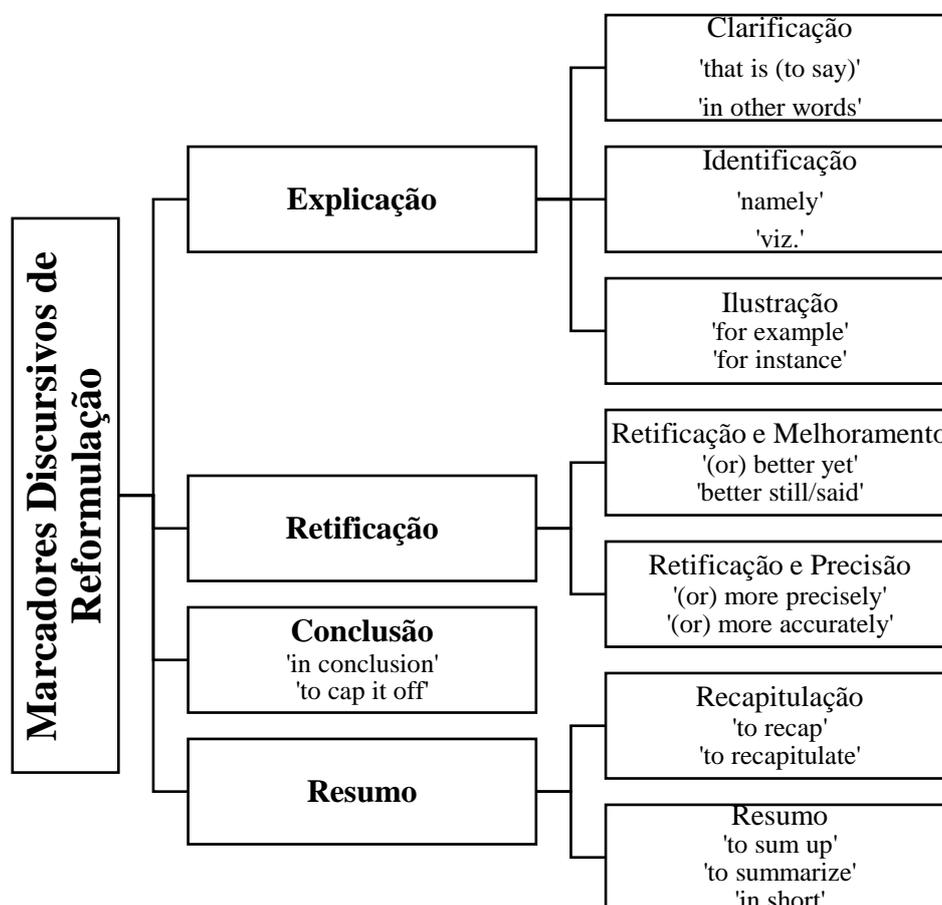
O grupo do Resumo é composto pelos marcadores de reformulação que marcam o início de um enunciado mais curto que o anterior, mas que condensa a mesma informação. Existem dois subgrupos presentes nesta categoria: os marcadores de recapitulação¹⁴ – como 'to recap' e 'to recapitulate' – e os marcadores de resumo¹⁵, compostos por MD como 'in sum' e 'to sum up'.

Abaixo apresenta-se um esquema inspirado na tabela de Saz-Rubio (2003), que sintetiza os grupos dos marcadores de reformulação. Nesta tabela, a lista de exemplos não é exaustiva, ao contrário da investigação da autora, que trabalha muitos mais marcadores discursivos dos que os apresentados no esquema:

¹⁴ 'Recapitulation' no original (Saz-Rubio, 2003: 239).

¹⁵ 'Summary' no original (Saz-Rubio, 2003: 239).

Figura 1 - Os Marcadores Discursivos de Reformulação



Com base nesta categorização de Saz-Rubio (2003), será importante visitar Lopes (2014) e o seu estudo sincrónico dos marcadores discursivos ‘quer dizer’, ‘ou seja’ e ‘isto é’ no português europeu contemporâneo. Neste artigo, a autora propõe-se analisar estes três marcadores de reformulação. Socorrendo-se de alguns autores – Gülick & Kotshi (1983, 1995), Roulet, Auchlin, Moeschler, & Rubattel (1985) e Rossari (1994) – Lopes (2014: 34-35) considera que a reformulação é:

Uma operação metadiscursiva pela qual o falante reelabora um enunciado movido pela intenção de tornar mais inteligível o seu discurso, reduzindo eventuais riscos de incompreensão por parte do interlocutor. Neste sentido, a reformulação visa reparar problemas de formulação e pretende garantir a intercompreensão, numa perspetiva interativa.

No artigo, a autora analisa especificamente três reformuladores, dois dos quais serão alvo de análise da presente dissertação. Por essa razão, focar-me-ei apenas nesses dois MD: ‘ou seja’ e ‘isto é’.

2.2.1 ‘Ou seja’

Este marcador, composto pela conjunção disjuntiva ‘ou’ e pelo verbo ‘ser’ na terceira pessoa do singular no presente do conjuntivo, está completamente gramaticalizado. Por outras palavras, e recordando o que já foi mencionado anteriormente (cf. secção 2.1.2), acerca do conceito de gramaticalização, tal como estudado por Hopper (1991), Hopper & Traugott (2003), Heine & Kuteva (2007) e Steiner (2010), só para citar alguns autores, o percurso deste marcador ilustra o terceiro caso previsto por Hopper (1991): o de que a gramaticalização torna a partícula vazia a nível semântico e lexical, deixando-a apenas com valor discursivo-pragmático.

No estudo por Lopes, a autora atribui ao marcador discursivo ‘ou seja’ o valor de reformulação, subdividido de acordo com o tipo específico de reformulação (autorreformulação parafrástica, catáfora, equivalência e autorreformulação não parafrástica); o valor de conclusão – que, ao contrário do proposto por Saz-Rubio, não é um subgrupo da reformulação –; e, numa nova abordagem, um valor que ela ressalva ser muito específico do discurso oral, o valor de formulação.

No âmbito do valor da reformulação, Lopes considera que um dos subgrupos – ao qual chama o caso paradigmático da autorreformulação parafrástica – é o da clarificação, também descrita por Saz-Rubio (2003). Baseada em exemplos do *corpus* analisado, Lopes estipula que neste subgrupo, ‘ou seja’ é usado pelo falante para “tornar mais precisa, explícita ou clara a informação que pretende comunicar” (2014: 41).

Como uma característica particular, Lopes aponta as ocorrências em que ‘ou seja’ funciona cataforicamente, i.e., o segmento que segue o MD especificará algo a que se aludiu no segmento anterior, dando o seguinte exemplo como ilustração:

Penso que se não houvesse um objetivo determinado e declarado, ou seja, o de conseguir o mesmo objetivo pretendido em 1982 pelo Secretário de Estado Alfaia, tudo quanto se está a passar seria incompreensível (A151466). (Lopes, 2014: 42)

Lopes estuda também casos aos quais ela chama de ‘estrita equivalência semântica’. Por outras palavras, o segmento textual que segue o MD tem o mesmo significado que o segmento que o antecede, como por exemplo:

(9) No seu documento final, esta sessão extraordinária proclamou a semana a começar na data do aniversário da Constituição da ONU, ou seja, a 24 de Outubro... (A132693).

(10) Mas essas bolachas, são as bolachas geralmente que têm... o filling ou seja o recheio, não é... (1143-11-D05-001-38-F-C-3-2-H)

Estes exemplos, retirados de Lopes (2014: 42), mostram essa equivalência semântica: em (9), o S2 identifica a data a que o acontecimento mencionado em S1 faz referência; em (10), o MD introduz a tradução de um termo de inglês para português, configurando um caso de *codeswitching*. No entanto, Lopes não especifica se estes casos de equivalência semântica poderão também ter o valor de clarificação.

Todos os casos tratados até este ponto por Lopes são considerados parte da autorreformulação parafrástica, conceito que ela utiliza com base na distinção que Gülich & Kotshi (1983, 1995), Roulet et al. (1985) e Rossari (1994) fazem de reformulação parafrástica e reformulação não parafrástica, distinção que também Saz-Rubio (2003) realiza.

A reformulação não parafrástica diz respeito a uma reformulação que pressupõe um distanciamento relativamente ao enunciado a ser reformulado. ‘Ou seja’ aparece em várias ocorrências do *corpus* de Lopes com esse valor, o qual ela define como valor de retificação: o MD sinaliza o cancelamento da informação anterior. Vale apontar que este valor, na análise levada a cabo, apenas ocorreu em interações orais, não estando presente em exemplos escritos. Este valor faz lembrar o da retificação que Saz-Rubio (2003) também considera um dos três grandes tipos de reformulação. Um dos exemplos (retirado de Lopes, 2014: 43)¹⁶ do tipo de ocorrências de ‘ou seja’ com este valor é o seguinte:

¹⁶ Meu sublinhado.

(11) Não, não, eu não tenho tido chatices nenhuma, não tenho tido absolutamente chatices nenhuma. E até desde que cá estou nunca tive pessoa nenhuma que lá ficasse presa. Ou seja, não, tive, foi um senhor abade...(346-18-C-00-011-42-M-I-1-7-00)

No âmbito da reformulação, ‘ou seja’ pode ainda ter um valor de heterorreformulação, mantendo a sua posição inicial, mas sendo utilizado pelo interlocutor e não pelo falante. Este uso sinaliza que o interlocutor está em cooperação com o falante e, por essa razão, é exclusivo de situações conversacionais. Devido ao facto de o estudo não tratar deste tipo de discurso – dialogal-conversacional – esta noção não será aqui alargada.

Como já dito acima, Lopes considera que ‘ou seja’ pode ter um valor conclusivo, mas não o considera como constituindo um subgrupo dos marcadores de reformulação, como faz Saz-Rubio (2003).

Para além da reformulação e do valor conclusivo, Lopes salienta ainda que o MD ‘ou seja’ pode funcionar como indicador de formulação, sendo que, nesse caso, e tal como foi encontrado em *corpora* analisados por Lopes, funciona como “marcador de planificação on-line do discurso, marcando hesitações, pausas (...).”

2.2.2 ‘Isto é’

Formado pelo pronome demonstrativo invariável ‘isto’ e pela terceira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo ‘ser’, ‘isto é’ tem uma estrutura semelhante à de MD equivalentes em outras línguas: em inglês ‘that is’, em castelhano ‘esto es’. Mais uma vez, este é um MD completamente gramaticalizado e, assim, destituído de valor semântico.

Na análise levada a cabo por Lopes, ‘isto é’ tem maioritariamente uma função de reformulação. No âmbito da reformulação, são encontrados valores mais específicos deste MD, como o valor de equivalência semântica, o valor de clarificação ou de explicação e o valor de precisão ou de clarificação, como se mostra, respetivamente, nos exemplos seguintes:

- (12) Claro que o patrão, isto é, o dono, pode ser ou não o gerente: pode, na realidade, delegar em profissionais, que são como «empresários por conta de outrem». (par=ext1345580-nd-91b-1:)
- (13) Que o romance está a morrer e a ser substituído pelo hipertexto, isto é, por vídeos do tipo interactivo como aqueles que eu vira sobre Viena e sobre Mozart. (par=ext298824-clt-92b-1)
- (14) Finalmente, é necessário ter em consideração que os estudos telefónicos excluem aquela parte da população que não tem telefone, isto é, a mais pobre, mais idosa e a que vive em zonas rurais -- isto é, tende a excluir eleitores que todos os estudos indicam serem maioritariamente pelo «não». (par=ext257367-nd-98a-2)

Como o MD 'ou seja' desempenha valores e funções semelhantes a este, Lopes aponta que, nestes casos, 'isto é' e 'ou seja' podem substituir-se sem restrições.

Todavia, ao contrário de 'ou seja', 'isto é' raramente é encontrado com valor de reformulação retificativa, sendo que a autora oferece apenas um exemplo deste uso.

Ainda dentro do grande grupo dos reformuladores, Lopes nota que, no *corpus* escrito que ela analisou, 'isto é' aparece frequentemente com uma função catafórica, ou seja, especificando algo a que já se aludiu anteriormente:

- (15) Já o Banco de Portugal tem a ver com isso, isto é, o Banco de Portugal tem a ver com a idoneidade dos futuros adquirentes, com a solidez financeira da engenharia financeira subjacente a eventuais operações. (par=ext267427-eco-94b-1)

Menos frequente, segundo Lopes (2014: 47) é o caso da autorreformulação corretiva ou retificativa, em que o falante retifica ou corrige uma informação. O exemplo seguinte foi retirado de Lopes (2014):

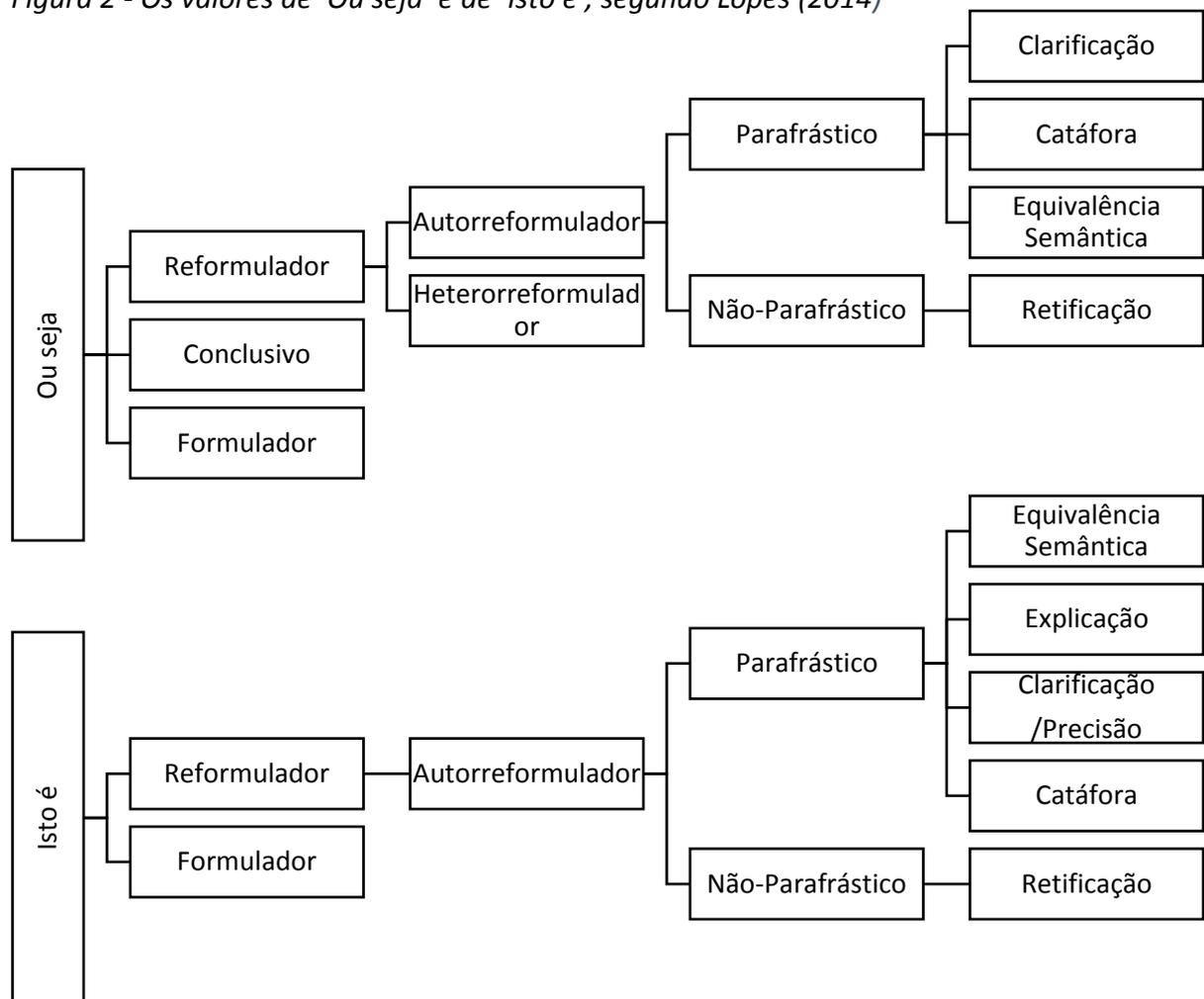
- (16) Nós somos os melhores pagos de todos os médicos. Pois, somos os que tamos mais atrasados. Isto é, os que tão um ano à nossa frente ainda recebem mais uns pozinhos do que nós, mas com a excepção desses e de nós, todos os outros

medicos formados há cinco, dez, quinze anos, tão a ser pior pagos do que nós.
(472-14-A00-007-26-M-A-6-8-00)

Para além de reformulador, ‘isto é’ pode ter valor de formulação, usado como um ‘filler’, “uma pausa discursiva preenchida, sinalizando o processo de formulação on-line do próprio discurso, que reflete a não planificação prévia do que se pretende comunicar” (Lopes, 2014: 40).

Depois desta revisão do artigo de Lopes, apresenta-se um gráfico com os valores que ‘ou seja’ e ‘isto é’ podem desempenhar:

Figura 2 - Os valores de ‘Ou seja’ e de ‘Isto é’, segundo Lopes (2014)



Numa breve comparação entre a análise de Saz-Rubio (2003) e a de Lopes (2014), pode aceitar-se o seguinte: Saz-Rubio (2003) e Lopes (2014) estudam o valor dos marcadores de reformulação, partindo de uma abordagem diferente. Quando Saz-Rubio (2003) enumera os diferentes tipos de reformulação de uma forma bastante detalhada, fá-lo a partir de vários estudos dos mesmos marcadores, dos seus valores semânticos e, de seguida, propõe uma lista dos MD que entram em cada categoria, num estudo de natureza onomasiológica; já Lopes (2014) faz uma abordagem semasiológica: a partir dos MD ‘isto é’ e ‘ou seja’ e das suas ocorrências específicas, a autora determina os valores desempenhados por estes MD.

Como Lopes indica, ‘that is’ tem uma construção semelhante à de ‘isto é’, de modo que parece quase seguro traduzir este MD em inglês pelo seu equivalente. Por essa razão, *a priori* penso que este seja o marcador discursivo que será mais utilizado nas interpretações e traduções das ocorrências do MD ‘isto é’ pelo Parlamento Europeu. No entanto, se assim acontecer, e tendo em conta que ‘that is’ é, segundo Saz-Rubio, um marcador de reformulação de natureza clarificadora e, segundo Lopes, pode funcionar como sinalizador não só de clarificação, como de explicação, precisão e equivalência semântica, mas também de formulador, será essa tradução óbvia assim tão segura? E o que dizer de ‘ou seja’, o qual desempenha ainda mais funções como MD do que ‘isto é’?

3 A Tradução e a Interpretação de Marcadores Discursivos

Este capítulo tratará do enquadramento teórico relativo à tradução dos MD, recorrendo ao trabalho de Furkó (2014). Devido ao facto de este último recorrer a Nida, o capítulo revisitará o conceito de equivalência, tal como proposto por Nida; passará por uma breve apresentação de Estudos de Tradução baseados em *corpus*, uma vez que nessa área se encontram algumas contribuições para o estudo dos MD. Além disso, este capítulo irá abordar alguns dos estudos sobre MD nesta área. Para tal, recorrerá a autores como Siepmann (2005) e Xiao (2011).

Para concluir, será abordada a interpretação dos MD, com alguns conceitos que podem ajudar, mais tarde, na análise dos *corpora*.

3.1 Os MD em Tradução

Devido ao facto de serem partículas linguísticas com propriedades como a dependência do contexto, a polifuncionalidade e a ausência de conteúdo semântico, a sua tradução é uma tarefa difícil. Como já foi dito acima, os MD não participam no conteúdo proposicional do enunciado em que ocorrem, não alterando, portanto, o seu valor semântico, mas estruturam o discurso e sinalizam diversos tipos de relações de coerência, bem como indicam a atitude do falante, assim como dão ‘pistas’ aos interlocutores sobre o que está implícito no segmento textual.

Segundo Furkó (2014), devido ao facto de não interferirem no significado, muitas vezes os MD são omitidos na sua tradução; o mesmo dizia Aijmer (2008: 98), que declarou que os marcadores discursivos “do not translate well” e descobriu que muitos tradutores os omitem. No entanto, enquanto essa estratégia pode resultar em certos contextos, ou segundo certas perspetivas teóricas, em outros contextos, essa estratégia pode causar perda dos efeitos do ato de comunicação, tais como a naturalidade do discurso e a atitude do falante (Furkó, 2014:

183); algo semelhante já havia declarado antes Fraser (1988: 22), que disse que a omissão poderia “remove a powerful clue”, e resultar em frases pouco naturais.

Também segundo alguns autores (cf. Gülich & Kotschi, 1983), os MD de reformulação podem ser sinais que permitem articular as diferentes relações sociais presentes numa conversa, o que torna a tradução necessária no ponto de vista da tradução da ação comunicativa e social em si. Assim, se os MD forem omitidos na tradução, o discurso poderá ficar estranho a nível das dinâmicas sociais e do registo do texto de partida (TP).

Além da omissão, existem outras opções que os tradutores podem tomar no que respeita aos MD. Tais opções dependem do objetivo da tradução e do/a tradutor/a; isto é, as opções do/a tradutor/a estão intrinsecamente conectadas com aquilo que eles escolherem transmitir da mensagem original. Por exemplo, se a tradução for mais informativa, a omissão do MD de reformulação é mais aceitável, pois o objetivo será passar uma informação; já se intenção da tradução for mais focada em reproduzir as relações sociais, ou as intenções retóricas dos falantes, essa omissão não é a indicada. Esta dualidade transporta-nos aos dois tipos de orientação básica a serem seguidos por tradutores, segundo Nida (1964): a equivalência formal e a equivalência dinâmica. Para Nida, a equivalência, tanto a formal quanto a dinâmica, é a procura de uma semelhança de significados de uma língua para outra e a sua distinção baseia-se no que o tradutor pretende focar na sua tradução.

Equivalência

Este conceito inserido por Nida nos Estudos de Tradução em 1964, embora aceite por vários dos estudiosos à época, hoje levanta muitas questões sobre a sua legitimidade na área da tradução. Snell-Hornby (1988: 22) afirma que este conceito nada oferece senão uma ilusão de que existe simetria entre línguas, o que ela diz não ser verdade. A autora vai ainda mais longe e declara que o conceito afasta os verdadeiros problemas da tradução. Pym (2010: 165) concorda com esta visão de Snell-Hornby, mas declara que esta ilusão é “a necessary one”. O mesmo autor acrescenta ainda que muitas das teorias que usam este conceito, como a teoria do *Skopos*, têm algo a dizer que pode enriquecer a área dos Estudos de Tradução.

Devido ao facto de o conceito de equivalência entrar no trabalho de Furkó (2014) como essencial para a tradução de marcadores discursivos, acredito que o trabalho deste autor é um dos exemplos de enriquecimento da área dos Estudos de Tradução causado pelo conceito de que Pym (2010) fala. Acredito este conceito necessário também porque foi criado por linguistas (estruturalistas) e este trabalho centra-se em partículas linguísticas muito específicas. Por essa razão, farei uma breve apresentação sobre o conceito de equivalência dinâmica, tal como definido por Nida. Como o autor deste conceito o fez, traçarei um paralelismo entre a equivalência formal e a equivalência dinâmica.

Na sua obra (Nida, 1964), o autor começa por levantar algumas das dificuldades que o tradutor enfrenta. O facto de as línguas serem diferentes torna o ato translatório difícil, mas o conflito entre forma e conteúdo dificulta-o ainda mais, pois, muitas vezes, um dos dois tem de ser relevado em detrimento do outro. Na mesma linha de pensamento, existe o contraste entre a letra e o espírito do texto; por outras palavras, entre o que é dito e toda a simbologia ou conotação inerente à palavra (Nida, 1964: 12)¹⁷. A tudo isto, acrescenta-se o próprio ato comunicativo do texto, ato esse que, segundo o autor, está sempre a mudar.

Quanto à intenção ou objetivo do ato de comunicação em si, Nida (1964) considera que os elementos constitutivos deste são a fonte, a mensagem e o recetor, e estes elementos são essenciais para a tradução, uma vez que o autor considera que o objetivo das traduções é a comunicação. Na situação comunicativa, se o foco estiver sobre a fonte, o discurso torna-se expressivo; se a atenção incidir sobre a mensagem, a intenção é mais informativa; se se der mais importância ao recetor da mensagem, então a intenção é sugestiva, uma vez que a intenção é provocar uma reação no recetor, sem grande preocupação pelo conteúdo¹⁸. Entretanto, Nida considera que o ato comunicativo pode ser ainda uma combinação entre esses elementos, o que faz com que as intenções sejam muitas, tornando ainda mais difícil o trabalho do tradutor.

¹⁷ Note-se que Nida (1964) traça uma teoria com base na tradução da Bíblia; daí que a sua linguagem seja próxima de símbolos religiosos.

¹⁸ Vejam-se as similitudes entre esta tese e o modelo de comunicação apresentado por Karl Bühler (1934) em *Die Sprachtheorie* (Teoria da Linguagem), para dar conta dos diferentes tipos de texto tendo em conta a função desempenhada na situação comunicativa em que ocorrem (textos expressivos; textos representativos; textos apelativos).

Nida analisa ainda outros aspetos do processo comunicativo que são ou, pelo menos, devem ser levados em conta no processo de tradução. O autor identifica cinco componentes (no original 'phases') do ato de comunicação: o assunto, os participantes, o discurso (ou texto), a língua e a mensagem. No entanto, Nida (1964: 120) declara:

Though the actual process of communication in any specific instance may be described on the basis of these five phases, it is also possible to treat communication as a procedure by which source and receptor are related through the instrument of a message. These three basic components of source, receptor and message are related in rather complex ways.

Na relação complexa entre as três componentes da citação anterior, o autor considera dois aspetos: o 'feedback' e o ruído. Quanto ao primeiro aspeto, existem três tipos de 'feedback':

- (i) O 'feedback imediato', ou seja, aquele que o falante sente à medida que fala;
- (ii) O 'feedback do recetor', que pode ser não apenas verbal, como visual ou gestual, por exemplo através de gestos com as mãos e com a cabeça;
- (iii) Por fim, existe o 'feedback antecipado', ou seja, aquele que o falante prevê da parte do recetor, o que o pode levar a modificar a mensagem.

O ruído, na perspetiva de Nida, distorce a mensagem e pode ser exemplificado, em atos orais, com sons de fundo, gestos visuais que distraem o falante, entre outros; e em textos escritos, com má ortografia, falhas de tinta, etc... Nida ressalva ainda o ruído psicológico, que considera ser a distorção de uma mensagem por fatores como o cansaço, a doença, entre outros.

Todos estes elementos, presentes no ato de comunicação, devem ser considerados pelo tradutor, pois para Nida, uma boa tradução é aquela que provoca no leitor do texto de chegada uma reação semelhante à dos leitores do texto de partida. Por outras palavras, a tradução é especificamente preparada para um grupo restrito de recetores, de modo a que a sua descodificação seja o mais natural e fácil possível.

Com tudo isto em mente, Nida avança para o conceito de equivalência numa perspetiva comparativa. O autor distingue dois tipos de equivalência: a equivalência formal e a equivalência dinâmica.

A equivalência formal centra-se na mensagem do texto de partida, tanto a nível formal quanto de conteúdo. Assim, uma frase no TP tem que originar uma frase no TC (texto de chegada), um parágrafo no TP tem de corresponder a um parágrafo no TC, além de ter que ser fiel aos detalhes lexicais, sem desconsiderar a informação da mensagem. Este tipo de equivalência faz com que o recetor do TC se identifique com o recetor do TP, de modo a que apreenda os seus costumes e a sua visão do mundo. No entanto, nestes casos, é necessário, muitas vezes, inserir notas de rodapé para o TC ser realmente entendido. Além disso, o tradutor tenta traduzir diretamente os elementos formais, isto é, por exemplo, um verbo é traduzido por um verbo, um adjetivo por um adjetivo, e assim por diante; as entidades sintáticas das frases são as mesmas, assim como a pontuação e outros indicadores formais. O autor diz ainda que as expressões idiomáticas são traduzidas literalmente – ou seja, palavra por palavra – com o objetivo de o leitor do TC poder compreender os elementos que remetem para a cultura da língua de partida (LP). É óbvio que isto vai colocar problemas de compreensão dos leitores do TC que desconhecem a cultura, mas tudo isto, lembro, seria suportado por notas de rodapé.

Assim, a equivalência formal recorre à estratégia de encontrar um equivalente mais literal para o MD. No entanto, isso acaba por resultar numa tradução com pouca qualidade, uma vez que, como já mencionado, por serem partículas pragmático-discursivas, o seu significado depende do contexto. Então, é quase impossível encontrar uma correspondência de um-para-um. Como já visto supra, estruturas formalmente similares podem não ser fiáveis em tradução; ‘isto é’ e ‘that is’ podem ter funções distintas e, por isso, não serem bons equivalentes um do outro em certos contextos.

A equivalência dinâmica distingue-se da formal, segundo o autor, porque segue o ‘princípio do efeito equivalente’, isto é, o TC tem de ter, no seu leitor, um efeito semelhante ao efeito que o TP tem sobre o seu leitor. A equivalência dinâmica procura a naturalidade do ato comunicativo original e, por isso, deve ter em conta três aspetos: a língua e a cultura do recetor; o contexto da mensagem; e o público-alvo. Assim, ao contrário da equivalência formal que obriga a que elementos gramaticais e formais sejam traduzidos pelos mesmos elementos na LC (língua de chegada), a equivalência dinâmica obriga a que, muitas vezes, sejam feitas transformações na ordem das palavras numa frase e a que, por vezes, substantivos sejam

transformados em adjetivos ou outros elementos gramaticais. Também os elementos culturais têm de ser traduzidos em função do público-alvo, de modo a que não pareçam estranhos na LC. Assim, este princípio preocupa-se mais com a relação entre texto e recetor.

Todos estes aspetos levam à conclusão de que a equivalência dinâmica é aquela que deve ser procurada quando se traduz marcadores discursivos. Gentzler (1993: 54) salienta precisamente que “Nida’s theory emphasizes not formal correspondence, but functional equivalence”, o que é útil neste caso devido à polifuncionalidade destas partículas linguísticas.

Equivalência segundo outros autores

Apesar de estar associado a Nida por ser o primeiro autor a considerar este conceito um objeto digno de ser estudado, muitos outros autores trabalham a noção de “equivalência”, seja como objeto ou meio de estudo. Pym (2010) divide, pois, estes autores de acordo com o conceito de equivalência que seguem: ‘natural equivalence’ (equivalência natural) ou ‘directional equivalence’ (equivalência direcional). Segundo Pym (2010: 7-8), a equivalência:

says that a translation will have the same value as (some aspect of) its corresponding source text. Sometimes the value is on the level of form (two words translated by two words); sometimes it is reference (Friday is always the day before Saturday); sometimes it is function (the function “bad luck on 13” corresponds to Friday in English, to Tuesday in Spanish). Equivalence need not say exactly which kind of value is supposed to be the same in each case; it just says that equal value can be achieved on one level or another.

Esta definição é muito semelhante à de Nida (1964) e levantou muitas questões porque apenas se vê um dos lados do problema. Por essa razão, Pym categoriza outros autores que estudaram a equivalência num outro paradigma: a equivalência direcional. Na sua obra, Pym (2010: 28) declara:

We will use the term “directional equivalence” to refer to all those cases where an equivalent is located on one side more than the other, at least to the extent that they forget to tell us about movements that could go either way. The term “natural equivalence” then refers to theories that assume the possibility of an equally balanced two-way movement. (...)

Por outras palavras, a diferença entre estas duas perspetivas de equivalência reside no facto de uma teoria considerar a equivalência algo natural, assumindo a equivalência como uma relação unidirecional não considerando a língua de partida, enquanto a outra observa a

equivalência como direcional, de uma língua para a outra, e com várias alternativas; ou seja, a distinção não está no conceito de equivalência, mas na “nature and location of value” (Pym, 2010: 28).

De acordo com Pym (2010: 28), em 1968, Kade propôs quatro tipos de equivalência¹⁹:

- (i) ‘Eins-zu-Eins’ (um-para-um): Um item da LP corresponde a um (único) item da LC, como por exemplo: o termo ‘table’ em inglês corresponde a ‘mesa’ em português e o mesmo acontece no caso inverso;
- (ii) ‘Viele-zu-Eins’ (um-para-muitos ou muitos-para-um): um item na LP pode corresponder a muitos na LC, ou a situação contrária;
- (iii) ‘Eins-zu-Teil’ (um-para-parte): Este caso ocorre quando não se encontra total equivalência entre línguas. Isto acontece principalmente entre línguas que marcam o gênero e outras que não o marcam; assim, em inglês, o termo ‘cat’, pode ter dois correspondentes, mas caso o contexto não diga o seu gênero, a equivalência será parcial porque não se determina a totalidade do conceito;
- (iv) ‘Eins-zu-Null’ (um-para-nenhum): Não se encontra, na LC, nenhum equivalente.

Depois da descrição dos trabalhos dos autores acima, tem-se dois olhares sobre a noção de equivalência que surgiram a partir do trabalho de Nida (1964). Há ainda que apontar que, apesar de as perspectivas serem diferentes, todas se baseiam na “crença” de que é possível a equivalência, e que essa equivalência é aquilo que constitui a tradução.

No entanto, como muitos críticos afirmam, – Pym (2010), Snell-Hornby (1988), entre outros – o efeito de equivalência dinâmica é, na maioria das vezes, impossível de atingir, pois teria de se ajustar a todos os níveis descritos por Nida para ter um efeito semelhante ao do TP. Ora, os MD, como já foi observado acima, são partículas que funcionam em vários planos e até simultaneamente: podem marcar uma relação entre os interlocutores; podem ser usados como recurso estilístico; podem marcar uma estrutura lógica, mas também podem dar pistas para a interpretação dos segmentos que sucedem os MD. Como partículas pragmáticas que são, e não contendo significado concetual mas procedimental, os MD obrigam os

¹⁹ Os termos que se seguem foram traduzidos por mim a partir do inglês de Pym (2010: 29): ‘one-to-one’, ‘one-to-several or several-to-one’, ‘one-to-part’ e ‘one-to-one’.

tradutores a recorrer não só a MD na língua de chegada, mas também a conjunções, a pontuação, a estruturas sintáticas e até mesmo à omissão, em muitos casos.

3.2 Corpus-based Translation Studies – Estudos de Tradução Baseados em Corpus

Jeremy Munday (2008) acredita que a linguística de *corpus*, a qual teve início nos anos 1980, pode ser uma grande base para os Estudos de Tradução. Esta abordagem começou na década de 1990 no campo dos Estudos de Tradução, com os objetivos iniciais de expandir uma abordagem orientada para o texto de chegada, com base na comparação ou no contraste entre os textos traduzidos e os não-traduzidos na língua de chegada (cf. Baker, 1993). O aparecimento de uma abordagem mais descritiva dos *corpora* paralelos chegou mais tarde, devido principalmente à falta de fontes e de meios para facilitar o tratamento de dados, como *software* de alinhamento, por exemplo. Dos seus precursores, aquele que mais se destaca é, segundo Fantinuoli & Zanettin (2015: 3), o projeto de Stig Johansson, o “English Norwegian Parallel Corpus”, que teve início nos anos 1990. Este projeto destacou-se por envolver mais do que uma língua e porque abordava questões como anotações bitextuais e alinhamento de *corpora* paralelos, sendo fonte para muitos estudos de linguística contrastiva e de tradução. No entanto, com o *software* limitado da época e com a conseqüente demora no processo, este projeto era um dos poucos com esta dimensão, o que limitou os estudos na área.

Entretanto, com o *boom* tecnológico dos inícios do século XXI, os meios para a construção de *corpora* paralelos tornaram-se mais acessíveis, possibilitando a crescente construção e o aumento dos estudos descritivos de tradução.

Segundo Fantinuoli & Zanettin (2015: 3-4), enquanto o termo ‘*corpora* paralelos’ se refere ao *design* de apresentação de um conjunto de textos, alinhados em unidades (parágrafos, frases, etc), de acordo com as diferentes línguas, os *corpora* comparáveis são conjuntos de textos que se assemelham como um todo. De acordo com Xiao (2011: 145-146), estes tipos de *corpora* são muito usados para estudos contrastivos, os quais analisam as diferenças entre várias línguas e também as diferenças entre as variedades de uma mesma

língua, tais como as diferenças entre os textos traduzidos de uma língua e os textos originalmente escritos nessa língua.

Estes estudos, segundo Xiao (2011: 146), contribuíram significativamente para saber mais sobre os universais da tradução, como a ‘normalization’ (normalização, hipótese que sugere que existe uma tendência de a tradução seguir exageradamente os padrões da língua de chegada); a ‘simplification’ (simplificação, ou seja, a propensão de a tradução tornar o texto mais simples a vários níveis); a ‘explicitation’ (explicitação, a tendência de tornar explícitas no texto de chegada características implícitas no texto de partida); a ‘sanitization’ (sanitização, processo através do qual a tradução ‘limpa’ os significados mais conotativos, tornando o texto, ou alguma partícula do texto uma versão neutra do original); e a ‘convergence’ (convergência, hipótese que os textos traduzidos tendem a ser homogêneos, ou seja, têm menos variações linguísticas e textuais em relação aos textos não traduzidos).

A construção dos *corpora*

Atualmente, existe um grande número de *corpora* disponíveis para estudos e ainda mais estudos baseados neles. Muitos dos investigadores que trabalham com *corpora* optam pelo método ‘DIY’ (*Do It Yourself*), ou por outras palavras, eles mesmo constroem os *corpora*, ainda que haja muitos *corpora* disponíveis *online*. Devido ao facto de os *corpora* disponíveis *online* não serem os indicados para vários tipos de pesquisas, os investigadores optam por serem eles a elaborá-los para os adaptar ao estudo que pretendem.

Para a construção dos *corpora*, os investigadores precisam da tecnologia necessária, de modo a poupar tempo. Mikhailov & Cooper (2016: 19) apontam sete fases de construção de um *corpus*:

- (i) Especificação do *corpus*;
- (ii) Tipos de textos a serem incluídos;
- (iii) Escolha dos textos (com autorização, se necessária);
- (iv) Reunião dos textos em formato eletrónico;
- (v) Alinhamento;
- (vi) ‘Markup’;
- (vii) Armazenamento e *upload* dos textos na base de dados.

A primeira fase, i.e., a especificação do *corpus* irá moldar toda a investigação, uma vez que é nela que se estabelece a maioria das características do *corpus*, como o tipo de *corpus*, o tamanho das amostras, a janela de tempo e as línguas pretendidas. É também nesta etapa que se define se se tratará de um *corpus* de transcrições orais ou escritas.

De seguida, passa-se ao planeamento, que concerne ao tipo de textos a serem trabalhados e às implicações que essas escolhas trarão. A presente dissertação debruça-se sobre os debates ocorridos no Parlamento Europeu e, de modo a alcançar um estudo mais completo, é necessário um conhecimento, ainda que em traços gerais, deste género textual.

A terceira fase, ou seja, a escolha dos textos, preocupa-se já com a seleção dos textos mais pertinentes à etapa anterior. Assim, se o tipo dos textos pretendido pelo estudo fosse, hipoteticamente, o tipo jornalístico, recorrer-se-ia a fontes desse tipo e, se os textos pretendidos não estivessem disponíveis para qualquer tipo de reprodução, seria necessária a devida autorização das partes competentes.

A reunião dos textos em formato eletrónico requer muito tempo se os textos não estiverem já previamente nesse formato. Para um melhor tratamento de dados, os vários investigadores preferem que o formato dos textos do *corpus* seja 'plain text' (.txt).

Entende-se como alinhamento a função de alinhar partes do texto (frase, parágrafo, etc.) com as partes correspondentes das várias línguas. Este processo envolve ferramentas criadas para esse fim.

O 'markup' refere-se à introdução de 'tags', ou seja, indicadores de características do texto, tais como parágrafo, frase, títulos, capítulos, hesitações, etc., de modo a facilitar o tratamento dos dados e a localização das características pretendidas.

A última fase prende-se com a construção do *corpus* no diretório e a sua colocação na base de dados para serem tratados conforme os objetivos da pesquisa.

As três últimas fases requerem uma tecnologia avançada e um grande encargo financeiro para a obtenção de *software* apropriado. Eventualmente, as fases (iii) e (iv) podem igualmente obrigar à aquisição de programas informáticos específicos, se se tratar de textos

orais ou textos em formato papel que necessitam de *software* de reconhecimento de caracteres ou de reconhecimento e transcrição de áudio.

3.2.1 Os MD em Estudos de Tradução Baseados em *Corpus*

Dentro desta área dos Estudos de Tradução, os MD já foram alvo de vários tipos de análises contrastivas. No entanto, apesar de se basearem em traduções, a maior parte dos estudos fazem-no para descobrir mais sobre as propriedades dos marcadores discursivos, embora também – e só indiretamente – com alguma vertente de contribuição para os estudos em tradução, como Xiao (2011).

De entre essas análises, destaca-se Siepmann (2005) que levou a cabo um estudo contrastivo de marcadores discursivos em três línguas, sendo elas o alemão, o francês e o inglês, como contributo para a área da linguística e da pedagogia, também estudando as traduções de uma perspetiva etnográfica, uma vez que reúne textos de tradutores iniciantes e experientes, nativos e não-nativos. O autor começa por analisar aquilo que ele chama de ‘second-level discourse markers’ (definido abaixo), os usos nos três idiomas, as funções que desempenham em cada uma das três línguas e os problemas das traduções dos tradutores dos quatro grupos acima mencionados.

Para Siepmann, ‘second-level discourse markers’ são expressões fixas compostas por dois ou mais lexemas a formar uma unidade que não pode ser separada para se chegar ao seu conceito. Estas partículas, que se assemelham à noção de MD, mas que deles se diferenciam por frequência de ocorrência, como declara Siepmann (2005: 51): “level is meant to refer to the level of frequency of occurrence”, facilitam a interpretação do texto porque relacionam elementos dentro da situação comunicativa. O autor utiliza as traduções das partículas nessas línguas, de modo a categorizá-las e a descrever melhor as suas funções

Depois deste breve resumo do estudo feito por Siepmann, segue-se Xiao (2011) que estudou a tradução de marcadores discursivos de reformulação entre o inglês e o chinês. No seu artigo de 2011, Xiao estuda estes elementos com o objetivo de contribuir para o desvendar de hipóteses dos universais da tradução. O estudo foi baseado em “three balanced comparable corpora which represent British English, native Chinese and translational Chinese

in addition to an English-Chinese parallel corpus”. Por outras palavras, ele utiliza três *corpora* comparáveis (um em inglês, e os outros dois em chinês de tradução²⁰ e chinês nativo) e um *corpus* paralelo entre o inglês e a tradução chinesa. Baseado em argumentos já defendidos por outros autores, como Baker (2004), Xiao pretende perceber se os universais de tradução se podem aplicar à língua chinesa e à língua inglesa através das traduções chinesas. Com a sua análise, ele concluiu que a sua investigação suporta vários universais da tradução, como a explicitação e a simplificação, defendendo que as traduções tendem a usar MD mais simples e explícitos do que os textos na língua de partida.

3.3 Os Marcadores Discursivos na Interpretação

A interpretação, no sentido de ‘tradução oral’, como disciplina, começou a ter alguma relevância depois de um artigo de James S. Holmes de 1972 que foi mais tarde expandido (1987), no qual se considera a interpretação uma das várias possibilidades de estudos teóricos de tradução, ou seja, um dos inúmeros objetos de estudos da área da Tradução. No entanto, este autor não considera a disciplina individualmente, pois tal obrigá-lo-ia a novas definições e novos conceitos.

Foi apenas nos anos 1980, com Seleskovitch & Lederer (1984) que a disciplina dos Estudos de Interpretação foi trazida para o campo académico, estudando o fenómeno da interpretação com um maior detalhe.

De acordo com Setton & Dawrant (2016: 3-4), o processo da interpretação envolve não só a língua, mas conhecimento e mediação e, apesar de afirmar que a interpretação é uma forma oral de tradução, estes autores declaram que a tradução e a interpretação têm condições diferentes que obrigam a competências distintas.

São ainda os mesmos autores (*idem*, 6-7), que distinguem a interpretação da tradução, afirmando que, apesar de ambas desempenharem uma função essencialmente semelhante, os processos de uma e de outra são diferentes em vários pontos, inclusive o suporte, as condições e o tempo. Numa breve comparação, os autores reforçam a diferença de tempo:

²⁰ Por *corpus* de chinês de tradução, entende-se um conjunto de textos traduzidos para chinês.

enquanto a tradução é permanente, a interpretação é imediata e transitória, e essa questão cronológica influencia muitas outras questões, tais como a deliberação de como traduzir uma palavra, o tempo para perceber a intenção do autor, entre outras. Enquanto os tradutores podem ser lidos por várias audiências, agora ou no futuro, os intérpretes têm uma audiência mais limitada e um intervalo de tempo mais reduzido. Todas estas diferenças marcam a cisão entre a tradução e a interpretação.

Por definição, a interpretação é geralmente uma mediação oral ou de sinais interlinguística e intercultural, que possibilita a comunicação entre os falantes e recetores que desconhecem as línguas de um e de outro. Segundo Setton e Dawrant (2016: 9), a comunicação que o intérprete pretende fazer envolve não só a informação, mas também a intencionalidade do falante, a receção da audiência, e ainda a superação de diferenças culturais que vêm associadas às diferenças linguísticas.

Muitos autores dividem a área da interpretação entre interpretação consecutiva e interpretação simultânea. Esta última, que a presente dissertação irá tratar por ser a utilizada no Parlamento Europeu, define-se como sendo um processo quase simultâneo de interpretação, em que o/a intérprete ouve o falante e quase imediatamente interpreta oralmente o que ele diz ao recetor.

Com o avanço na autonomização da disciplina, muitos académicos começaram a estudar o processo de interpretação. Em 1972, Goldman-Eisler realiza um pequeno estudo de interpretação orientado para o processo. Nesse estudo, entre várias outras coisas, a investigadora, baseada numa monografia anterior também da sua autoria na qual analisa as pausas e as hesitações pré-lexicais que antecedem o planeamento do discurso oral espontâneo, estuda as relações entre os fatores temporais e a previsibilidade das palavras que são utilizadas na interpretação simultânea. Este estudo, segundo Pöchhacker & Shlesinger (2002: 68), trouxe outras perspetivas para a “controversy between those who stress the language-pair-specific nature of the task and those who see it as transcending interlingual differences”.

Para estudar a técnica dos intérpretes, Goldman-Eisler (1972) gravou várias interpretações simultâneas, sobrepondo-as ao texto oral original, de modo a perceber o

desfasamento temporal entre o momento em que o falante do texto original começa a falar e o início da interpretação. Para tal, ela socorre-se do conceito de 'ear-voice-span' (EVS) que "refers to the lag elapsing between the subject's or interpreter's monitoring of the input, and his actually repeating or encoding it, respectively" (Goldman-Eisler, 1972: 128). A autora conclui, na sua investigação, que o tempo decorrido entre o início do texto original e o início da interpretação depende de unidades de sentido, pois os resultados mostraram o mínimo de EVS e, em 90 a 95% dos casos, os resultados mostraram que existia pelo menos uma expressão predicativa completa (parte importante de uma proposição) antes de os intérpretes começarem. Por outras palavras, os intérpretes precisam de ouvir uma estrutura semântica natural antes de começarem o processo, segundo Goldman-Eisler (1972: 131).

Um outro traço importante da interpretação enquanto processo, segundo Jones (1998: 88), é o da necessidade que o/a intérprete tem de reformular o TP, uma vez que precisa de manter um intervalo de tempo entre o falante e ele mesmo. De acordo com este autor, a reformulação é observável quando os intérpretes encurtam as frases, partindo frases complexas em frases simples, entre outras características. Esta necessidade de reformulação, no entanto, não esquece o princípio máximo da interpretação:

Although the effect sought by the interpreter is not primarily aesthetic, something similar holds for them: the interpreter, rather than attempting to provide a slavish copy of the original, must create a new medium – the target language – the discourse that will have the same effect on their audience as the speaker's words have on those who understand the source language. (Jones, 1998: 88-89)

Este princípio assemelha-se, em parte, ao princípio da equivalência dinâmica proposto por Nida (1964), na medida que também procura produzir o efeito do texto de partida na língua de chegada.

A reformulação é essencial para a interpretação porque ajuda a resolver bastantes problemas em situações específicas como, por exemplo, em casos em que algum conceito não existe na língua de chegada, ou também em casos em que o falante se socorre de recursos estilísticos e o/a intérprete tem de tentar alcançar esse efeito na sua interpretação. Esta característica é também importante no trabalho de interpretação por questões estilísticas, uma vez que os recetores preferem ouvir uma interpretação que soe mais como uma formulação oral, em vez de uma que soe como uma tradução; daí que seja necessário haver

uma reformulação. É seguro dizer que este método é muito usado pelos intérpretes de um modo natural e visto pelo autor como um sinal que distingue os bons dos maus intérpretes, pois se a interpretação for uma mera tradução palavra a palavra, significa que os intérpretes estão a falhar passos essenciais do processo, como a análise das ideias expressas pelo falante, de acordo com Jones (1998: 108).

Apesar de Jones não deixar explícito se esse caso se aplica a marcadores discursivos de reformulação, a reformulação utilizada na interpretação recorre a várias estratégias que podem afetar a interpretação destes elementos pragmático-linguísticos; uma dessas estratégias é o ‘chunking aspect’, que se define como a divisão do TP em pedaços que os intérpretes armazenam para analisar e depois interpretar para a língua de chegada, de modo a facilitar o seu trabalho. Esta estratégia, segundo Goldman-Eisler (1972: 134), pode ser feita de três maneiras:

- (i) por ‘identity’ (‘identidade’), ou seja, os profissionais podem fazer esse armazenamento de informação seguindo a divisão dos falantes;
- (ii) por ‘fission’ (‘cisão’), processo através do qual fazem eles mesmos a sua divisão da informação, ignorando a maneira como os falantes optam por separar o texto;
- (iii) por ‘fusion’ (‘fusão’), isto é, optam por armazenar vários pedaços para depois os interpretar.

O facto de os intérpretes codificarem o texto seguindo o ‘chunking aspect’ força-os a ser mais sintéticos, e isso pode explicar outros fenómenos como a simplificação e a omissão.

O método da simplificação pode afetar o modo como os MD são tratados nessa área. De acordo com Jones (1998: 108), esta característica é muito comum na interpretação de textos de conteúdo muito técnico, nos quais muitas vezes os intérpretes optam deliberadamente por simplificar, ou porque não conseguem interpretar todos os detalhes ou porque acreditam que a audiência poderia não receber bem a interpretação técnica, por falta de conhecimentos, por exemplo. Os intérpretes podem também optar pela simplificação se houver alguma falha de compreensão da sua parte, desde que percebam a mensagem que o falante quer transmitir em traços gerais. Por essa razão, a simplificação pode ocorrer com os MD de reformulação, pois muitas vezes como já foi dito acima, os MD têm significados

variados dependendo do contexto em que ocorrem e é natural que os intérpretes optem por se focar num único significado na sua interpretação.

Segundo Barik (1975: 275), por omissão, em interpretação, não se entende todas as omissões feitas no TC, pois exclui-se as omissões que os intérpretes fazem das repetições desnecessárias, dos falsos começos e dos ‘fillers’ dos intervenientes originais. Este procedimento é muito comum quando os intérpretes estão sob forte pressão, provocada por um falante que se expresse de modo rápido ou confuso, ou ambos. Este autor (1975: 275-276) discerne quatro tipos de omissão:

- (i) ‘skipping omission’, a qual ocorre quando o intérprete passa por cima de um item lexical ou de uma pequena expressão, não prejudicando a compreensão do texto por parte do recetor;
- (ii) ‘comprehension omission’, apagamento que acontece quando uma grande parte do texto não é interpretada porque os intérpretes não a compreenderam;
- (iii) ‘delay omission’ causada pela distância de tempo entre o texto de partida e a sua interpretação para a língua de chegada;
- (iv) ‘compounding omission’, que sucede quando os intérpretes juntam vários elementos de unidades frásicas diferentes, omitindo elementos de ambas, mas dando uma ideia geral do texto de partida.

Se a omissão é dividida nestas subcategorias, é seguro concluir que ocorre com alguma frequência. De acordo com o estudo realizado por Barik (1975: 280-281), composto por dois intérpretes profissionais, dois estudantes acabados de se licenciar em interpretação e dois indivíduos bilingues sem experiência de interpretação, a omissão por intérpretes profissionais ocorre 2,4 vezes por cada 100 palavras quando interpretam da ‘weaker language’ para a ‘dominant language’ e 2,2 vezes no sentido inverso, e em qualquer sentido (‘weaker language’-‘dominant language’ e ‘dominant language’-‘weaker language’) omitem 6% do material.

Em conclusão, a partir dos princípios de interpretação aqui apresentados, posso concluir que esta atividade, apesar de procurar também, na língua de chegada, o mesmo efeito obtido pelo falante na LP, privilegia a informação, uma vez que os seus princípios

básicos, como a simplificação, a reformulação e a omissão sintetizam o discurso. Assim, assumi a hipótese de que a interpretação afetará unidades linguísticas tão pequenas como os MD e aparentemente tão irrelevantes a nível de informação da mensagem.

A presente dissertação irá analisar as questões de tradução e de interpretação envolvidas na tradução dos marcadores discursivos 'ou seja' e 'isto é', considerados casos paradigmáticos de marcadores de reformulação no português europeu. Para tal, irá recorrer às intervenções de eurodeputados portugueses no Parlamento Europeu e às suas respetivas traduções e interpretações.

4 Metodologia

Em parte baseado nas sete fases propostas por Mikhailov & Cooper (2016: 19), este capítulo descreverá a metodologia usada na construção dos *corpora* analisados na presente dissertação, começando por fazer uma breve definição do gênero ‘discurso parlamentar’ e depois, mais especificamente, uma apresentação do Parlamento Europeu, do qual vêm os *corpora*. De seguida, proceder-se-á à descrição do *Europarl corpus*, um *site* de base de dados que tem disponível *corpora* paralelos das intervenções dos eurodeputados no Parlamento Europeu e o programa (*AntConc*) usado para trabalhar os *corpora*. Finalizar-se-á o capítulo com o levantamento de algumas das limitações do estudo e da metodologia adotada para estudar a tradução dos marcadores discursivos.

4.1 Construção dos *Corpora*

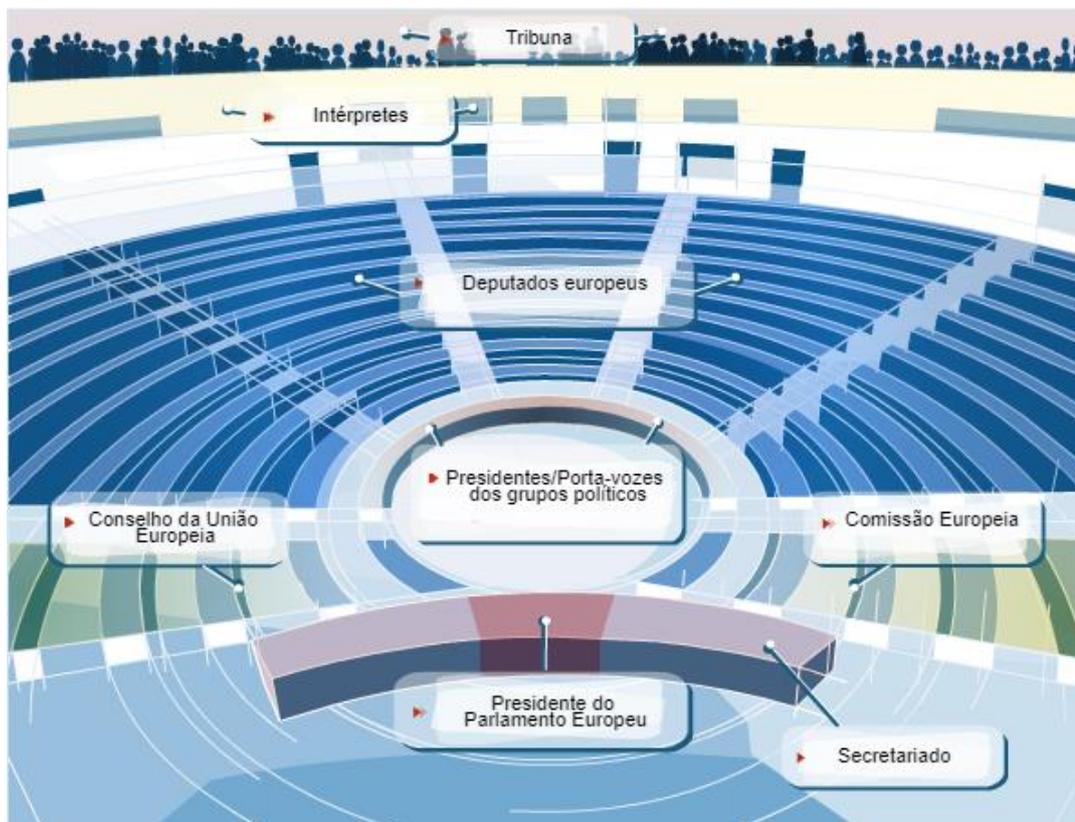
O primeiro passo foi decidir sobre o *corpus*. Uma vez que o objetivo do trabalho é analisar a tradução de marcadores discursivos tanto em tradução como em interpretação, decidi que o tipo de *corpus* apropriado seria um *corpus* paralelo PT-ING, de traduções e interpretações, sendo as traduções em inglês e os textos originalmente em português, produzidos por falantes nativos. Com a consciência de que não teria ferramentas adequadas para um *corpus* DIY, determinei que teria de usar um *corpus* já construído por outrem. Ainda nesta fase, tinha como intenção a reunião de dados recentes. No entanto, com as claras restrições de ter de usar um *corpus* previamente construído, sabia que essa recência deveria ser tomada num sentido mais lato.

A opção pelo discurso no Parlamento Europeu foi feita de imediato, uma vez que já havia, em trabalhos anteriores, trabalhado com ele, o que me despertou este interesse.

De modo a obter uma melhor análise, é lógico fazer uma breve apresentação das condições das intervenções dos eurodeputados, assim como dos intérpretes. Os eurodeputados do Parlamento Europeu são divididos, não por nacionalidade, mas por afinidade política. Cada eurodeputado tem um tempo específico de intervenção, que varia

entre um a cinco minutos, consoante o tipo de intervenção – tais como perguntas, relatórios, debate. Todas as intervenções orais da sessão plenária – de onde foram retirados os dados aqui estudados – são gravadas e disponibilizadas pela televisão do Parlamento Europeu < <https://www.europarltv.europa.eu/pt/home> >. Por fim, os intérpretes estão posicionados atrás dos deputados, nas suas respetivas cabinas, como se pode ver na seguinte imagem²¹:

Figura 3 - Posicionamento dos vários participantes das sessões do Parlamento Europeu



De seguida, é necessário falar brevemente sobre o género textual do discurso do Parlamento Europeu.

Segundo Lopes & Carapinha (2013: 26), o conceito de género textual remete-nos para “uma entidade concetual obtida a partir de uma classe de textos/discursos empiricamente atestados que evidenciam propriedades sociocomunicativas comuns”. Por essa razão, são um

²¹ Fonte: Parlamento Europeu, retirada do seguinte site: <http://www.europarl.europa.eu/plenary/pt/hemicycle.html> (Consulta em 4 de setembro de 2017)

grupo difícil de delimitar, uma vez que são as características funcionais e sociopragmáticas que os definem e não as suas características mais formais.

Os critérios que ajudam a delimitar os géneros textuais são: o suporte, o estilo, o tema, a função sociocomunicativa, o contexto, os conteúdos, e as condições de produção e de receção.

Segundo Marques (2000: 30) o género 'discurso político' envolve "todas as atividades de comunicação verbal públicas dos elementos que integram as diferentes instâncias governativas, enquanto representantes desses mesmos organismos".

O debate político do Parlamento Europeu está integrado no género do discurso político, na medida que envolve políticos argumentando e debatendo leis, políticas e situações internacionais da União Europeia (UE).

No âmbito deste género textual, temos dois tipos de suporte: o primeiro e principal, o oral, na medida em que os debates e sessões plenárias são feitas oralmente; como segundo, temos o suporte escrito, uma vez que algumas das questões a debater são dirigidas por escrito ao eurodeputado visado. No entanto, essas perguntas, devido ao facto de não importarem para os objetivos da minha dissertação, não serão alvo de análise.

Uma outra característica deste género, assim como de todo o discurso político, é a retórica, uma vez que "qualquer político (...) procura convencer o seu auditório da razoabilidade do seu ponto de vista" (Marques, 2000: 35).

Observável em todo o debate parlamentar é a natureza argumentativa das intervenções dos deputados; o mesmo acontece em contexto do Parlamento Europeu.

Assim, podemos afirmar que o debate do Parlamento Europeu é um género textual inserido no género discurso político, que tem como suporte o meio oral e/ou escrito, o estilo cuidado, com a função de não só descrever situações políticas, como também as debater e argumentar a favor delas ou contra elas.

Como ponto de partida, recorri ao Parlamento Europeu para a constituição dos *corpora* em análise, por ser um exemplo de multilinguismo multidirecional, i.e., uma instituição que,

tendo um conjunto de línguas oficiais (24), tem um sistema bastante organizado de tradução entre todas essas línguas oficiais. Esta perspectiva tem, como princípio, que todas as línguas são iguais, sem nenhuma de prestígio superior, ou assim é apresentado pelo Parlamento, o que faz com que o custo de tradução seja elevado. De facto, a tradução de todos os documentos parlamentares é mandatória em todas as línguas oficiais, se houver necessidade²², e todos os deputados europeus têm o direito de falar a língua oficial que quiserem, o que tem como consequência a existência de intérpretes e tradutores de todas as línguas para que os deputados também entendam o que está a ser falado.

Para a União Europeia, e num mundo cada vez mais globalizado, este serviço de tradução é visto como um meio para um contexto mais democrático, pois “torna as instituições europeias mais acessíveis e transparentes para todos os cidadãos da União, aspeto que é fundamental para o sucesso do sistema democrático da UE^{23,24}.”

Segundo Gazzola (2006), dentro da União Europeia, existe uma distinção clara entre línguas oficiais e línguas de trabalho (‘working languages’). Os documentos legislativos estão escritos em todas as línguas oficiais e de trabalho, e estas podem ser também usadas nas intervenções dos eurodeputados no Parlamento Europeu, sendo que os deputados são apoiados por um sistema de interpretação em cabine. Nesse sentido, a política multilinguística da UE tem sucesso, sendo as línguas oficiais também elas línguas de trabalho, como visa o regulamento. No entanto, são poucos os documentos traduzidos em todas as línguas oficiais, medida que é suportada por um artigo dos regulamentos das políticas linguísticas que declara que as instituições da União Europeia podem optar por usar as línguas que acharem mais convenientes em casos específicos. É por força deste artigo²⁵ que a Comissão Europeia pode,

²² Por ‘necessidade’ entende-se que as sessões plenárias nem sempre têm representantes das 24 línguas oficiais do Parlamento Europeu e que alguns documentos acabam por não ser traduzidos para todas as línguas disponibilizadas se o PE assim o decidir. No entanto, é possível requerer tradução.

²³ Claro que esta política falha com outros cidadãos europeus, nomeadamente aqueles que, não falando nenhuma língua europeia, não deixam de o ser, como é o caso de muitos imigrantes e refugiados que acabam por se constituir mais tarde europeus e o caso de outras línguas regionais e/ou minoritárias de países, que não estão inseridas na política multilinguística da UE.

²⁴ Site < <http://www.europarl.europa.eu/aboutparliament/pt/20150201PVL00013/Multilinguismo> > (Consulta em 8 de junho de 2017).

²⁵ CEE Conseil: Règlement n° 1 portant fixation du régime linguistique de la Communauté Économique Européenne, OJ 17, 6.10.1958, 385–386, Art.6. Disponível em <<http://eur-lex.europa.eu/legal-content/EN/ALL/?uri=OJ:P:1958:017:TOC>> (Consulta em 22 de abril de 2017)

e optou por, usar três línguas de trabalho, sendo elas o inglês, o francês e o alemão, enquanto o Parlamento Europeu permite todas as vinte e quatro línguas oficiais.

Assim, com a elevação destas três línguas a línguas principais, nota-se que este quadro multilinguístico da União Europeia apresenta algumas falhas; há, no entanto, mais exemplos. O crescimento da língua inglesa como língua franca ao redor do mundo influenciou já algumas posições dentro da UE. Muitos eurodeputados argumentam que o uso de uma única língua de trabalho cortaria os custos de tradução, enquanto outros argumentam que iria contra um dos ideais fundadores da UE: a preservação da diversidade linguística²⁶. Além destas posições, em 2001, foi elaborado o rascunho de um documento de propostas adicionais, ou alternativas, à política multilinguística da União (“The Language Regime: Additional Options”). Este documento propõe sete procedimentos possíveis na política linguística europeia:

- (i) monolinguismo, que seria a determinação de uma única língua de trabalho de entre todas as línguas oficiais ou até mesmo do Esperanto. Esta política obrigaria a que todos os intervenientes soubessem falar esta única língua de trabalho, mas deve apontar-se que poderia ser suportada por alguns intérpretes e tradutores, de modo a que não houvesse marginalização dos deputados por falta de conhecimento ou proficiência da língua única;
- (ii) nacionalização, processo pelo qual a política linguística se manteria, mas seriam os Estados-Membros que ficariam responsáveis pelo custo de tradução e interpretação;
- (iii) multilinguismo reduzido, ou seja, a opção por um número limitado de línguas que seriam consideradas as línguas de trabalho. Do documento, faziam parte as seis línguas oficiais à época;
- (iv) sistemas assimétricos, isto é, um sistema em que os intervenientes poderiam tanto falar como escrever nas línguas oficiais da UE, mas o sistema de tradução seria reduzido, o que significava que poderiam apenas ouvir e ler num limitado

²⁶ Informação retirada de <<http://www.euractiv.com/section/languages-culture/news/eu-parliament-makes-cuts-to-translation-budget/>> (Consulta em 8 de junho de 2017)

número de línguas. Por outras palavras, as traduções e interpretações disponíveis seriam limitadas;

- (v) multilinguismo controlado, que prevê que todas as línguas oficiais possam ser escritas e faladas e também interpretadas e traduzidas, mas com processos de mediação linguística. Tomemos como modelo a interpretação *pivot*, ou seja, a interpretação de uma língua mediada por outra; por exemplo, um eurodeputado que fale em português seria interpretado para inglês e, a partir do inglês, seria interpretado para todas as outras línguas oficiais. Este procedimento começaria por ser usado nas 'novas' línguas oficiais, por meio da entrada na UE, e seria depois alargado a todas as línguas;
- (vi) multilinguismo pleno com algumas ações corretivas, sistema a que se chegaria quando o previsto no ponto anterior fosse totalmente aplicado a todas as línguas;
- (vii) multilinguismo pleno puro sem quaisquer mediações ou outras medidas para todas as línguas oficiais.

Nenhuma destas medidas, a não ser talvez a segunda e a última, respeitaria, no entanto, a política multilinguística da UE, pois todas elas colocam uma ou mais línguas com mais poder do que todas as outras. Porém, a segunda medida acabaria por marginalizar as línguas menos faladas, uma vez que muito do poder de uma língua deriva do poderio económico do país que fala essa língua, ou seja, os países teriam de suportar custos com dinheiro que não teriam e, não o tendo, acabariam por desistir de pagar e a sua língua perderia a relevância na UE. A isto acrescenta-se ainda a desvantagem de alguns países poderem partilhar os custos por partilharem a língua: por exemplo, a Áustria e a Alemanha. Ainda assim, neste documento, a medida proposta é a do multilinguismo controlado, o que aponta para uma hierarquização das línguas dentro da comunidade.

Assim, a tradução oferecida pelos demais órgãos da União Europeia apresenta estes primeiros problemas. Desde 2004 que o Parlamento Europeu usa o multilinguismo controlado, ou seja, por princípio, oferece todas as línguas nas sessões plenárias, mas utiliza uma ou mais línguas que funcionam como mediador para traduzir para as línguas menos conhecidas, tendo sido alargada para o multilinguismo pleno a partir de 2007. Isso envolve

também documentos escritos. As interpretações seguem também este princípio e, até 2012, a sua tradução escrita era também assegurada. No entanto, depois de uma medida aprovada a 21 de novembro de 2012, o serviço de traduções escritas em sessões plenárias já não é obrigatório desde 10 de dezembro do mesmo ano²⁷. Assim, a partir desse ano, apenas as interpretações das intervenções orais são obrigatórias, podendo as traduções escritas serem requeridas pelos estados-membros.

Em vista disto, construir *corpora* paralelos de tradução é, em teoria, fácil. A presente dissertação recorreu ao *Europarl* para aceder ao *corpus* das traduções escritas das várias intervenções de sessões plenárias desde 1996. No entanto, por ter decidido que o estudo teria de se debruçar sobre dados mais atuais, optei por reduzir a janela de trabalho aos anos 2008-2010, ano das últimas intervenções reunidas no *corpus* utilizado.

4.2 O *Europarl*

O *corpus Europarl* foi construído por uma equipa de investigadores da Universidade de Edimburgo na Escócia, com o objetivo último de contribuir para a tradução automática. A equipa, liderada por Philip Koehn, reuniu um *corpus* de textos paralelos em onze línguas a partir das sessões de trabalho do Parlamento Europeu. Este *corpus* data de 1996 e, à época da publicação de Koehn (2005: 79), compreendia trinta milhões de palavras em todas as 11 línguas oficiais, as quais eram: o dinamarquês (da), o alemão (de), o grego (el), o inglês (en), o espanhol (es), o finlandês (fi), o francês (fr), o italiano (it), o neerlandês (nl), o português (pt) e o sueco (sv). Mais tarde, o *corpus* foi alargado assim que, em 2004, muitos países se tornaram parte da União Europeia, aumentando consideravelmente o número de línguas oficiais.

Segundo Koehn, o *corpus* foi elaborado para a investigação em tradução automática da Universidade de Edimburgo, mas foi mais tarde disponibilizado *online* no seguinte *site*: <http://www.statmt.org/europarl/> para outros eventuais estudos. Para a aquisição do *corpus*, os investigadores tiveram de recorrer ao *site* do Parlamento Europeu

²⁷ Esta informação foi retirada de: <http://www.euractiv.com/section/languages-culture/news/eu-parliament-makes-cuts-to-translation-budget/>.(Consulta em 8 de junho de 2017)

(<http://www.europarl.europa.eu/portal/en>), especificamente aos textos de intervenções das sessões plenárias e debates em formato HTML aí disponibilizados. De seguida, procederam à sua cópia, o que não apresenta problemas legais, pois o Parlamento Europeu declara que, salvo indicação em contrário, a reprodução é permitida para trabalhos de investigação e académicos, com a devida fonte referida. A página do Parlamento Europeu declara:

The reuse (reproduction or use) of textual data and multimedia items which are the property of the European Union (...) and for which the European Union holds the rights of use, is authorised, for personal use or for further non-commercial or commercial dissemination, provided that the entire item is reproduced and the source is acknowledged. ²⁸

Este grupo de investigadores despendeu muitos dias para reunir o *corpus* monolíngue de cada língua tratada, depois de determinar que, embora o processo fosse prolongado, seria ainda mais moroso se pedissem todos os ficheiros em formato *.txt* aos técnicos do PE. De seguida, intitulou os ficheiros segundo os dias das sessões plenárias para facilitar a sua identificação. A maior parte dos ficheiros diários tiveram de ser divididos em várias partes por uma questão de dimensão das amostras e facilidade de tratamento de dados.

A presente dissertação, recorrendo a este *corpus*, utiliza uma identificação semelhante à que Koehn utiliza na identificação das ocorrências, apresentando a transcrição do texto seguida do título do documento *.txt*. em que a ocorrência se localiza, do número da intervenção (SPEAKER ID), do nome do falante (NAME), e da afiliação política (AFFILIATION).

*Exemplo 1*²⁹

A consulta pública decorreu até ao final da semana passada, ou seja, até 15 de Janeiro, num momento em que ainda estamos no processo de audição dos comissários indigitados para a nova Comissão, a qual apenas iniciará funções em Fevereiro próximo. (10-01-18-012 <SPEAKER ID="064" NAME="Ilda Figueiredo" AFFILIATION="GUE/NGL">)

²⁸ <http://www.europarl.europa.eu/portal/en/legal-notice> (Consulta em 15 de setembro de 2016)

²⁹ Meus sublinhados.

Nos casos em que a língua do texto transcrito não é a língua original da intervenção, é apresentada a sigla da língua original, como mostra o seguinte exemplo (sublinhado por mim) de uma tradução do português para o inglês:

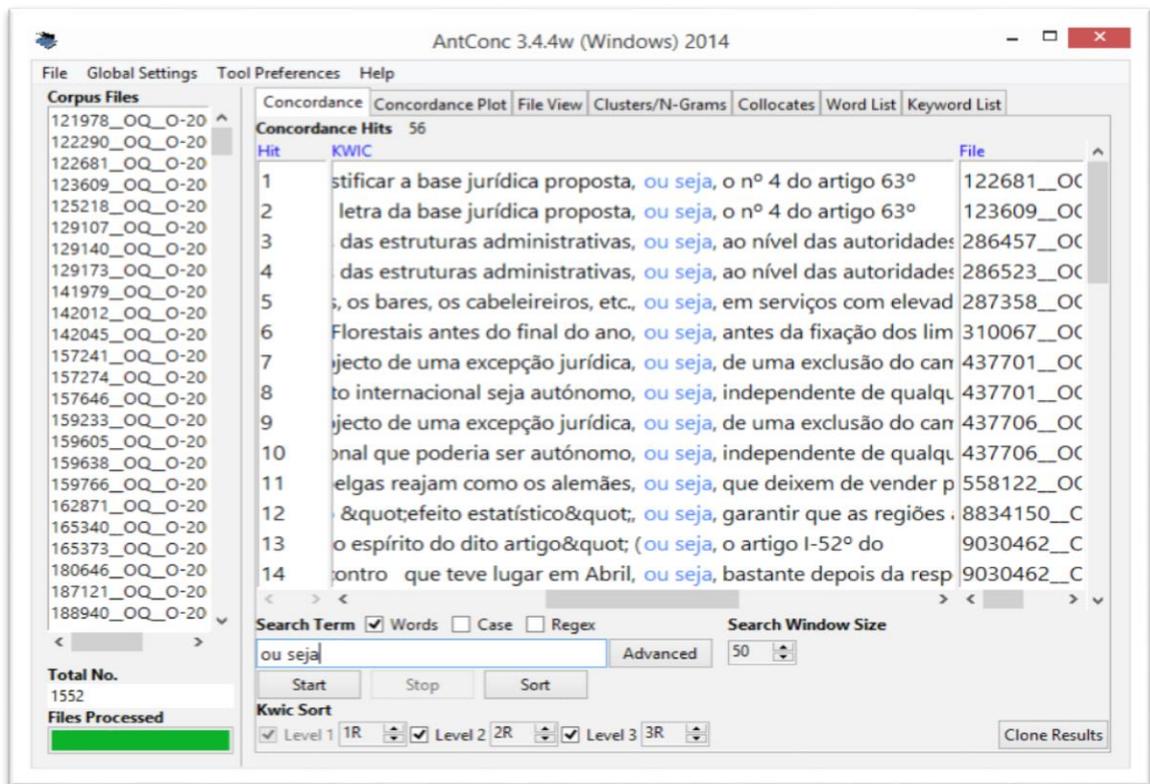
Exemplo 2

(PT) Mr Rodríguez Zapatero, you know as well as I do that growth of production in Europe will be slow and lacklustre over the coming years. Given this, I fail to understand why you are insisting on the withdrawal of the Stability Pact in its original form, or with the shrinking of public investment and social spending. (10-01-20-003 <SPEAKER ID="045" NAME="Miguel Portas" AFFILIATION="GUE/NGL">)

Com estes meios à disposição, realizei o *download* dos *corpora* monolingues das intervenções do Parlamento, de modo a que a procura dos MD fosse facilmente feita. O formato de cada ficheiro, que corresponde a cada dia das sessões plenárias, é .txt, possível de ler através do programa Bloco de Notas. Se a pesquisa fosse feita de ficheiro a ficheiro, seria um processo demorado, razão por que procedi à transferência de um programa de tratamento de dados criado por Laurence Anthony, denominado AntConc³⁰, que permite, a partir de um diretório, a procura de termos específicos. Assim, se se procurar o MD à escolha, por exemplo o MD 'ou seja', este programa encontrará todas as ocorrências presentes no diretório, como é possível ver na figura infra:

³⁰ Anthony, L. (2014). AntConc (3.4.4) [Windows]. Tokyo, Japan: Waseda University. Disponível em <http://www.laurenceanthony.net/> (Consulta em 9 de outubro de 2016)

Figura 4 - AntConc e ocorrências de 'ou seja' num diretório pré-selecionado



Uma vez feita a pesquisa, tive de explorar caso a caso para descobrir, em primeiro lugar, se o conjunto de termos utilizados funciona realmente como marcador discursivo. Por outras palavras, e como já dito acima, os MD são polifuncionais, o que significa que podem ter outras funções que não a de marcadores discursivos. Para tal, a primeira atitude foi procurar o MD seguido de vírgula (,), uma vez que, em português, é essa a pontuação que prototipicamente caracteriza os MD, uma vez que eles têm uma entoação parentética, sendo habitualmente usados como incisos. No entanto, tendo em conta que um sinal de pontuação pode, por vezes, passar despercebido ou simplesmente não ter sido inserido no texto escrito, a ideia foi posta de lado. Assim, encontrei mais algumas ocorrências. Em baixo encontra-se um exemplo de uma delas:

Exemplo 3

Fico, porém, desapontado com estas propostas da Comissão Europeia. Em termos de substância, estas propostas mantêm inalteradas as regras respeitantes à

primeira parte do mandato e limitam-se, no que à segunda parte do mandato diz respeito, ou seja no que se refere à avaliação da forma como o Acervo de Schengen está a ser aplicado pelos Estados-Membros que já estão dentro de Schengen, a incorporar as recentes melhorias introduzidas no mecanismo de avaliação em vigor. (09-10-19-017 <SPEAKER ID="077" NAME="Carlos Coelho">)

(*meus sublinhados*)

Apesar disto, as ocorrências de ‘ou seja’ com função que não a de MD é muito pontual, ao contrário das ocorrências de ‘isto é’.

Uma vez feita a discriminação das amostras de acordo com a sua função de MD, tive de verificar se a língua original era a língua portuguesa, pois convencionei para a presente dissertação que as ocorrências deveriam ter como contexto a língua original portuguesa, de modo a tecer mais conclusões sobre a natureza dos MD no par de línguas analisadas no trabalho. Este procedimento foi claramente demorado porque os diretórios são volumosos e o número de ocorrências dos MD sem a discriminação da língua de partida é alto.

4.3 O *Corpus* da Interpretação

A elaboração deste *corpus* foi um processo ainda mais demorado do que o anterior, pois não se encontra na *web* nenhum *corpus* das transcrições das interpretações realizadas no Parlamento Europeu, a não ser o *corpus* EPIC que, no entanto, trabalha apenas com o italiano e o inglês, de modo que não tem relevância para o caso. Por essa razão, depois de o *corpus Europarl* ser tratado através do *AntConc*, procedi ao acesso direto às ocorrências no *site* do Parlamento Europeu. Os ficheiros do *Europarl* estão intitulados segundo as datas das sessões plenárias nas quais tiveram lugar as intervenções dos eurodeputados. Com esse conhecimento, acedi ao *site* do Parlamento Europeu e, de seguida, à procura pelas sessões plenárias, onde coloquei como intervalo de procura a data da sessão com interesse. Encaminhada para a sessão, fiz uso da função (ctrl+f) de modo a procurar um termo, aparecendo a caixa de diálogo, na qual escrevi o nome do deputado que proferiu o texto original. Uma vez encontrado, e porque o mesmo deputado pode ter mais do que uma intervenção, procurei qual a parte do texto que interessava. De seguida, seleccionei o ícone da

reprodução da interpretação³¹ para ter acesso a essa intervenção na língua inglesa³². Neste processo, foram encontrados alguns problemas de reprodução de vídeo que foram ultrapassados depois de várias tentativas.

Com estes elementos, procedi à transcrição do áudio, sem ajuda de qualquer *software* de reconhecimento do mesmo³³. Por outras palavras, ouvi a interpretação e, ao mesmo tempo transcrevi-a, pausando muitas vezes o áudio de modo a acompanhar o discurso e a não cometer nenhum erro de transcrição. Ressalvo que, com exceção de casos em que achei pertinente, não reproduzi as hesitações, ‘fillers’, e outras unidades não verbais. Por uma questão de poupança de tempo, apenas transcrevi, para além da tradução do MD, uma parte do texto envolvente, ou seja, do cotexto, salvo casos em que observei necessidade de mais texto. Por cada interpretação, o tempo médio de transcrição foi de trinta minutos, dependendo do tamanho da intervenção original, tendo em conta que, devido a ruídos, tive de ouvir imensas vezes a mesma intervenção para perceber o/a intérprete. É de apontar que, muitas vezes, por voltar atrás na pista de áudio, o vídeo deixava de funcionar e tinha de começar a reprodução de novo.

Assim, depois destes procedimentos, fiquei com os *corpora* constituídos, compostos pelos textos originais em português europeu e as suas interpretações e traduções em inglês britânico.

³¹ Segundo um aviso legal do Parlamento Europeu, as interpretações facultadas pelo PE não constituem um registo autenticado dos debates: “A interpretação simultânea dos debates é facultada pelo Parlamento Europeu unicamente para facilitar a comunicação entre os participantes na reunião, não constituindo um registo autenticado dos debates. Só o discurso original ou a tradução escrita revista do mesmo fazem fé. Em caso de divergência entre a interpretação simultânea e o discurso original (ou a tradução escrita revista do mesmo), prevalece o discurso original (ou a respectiva tradução escrita revista). Salvo autorização expressa do Parlamento Europeu, é estritamente proibida a utilização do registo da interpretação para fins diferentes dos acima mencionados.” Esta informação foi retirada de < <http://www.europarl.europa.eu/plenary/PT/vod.html?mode=unit&vodLanguage=EN&startTime=20091020-16:03:55-946#> > (Consulta em 11 de agosto de 2017).

³² Ressalvo que também procedi à audição dos discursos originais para me certificar de que os MD estavam presentes no texto oral e constatei que em três das minhas ocorrências iniciais o MD não estava presente na intervenção oral.

³³ Por uma questão financeira.

4.4 Limitações

Utilizando este método de constituição de um *corpus*, acedendo ao *corpus Europarl* tratado pelo programa *AntConc*, cheguei a um resultado de ocorrências limitado. Por essa razão, fiz uso de um segundo método mais moroso: acedi diretamente ao Parlamento Europeu e, sessão plenária a sessão plenária, utilizei a função de procura fornecida pelo motor de busca *Google Chrome*, de modo a encontrar os MD objeto de estudo. Este método, como já mencionado, provou ser mais demorado e trouxe poucos resultados na janela de tempo disponível; as ocorrências obtidas deste modo têm uma classificação diferente: o nome do/a eurodeputado/a e a hiperligação de onde foi obtida em nota de rodapé:

Exemplo 4

Senhor Presidente, Senhora Comissária, felicitando os quatro relatores, permitam-me que me centre apenas em dois dos relatórios em debate. Em 2008, a ausência de acordo sobre um projecto de regulamento destinado a simplificar e clarificar o regulamento comunitário relativo à conservação de recursos haliêuticos, conduziu à adopção do actual regulamento que institui um conjunto de medidas transitórias inicialmente previstas para o período entre 1 de Janeiro de 2010 e 30 de Junho de 2011. A presente proposta legislativa prolonga este regime de transição durante um período suplementar de 18 meses, ou seja, até 1 de Janeiro de 2013, na pendência de um novo regulamento de medidas técnicas que enquadre a PCP reformada. (Maria do Céu Patrão Neves)³⁴

Por essa razão, saliento as limitações impostas pelo *corpus*.

O objetivo inicial da dissertação seria tirar conclusões sobre a tradução dos marcadores discursivos de reformulação, recorrendo a MD específicos, o que se mantém. No entanto, devido ao facto de as ocorrências serem insuficientes no que respeita a outros MD que não ‘ou seja’ ou ‘isto é’, o trabalho centra-se exclusivamente nestes, o que não só limita os *corpus*, como limita todo o estudo aqui presente.

³⁴ Interpretação integral disponível em: < <http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?pubRef=-//EP//TEXT+CRE+20110405+ITEMS+DOC+XML+V0//PT&language=PT> > (Consulta em 2 de outubro de 2016).

Em relação ao *corpus* das interpretações, existem também algumas limitações. Até 2008, o Parlamento Europeu não tem as interpretações disponíveis no seu *site*, o que restringiu ainda mais os *corpora* para a janela de tempo 2009-2011, uma vez que as traduções consolidadas não se encontram disponíveis a partir de dezembro de 2012 e, em muitas ocasiões, durante o ano de 2012. Uma vez que a procura concerne exclusivamente aos MD na sua língua original e, sendo ela o português, também isso limita o escopo de análise. Além disso, sublinho ainda a dificuldade no processo de áudio-visualização das várias interpretações por falha de *software*, nomeadamente o facto de que muitas vezes tive de reproduzir o áudio do início porque voltar atrás provocava falhas que tornavam a interpretação ruidosa ou simplesmente a interrompiam, o que tornou o trabalho mais lento e, assim, mais restrito.

Este intervalo de tempo restrito também pode ter causado a insuficiência de ocorrências de marcadores discursivos de reformulação como ‘a saber’, ‘por outras palavras’, ‘quer dizer’³⁵, entre outros, uma vez que, sendo MD não tão usados como os aqui estudados, a janela de tempo restrito faz com que a sua ocorrência seja ainda menor.

Apesar destas restrições, o estudo aqui apresentado, ao analisar o comportamento destes dois marcadores discursivos e as suas traduções e interpretações, continua a ser um estudo válido, uma vez que oferece uma análise de dois marcadores discursivos bastante usados em português e traduções e interpretações que podem ajudar a perceber as estratégias utilizadas pelos tradutores e intérpretes no que diz respeito a estas partículas.

³⁵ A minha experiência de falante nativa permite-me declarar que o MD ‘quer dizer’ é bastante usado na oralidade informal. No entanto, como o Parlamento Europeu envolve um contexto mais formal e um discurso mais planeado do que as conversas entre amigos, é compreensível o baixo número de ocorrências deste marcador discursivo no *corpus* aqui trabalhado.

5 *Análise dos Corpora*

Neste capítulo, analisarei os *corpora* recolhidos, colocando em paralelo a interpretação e a tradução dos mesmos textos de partida.

Em primeiro lugar, tentarei proceder à identificação do valor do MD no texto original. De seguida, compararei as traduções e interpretações do marcador discursivo 'isto é', evidenciando as suas diferenças e as suas semelhanças. Do mesmo modo procederei em relação ao MD 'ou seja'.

5.1 'Isto é'

Análise Quantitativa

No intervalo de tempo previamente definido (2009-2011), encontrei, ao todo, 8 ocorrências de 'isto é' em discurso oral, produzido originalmente em português por parte de Eurodeputados portugueses no Parlamento Europeu, de modo a que essas ocorrências fossem, para além de traduzidas, também interpretadas simultaneamente.

Abaixo, apresento uma tabela com as interpretações e traduções dos MD em paralelo:

Tabela 1 - Interpretações e traduções das ocorrências de 'isto é'

Nº DAS OCORRÊNCIAS	INTERPRETAÇÃO	TRADUÇÃO
17	in other words	In other words
18	in other words	In other words
19	Omissão	In other words
20	Omissão	In other words
21	In other words	Omissão
22	namely	namely
23	Omissão	namely
24	Omissão	which is to say

Nesta tabela, observa-se que na interpretação, o MD 'isto é' é omitido pelos intérpretes em 50% das ocorrências; a interpretação por 'in other words' ocorre 3 vezes (o equivalente a 37%); e 'namely' aparece uma única vez. Por sua vez, na tradução, os resultados diferem um pouco: o que ocorre com mais frequência (50%) é a tradução do MD por 'in other words', o que não difere muito do número das interpretações; já 'namely' ocorre 2 vezes; a expressão 'which is to say', assim como a omissão ocorrem uma única vez cada. Abaixo, apresento um gráfico com os resultados da interpretação seguidos pelo da tradução:

Gráfico 1 - Estratégias usadas pelos intérpretes nas ocorrências de 'isto é'

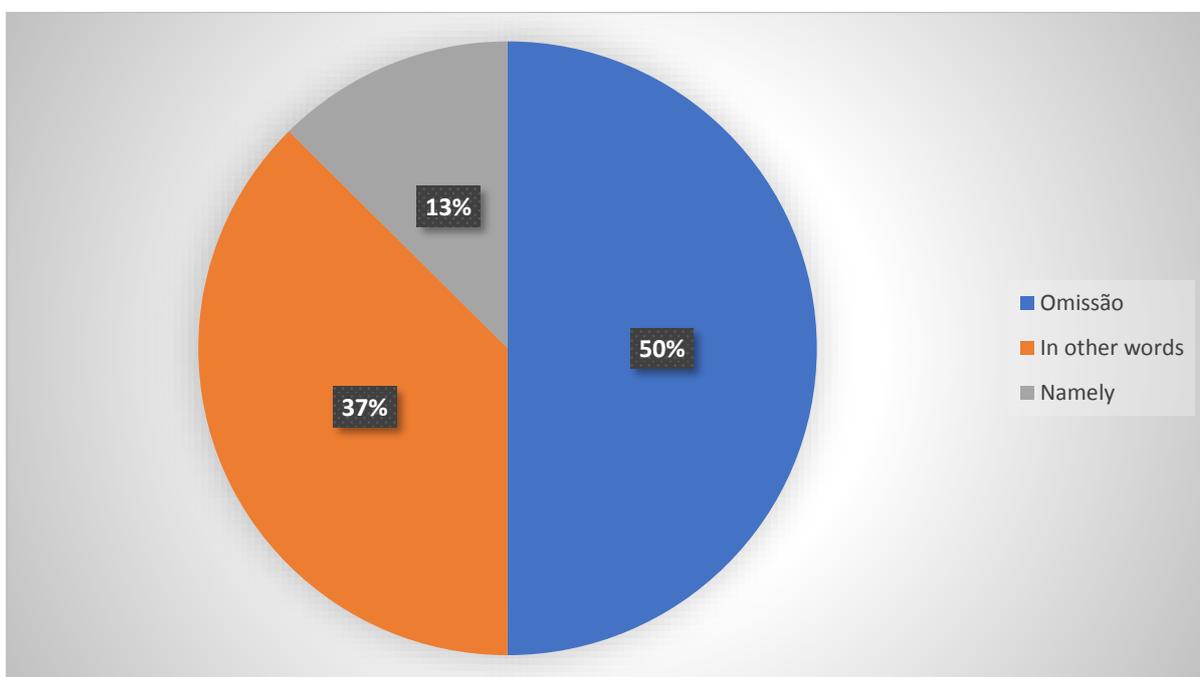
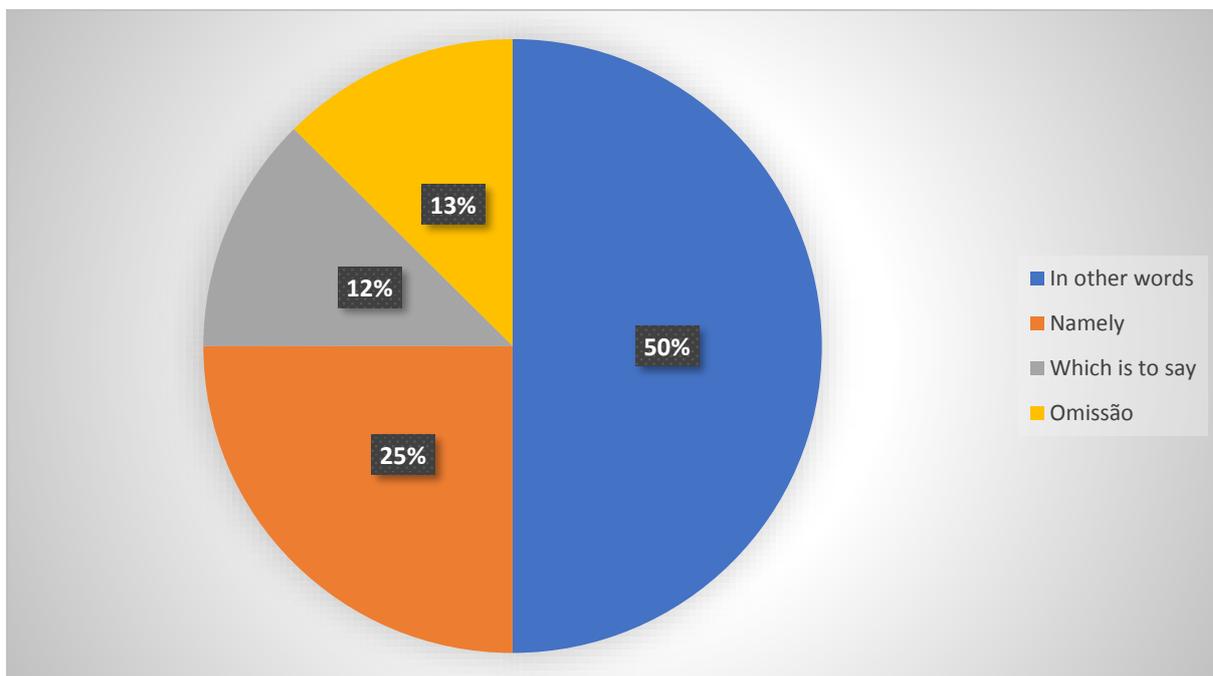


Gráfico 2 - Tradução das ocorrências do marcador discursivo 'isto é'



Assim, num primeiro momento, é seguro concluir que, de acordo com os dados, a omissão é uma característica proeminente da interpretação. Pela velocidade de interpretação, concluo, ainda, que estas omissões decorrem provavelmente da limitação de tempo das intervenções, que obriga os Eurodeputados a falar mais rápido e, por consequência, coloca os intérpretes sob grande pressão. No entanto, tentarei dividir os vários tipos de omissão de acordo com a proposta de Barik (1975) para uma melhor compreensão das táticas dos intérpretes do Parlamento Europeu e uma análise mais completa dos *corpora*.

Devido ao facto de a interpretação simultânea trabalhar com um prazo muito apertado, o TC do *corpus* da interpretação nunca será igual ao TC do *corpus* da tradução. Além disso, já foi mencionado acima que a interpretação não é o mesmo que a tradução. Para além, por exemplo, da omissão, a qual se torna recorrente em interpretação, existem outros métodos usados em interpretação que não são usados de forma tão recorrente em tradução, como a simplificação e a reformulação.

De seguida, traçarei uma análise dos MD com base nas classificações de Lopes (2014), de Pic et al. (2013) e de Saz-Rubio (2003), ou seja, classificarei os MD como formuladores ou conclusivos (Lopes, 2014), reformuladores precisantes ou clarificantes (Pic et al., 2013),

marcadores de retificação, explicação ou resumo (Saz-Rubio, 2003), com a ajuda das suas traduções e interpretações. Ao analisar os dados, recorro assim a diversas propostas classificatórias, dada a polivalência semântica destas partículas, que muitas vezes apresentam um *cluster* de valores em simultâneo (Loureiro, Carapinha, & Plag, 2017); neste contexto parece-me legítimo e pertinente esta abordagem. Como afirmam Coulthard & Johnson (2010: 14) a propósito da análise de textos autênticos, “often it is an eclectic selection of tools and a developmental approach to methodology that is necessary.”

É de referir que estas classificações serão explicadas aquando da divisão, justificando detalhadamente a opção de utilizar a classificação de um ou outro autor acima mencionado, por convir que as suas propostas se encaixam melhor nos valores aqui encontrados para as ocorrências destes dois marcadores discursivos. Aqui, socorrer-me-ei da tradução como um meio para chegar a conclusões sobre os MD.

Autorreformulador parafrástico com valor de clarificação

No *corpus* em análise, e considerando o marcador discursivo ‘isto é’, a função que mais ocorre é a de reformulador clarificante (cinco ocorrências com este valor em oito), fazendo uso da terminologia de Pic et al. (2013), como pode observar-se nos seguintes casos:

(17) Terceiro, a chamada coesão territorial deverá contribuir para a coesão económica e social, isto é, deverá ter como objectivo central a redução das disparidades entre os níveis de desenvolvimento económico das diversas regiões e do atraso das regiões mais desfavorecidas. (09-03-24-003 <SPEAKER ID="025" NAME="Pedro Guerreiro">

(18) Quarto, a novos objectivos e prioridades deverão corresponder novos meios financeiros comunitários, isto é, o financiamento da denominada coesão territorial não deverá ser realizado em prejuízo do objectivo Convergência. (09-03-24-003 <SPEAKER ID="025" NAME="Pedro Guerreiro">

(19) A Política Comum de Pescas (PCP) deverá promover a modernização e o desenvolvimento sustentável do sector das pescas, assegurando a sua viabilidade socioeconómica e a sustentabilidade dos recursos haliêuticos e garantindo o abastecimento público de pescado e a soberania e segurança alimentares, a manutenção dos postos de trabalho e a melhoria das condições de vida dos pescadores.

Deste modo, tendo em conta os seus objectivos próprios, uma PCP não deve estar subordinada a outras políticas comunitárias entretanto definidas.

Isto é, uma política pesqueira não é nem pode ser uma política para os oceanos ou para o ambiente marítimo. (09-01-12-022 <SPEAKER ID="207" NAME="Pedro Guerreiro">)

(20) Face ao que foi dito, pelos vistos "foram mais as vozes do que as nozes", isto é, os "paraísos fiscais" e o seu fim não estão em questão, mas colocaria a seguinte pergunta: como pretende a Comissão dissuadir os bancos de operarem em centros "offshore", como divulgou essa intenção? E que medidas efectivas pretende propor para combater a especulação financeira que integra as causas da actual crise financeira e económica? (09-03-10-016 <SPEAKER ID="444" NAME="Pedro Guerreiro" AFFILIATION="GUE/NGL">)

(21) Creio que é importante o facto de termos uma abordagem europeia e não ser possível um pick and choose de países, isto é, aceitar uns e não aceitar outros. Ou se aceita o espaço europeu, ou não se aceita. E, finalmente, como Simon Busuttil e o Vice-Presidente Barrot sublinharam, as garantias de reciprocidade nestes acordos são essenciais. Não se pode pedir à Europa que abra as portas aos outros, se os outros não abrem as portas à Europa e isso está muito bem garantido nestes acordos. (09-10-19-018 <SPEAKER ID="114" NAME="Carlos Coelho" AFFILIATION="PPE">)

(meus sublinhados)

Estes casos são exemplos em que o falante utiliza os marcadores discursivos para facilitar a interpretação da mensagem por parte dos recetores. Como o debate que ocorre no Parlamento Europeu é um género de discurso que tem como objetivo máximo a comunicação entre todos os eurodeputados, é natural que este seja o valor que ocorre mais nas intervenções, pois para haver comunicação sem fronteiras, é necessário que todos os intervenientes sejam compreendidos.

De seguida, analisarei as traduções e as interpretações destas ocorrências, comparando-as e usando-as para perceber se os valores semânticos percecionados na língua de chegada são os mesmos e, caso contrário, que conclusões se podem tirar delas quanto à sua funcionalidade.

Nas ocorrências de 'isto é' como marcador clarificante, as traduções propostas apresentam, predominantemente, o marcador discursivo 'in other words', o qual, de acordo

com Saz-Rubio (2003), é o exemplo paradigmático de reformulador de clarificação, assim como o MD ‘that is (to say)’, que é utilizado uma vez como tradução do MD presente no exemplo (21). Isto significa que a tradução destes marcadores mostra o mesmo valor do marcador discursivo determinado no TP.

No entanto, as interpretações mostram resultados ligeiramente diferentes.

Ambos os exemplos (17) e (18) – os quais fazem parte da mesma intervenção pelo mesmo eurodeputado –, foram interpretados com o MD ‘In other words’, tal como na tradução, mudando apenas as pausas (marcadas por pontuação):

Tabela 2 - Interpretação e tradução das ocorrências (17) e (18)

Interpretação ³⁶	Tradução (09-03-24-003 <SPEAKER ID="025" NAME="Pedro Guerreiro" LANGUAGE="PT">)
Thirdly, the so-called territorial cohesion should help out with economic and social cohesion, <u>in other words</u> its central goal should be outing disparities amongst economic developments region level in the various regions, particularly the disadvantaged regions.	Thirdly, so-called territorial cohesion must contribute to economic and social cohesion. <u>In other words</u> , its central objective must be to reduce disparities between the levels of economic development of the various regions and the backwardness of the least favoured regions.
Fourth, the new goals and objectives should entail fresh EU Money; <u>in other words</u> , financing territorial cohesion should not be at cost of undermining the convergence initiatives.	Fourthly, new objectives and priorities must be matched by new Community financial resources. <u>In other words</u> , so-called territorial cohesion must not be funded to the detriment of the Convergence objective.

A minha transcrição dos sinais de pontuação da interpretação tem a ver com as pausas feitas pelo intérprete. O motivo de haver menos pontos finais, por exemplo, prende-se com o

³⁶ Vídeo da interpretação integral disponível em < <http://www.europarl.europa.eu/plenary/EN/vod.html?mode=unit&vodLanguage=EN&startTime=20090324-09:59:14-710#> > (Consulta em 2 de outubro de 2016).

facto de considerar a pausa muito curta para justificar a presença de uma vírgula, de modo que não considere a presença de um ponto final. No entanto, levando em consideração a questão do tempo e a pressão a que os intérpretes estão sujeitos para se limitar a um intervalo de tempo muito curto, é previsível que as interpretações tenham menos pausas. Por isso, não julgo que seja uma diferença que valha a pena ser analisada em detalhe. De qualquer modo, é seguro dizer que o/a intérprete determinou o valor de clarificação que o falante pretendia, usando o MD de clarificação ‘in other words’. No entanto, o que pode ocorrer também é que o/a intérprete tenha usado o MD ‘in other words’ de forma automática, isto é, tenha ouvido o marcador ‘isto é’ e, de imediato, rendeu-o com ‘in other words’, sabendo que é o MD de reformulação mais neutro sugerindo isto que se trata da solução padronizada.

Por sua vez, a ocorrência (19) apresenta uma interpretação que recorre à omissão, sem qualquer reformulação:

Tabela 3 - Interpretação e tradução da ocorrência (19)

Interpretação³⁷	Tradução (09-01-12-022 <SPEAKER ID="207" NAME="Pedro Guerreiro" LANGUAGE="PT">)
Fisheries policy shouldn't be a marine policy.	<u>In other words</u> , a fisheries policy is not and cannot be a policy for the oceans or for the marine environment.

Segundo Barik (1975: 276), a ‘skipping omission’ ocorre quando um item lexical ou uma pequena expressão são omitidos pelos intérpretes aparentemente por passarem despercebidas por eles, mas que não tem consequência para a compreensão do texto de chegada. Por acreditar que é o caso desta ocorrência, classifiquei a omissão segundo esse tipo.

Esta ocorrência mostra um exemplo de uma omissão que, não prejudicando a compreensão do texto por parte do recetor, simplifica-o. Ao escutar mais atentamente, percebe-se que a interpretação tem um EVS mínimo, uma vez que o texto original apresentou

³⁷ Interpretação integral disponível em < <http://www.europarl.europa.eu/plenary/EN/vod.html?mode=unit&vodLanguage=EN&startTime=20090112-22:27:04-705> > (Consulta em 2 de outubro de 2016).

uma forma predicativa aos 5 segundos da intervenção e a interpretação começou 2 segundos depois. Por outras palavras, o intérprete não aparenta qualquer dificuldade em começar a atividade de interpretação, o que indica que a omissão que ele comete não envolve nenhum erro de compreensão.

Além da omissão, como já mencionado supra, acredito que este é ainda um caso de simplificação, uma vez que o intérprete reduz substancialmente o tamanho da frase, embora tal não cause perda de significado. Tanto quando omite o MD como quando omite partes da frase em que o MD se insere, o intérprete retira a ênfase e o destaque que o falante dá à frase, no TP, ao utilizar o marcador discursivo ‘isto é’; esta frase, não inocentemente, é destacada num único parágrafo na transcrição feita pelo Parlamento Europeu. Assim, apesar de não se perder informação, perde-se algum do poder retórico das palavras originais.

Por sua vez, a tradução do MD é, mais uma vez, ‘In other words’, o qual tem o mesmo valor de clarificação de ‘isto é’, segundo Saz-Rubio (2003). Assim, apesar de a interpretação ignorar o MD, a tradução não o faz, mantendo o valor previamente determinado no texto original.

Para além da interpretação da ocorrência (19), também a interpretação da ocorrência (20) usa a omissão (assinalada a \emptyset); contudo, como já será mencionado abaixo, a natureza dessa omissão é diferente:

Tabela 4 - Interpretação e tradução da ocorrência (20)

Interpretação ³⁸	Tradução (09-03-10-016 <SPEAKER ID="444" NAME="Pedro Guerreiro" AFFILIATION="GUE/NGL">)
In the line of what’s been said, it seems that others have more powerful voices than us, \emptyset taxings and the papers are not being called into question. Let me	(PT) On the strength of what was said, there seems to be less action than words. <u>In other words</u> , tax havens and their abolition are not on the menu, but I would pose the following

³⁸ Interpretação disponível em <http://www.europarl.europa.eu/plenary/EN/vod.html?mode=unit&vodLanguage=EN&startTime=20090310-18:52:12-937> > (Consulta em 2 de outubro de 2016)

<p>put this question then: how does the Commission intend to dissuade banks from operating offshore?</p>	<p>question: how does the Commission intend to dissuade banks from operating from 'offshore' centres, as it has stated that intention? Also, what actual measures does it intend to propose to combat the financial speculation that is central to the causes of the current financial and economic crisis?</p>
--	---

Uma vez que as interpretações são processos que envolvem muitas questões e algumas bem complexas, desde o *stress* até ao limite de tempo, determinar um valor através de uma interpretação pode provar-se complicado. Neste caso, o MD é omitido na interpretação, sem a presença de qualquer reformulação do texto original. Apesar de não prejudicar a compreensão do texto, parece faltar um elemento que ligue os dois enunciados, pois no TP o MD funciona como clarificação, tal como previsto por Lopes (2014). O facto de a expressão “foram mais as vozes do que as nozes”, que significa “são mais as palavras do que os atos”, em inglês, como a tradução mostra: “there seems to be less action than words”, não ser bem compreendida, pois parece que o intérprete compreende ‘nossas’ em vez de ‘nozes’, palavras foneticamente parecidas, pode ter causado a omissão do MD que se segue. Por essa razão, considereei uma omissão como inserida no tipo ‘comprehension omission’, um tipo de omissão segundo Barik (1975: 276), em que os intérpretes, por não compreenderem parte do texto, o omitem. Assim, com esta ocorrência, pode perceber-se que a própria análise da interpretação dos MD está dependente não só da opção tradutiva do MD, mas também dos elementos que o rodeiam (o cotexto), assim como a nível linguístico, o valor do MD depende fortemente do contexto.

Além disso, a omissão deste MD mostra que, apesar de a interpretação aparentar estar cortada e sem ritmo, não se perde muita informação. No entanto, aqui é perceptível o valor procedimental do MD. No original, o falante explicita uma função, a de explicar o que quer dizer com a expressão utilizada, e o mesmo não acontece na sua interpretação. Ou seja, não há qualquer indício de clarificação do que foi dito. É o recetor que tem de inferir, sem qualquer sinal dado pelo intérprete, em que sentido a oração seguinte à omissão é dada.

A tradução utilizada pelos tradutores ‘In other words’, ao contrário do previsto (a previsão apontava que o MD ‘isto é’ fosse mais vezes traduzido por ‘that is’, uma vez que a sua construção é semelhante: pronome demonstrativo + terceira pessoa do singular do verbo *ser* no presente), demonstra ser o MD preferido dos intérpretes para o marcador discursivo ‘isto é’, de acordo com o gráfico traçado supra. Nesta intervenção destaca-se a posição inicial do MD na tradução, que obriga à cisão da frase original em duas. Este procedimento evoca a posição inicial dos MD ingleses, observada por alguns estudiosos, como Brinton (1996) e Bell (1998). Como a tradução do Parlamento Europeu, segundo Pym (2000), procura uma tradução formal, isto é, procura encontrar estruturas relativamente semelhantes entre as línguas sem grandes alterações na ordem das estruturas, em vez de uma tradução mais livre, este exemplo também pode ser um indicativo de que, apesar de não adicionarem informação, os MD são estruturas naturais que obrigam até mesmo a uma adaptação na tradução formal, o que implica o recurso à equivalência dinâmica. Isto porque é a equivalência dinâmica que acredita ser possível que as estruturas entre as línguas se assemelhem, mas não esquece que o valor dessas estruturas depende do contexto, sendo passíveis de ter que mudar de posição ou de função; por exemplo, se um verbo pode tornar-se um adjetivo, por força de adaptação a uma outra língua, então o MD pode mudar posição pela mesma razão. Por outras palavras, o contexto muda de língua para língua, porque o modo de organização de pensamento muda, ou seja, ‘in other words’, num registo escrito e formal, é comumente colocado em início de frase.

Assim, conclui-se, a partir desta interpretação, que o MD tem um valor funcional e, por isso, a sua omissão pode ocorrer sem maiores problemas, mesmo que seja uma omissão causada por um erro de compreensão por parte do intérprete. Como se pode observar, não é a omissão do MD em si que pode causar uma difícil compreensão por parte do ouvinte, mas de outros elementos da frase.

O caso (21) mostra uma exceção nos *corpora*, uma vez que se apresenta como um caso contrário àqueles que se mostraram até agora: aqui ocorre uma interpretação por ‘in other words’ enquanto a tradução opta por omitir o MD. Ou seja, a omissão que até agora parecia sempre surgir associada à interpretação, aparece agora na tradução:

Tabela 5 - Interpretação e tradução da ocorrência (21)

Interpretação ³⁹	Tradução (09-10-19-018 <SPEAKER ID="114" NAME="Carlos Coelho" AFFILIATION="PPE">)
Because it is important that we have a European approach and we don't cherry-pick; <u>in other words</u> , accept some and not others. Either we accept European space, or we don't.	I believe that it is important to take a European approach, and avoid 'picking and choosing' countries, <u>∅</u> accepting some and barring others. Either the whole European area is accepted or it is not.

A interpretação mantém a ordem da frase e a posição do MD, utilizando um MD com valor de clarificação para explicar o S1. No entanto, a tradução omite o MD, causando uma ideia ligeiramente diferente no TC, uma vez que o S2 “accepting some and barring others”, sem qualquer MD a anteceder-lo, é interpretado como um acrescento e não como uma reformulação ou explicação. Talvez porque como a língua inglesa é a língua de chegada, o/a tradutor/a não tenha visto necessidade de colocar um MD clarificante para o recetor conseguir perceber que o S2 é uma explicação do S1, pois, no original, o falante recorre a uma expressão de língua inglesa. Mais uma vez, isto alude ao conceito de equivalência dinâmica proposto por Nida (1964), uma vez que o tradutor leva em conta o contexto cultural do recetor, omitindo o MD explicativo por considerar que o recetor, por conhecer a língua inglesa, não precisa do MD para perceber que o S2 é uma clarificação do S1.

Autorreformulador parafrástico com função catafórica

De entre as 8 ocorrências do MD ‘isto é’, foram encontradas 2 em que este MD incorporou a função de autorreformulador parafrástico com função catafórica, de acordo com a classificação proposta por Lopes (2014):

³⁹ Interpretação integral disponível em < <http://www.europarl.europa.eu/plenary/EN/vod.html?mode=unit&vodLanguage=EN&startTime=20091019-19:48:08-405> > (Consulta em 7 de outubro de 2016).

(22) em nome do Grupo GUE/NGL. - O relatório contém alguns aspectos que, de forma mitigada, apontam o que há muito temos vindo a denunciar, isto é, o actual orçamento comunitário está aquém das necessidades que são exigidas para uma real e efectiva promoção da proclamada coesão económica e social ao nível da União Europeia. Tanto mais quando, em plena crise, os insuficientes limites acordados no actual quadro financeiro para 2007 e 2013 não são cumpridos (menos cerca de 29 mil milhões de euros entre 2007 e 2009) e as verbas orçamentadas não são executadas como objectivo 'despesa', nomeadamente no que se refere à convergência e à agricultura e pescas. (09-03-24-010 <SPEAKER ID="393" NAME="Pedro Guerreiro">)

(23) Terceiro, sobe o custo dos vistos e muda de país para país. A proposta da Comissão visava prevenir o visa shopping. Ao dar às entidades privadas a possibilidade de cobrar uma taxa que irá ser adicionada ao preço do visto, irá criar-se uma diferença entre o custo dos vistos de Estado-Membro para Estado-Membro. Estaremos assim a incentivar aquilo que efectivamente queríamos combater, isto é, o visa shopping. Se num Estado o custo do visto forem 60 euros e no outro forem 90, onde irão concentrar-se a maior parte dos pedidos? Sobretudo no caso de famílias com vários membros. Para não falar na necessidade de rever os acordos de facilitação de vistos que tanto foram apoiados por este Parlamento, como é o caso da Ucrânia e da Sérvia. (09-03-24-015 <SPEAKER ID="483" NAME="Carlos Coelho" AFFILIATION="PPE-DE">)

(meus sublinhados)

A função catafórica é utilizada quando o falante quer indicar, especificar e precisar algo, a seguir, que foi anteriormente referido, embora de forma vaga. No caso (22), o falante faz referência a algo que foi já dito por outrem; enquanto no caso (23), algo referido anteriormente por ele mesmo. De seguida, encontra-se a análise das ocorrências à luz das traduções e das interpretações

As traduções de ambas as ocorrências e a interpretação de uma delas (22) usam 'namely' para o MD com esta função. Segundo Saz-Rubio (2003), como já mencionado supra, 'namely' é um marcador discursivo de identificação, uma vez que serve para identificar uma referência feita anteriormente ou já definida, o que se assemelha ao valor catafórico de Lopes (2014).

No entanto, uma das interpretações opta por não incluir o MD, dividindo uma frase em duas orações na interpretação, que será indicado a **negrito**:

Tabela 6 - Interpretação e tradução da ocorrência (23)

Interpretação ⁴⁰	Tradução (09-03-24-015 <SPEAKER ID="483" NAME="Carlos Coelho" AFFILIATION="PPE-DE">)
<p>And also, of course the cost of visas is different from country to country. Now, the commission's proposal, if you were to allow different price levels, would facilitate visa-shopping. That would happen if you had different prices for visas, and this is something we need to combat. What we absolutely have to avoid is any incentive to wealth for visa-shopping.</p>	<p>Thirdly, the cost of visas will rise and will vary from country to country. The Commission proposal aimed to prevent visa shopping. By allowing private companies to charge a fee which will be added to the visa price, this will create a difference in the cost of visas from one Member State to another. We will therefore be encouraging exactly what we wanted to combat, <u>namely</u> visa shopping.</p>

É de notar que o intérprete repete 'visa-shopping' duas vezes, tal como o falante original. Este parece ser um caso de reformulação que, como já foi dito na introdução teórica, é fundamental para resolver problemas específicos, como por exemplo, recursos estilísticos com efeitos difíceis de alcançar na língua de chegada. Neste caso, embora o MD marque uma catáfora, é possível notar o destaque que o falante quer dar ao termo 'visa-shopping'. Por essa razão, o intérprete reformula a frase numa tentativa não só de transmitir toda a informação, mas alcançar o mesmo efeito de destaque, e daí a repetição do termo. Assim, apesar de o MD não estar presente, o seu valor pragmático não se perde e, obviamente, o seu valor catafórico deixa de ter relevância, uma vez que o termo que o MD original introduz é repetido.

⁴⁰ Vídeo da interpretação integral disponível em < <http://www.europarl.europa.eu/plenary/EN/vod.html?mode=unit&vodLanguage=EN&startTime=20090324-21:40:56-574> > (Consulta em 7 de outubro de 2016).

Autorreformulador parafrástico com valor de equivalência semântica

Socorrendo-me, mais uma vez, de Lopes (2014) ainda no âmbito das reformulações, foi encontrada uma ocorrência em que o MD ‘isto é’ apresentou o valor de equivalência estrita:

(24) Senhor Presidente, Senhor Comissário, alguns factos que importa recordar: segundo a OCDE, nos paraísos fiscais estavam sediados, em 2008, cinco a sete triliões de euros em activos. Na União Europeia, as fugas ao fisco, já aqui hoje citadas, equivalem a 2 a 2,5% da riqueza da União, isto é, são duas vezes o orçamento da União Europeia. (10-02-08-014 <SPEAKER ID="107" NAME="Elisa Ferreira" AFFILIATION="S&D">)

(meus sublinhados)

A equivalência estrita ocorre quando o marcador discursivo prefacia um segmento que está numa relação de equivalência semântica absoluta com o S1 que o antecede. Neste caso, “2 a 2,5% da riqueza da União” (S1) é tido como equivalente de “são duas vezes o orçamento da União Europeia” (S2).

Na tradução, o MD é traduzido por ‘which is to say’ que, segundo Saz-Rubio (2003), é um reformulador de clarificação. Isto mostra que, apesar de na língua inglesa o MD funcionar como marcador de clarificação, este não perde o valor de equivalência semântica, pois a equivalência entre os dois segmentos é perceptível através do contexto.

Ao contrário da tradução, a interpretação não oferece qualquer marcador discursivo que substitua o marcador discursivo ‘isto é’, optando por reformular a frase e por omitir o S1, daí que a interpretação do MD de ligação seja desnecessária:

Tabela 7 - Interpretação e tradução da ocorrência (24)

Interpretação ⁴¹	Tradução (10-02-08-014 <SPEAKER ID="107" NAME="Elisa Ferreira" AFFILIATION="S&D">)
<p>President, Commissioner. There are some facts that we should recall: accordingly to the OECD [pausa de 6 segundos] the tax havens in 2008 were holding 7 to 8 trillions euros. That's a considerable percentage of the Euro wealth of the European Union, about 2% perhaps of the European wealth.</p>	<p>(PT) Mr President, Commissioner, here are some facts that are worth remembering: according to the OECD, assets amounting to EUR 5 to 7 trillion were stashed away in tax havens in 2008. In the European Union, tax evasion, already mentioned today, amounts to between 2% and 2.5% of EU wealth, <u>which is to say</u> double the EU budget.</p>

Como se pode ver, não é só o marcador discursivo que é omitido, como também o segmento “double the EU budget”. Considerei este tipo de omissão como fazendo parte de uma ‘delay omission’:

The omission of a larger unit of text, similar to O2⁴², but seeming to be due primarily to the delay of the T⁴³ in relation to S (as judged from monitoring the two versions) at a particular point in the text, which causes him to fail to register or to have to by-pass part of the text in order to catch up. The assumption here is that T may have been able to translate the omitted segment had he not lagged too far behind at that point. There is a certain subjective element in determining whether a particular instance of omitted material represents an omission of type O2 or O3⁴⁴; functionally, the two types are equally disruptive. (Barik, 1975: 276)

Como Barik sublinha no excerto acima, a distinção entre a ‘comprehension omission’ e a ‘delay omission’ é muito subjetiva. Contudo, classifiquei esta interpretação como um exemplo de ‘delay omission’, porque existe uma grande pausa de 6 segundos, o que pode

⁴¹ Interpretação disponível em

< <http://www.europarl.europa.eu/plenary/EN/vod.html?mode=unit&vodLanguage=EN&startTime=20100208-19:29:10-866> > (Consulta em 10 de outubro de 2016).

⁴² O2 é a sigla que Barik (1975: 276) usa para ‘comprehension omission’.

⁴³ Segundo Barik (1975: 272), por T entende-se o/a tradutor/a ou o/a intérprete que, para o propósito do seu trabalho, considera sinónimos.

⁴⁴ ‘Delay omission’, segundo Barik (1975: 276).

causar atraso, seguida de uma interpretação mais sintática. Quando o intérprete termina a interpretação da frase “President, Commissioner. There are some facts that we should recall: accordingly to the OECD [pausa de 6 segundos] the tax havens in 2008 were holding 7 to 8 trillion euros”, ele está seis segundos atrasado em relação à falante e, logo de seguida, começa uma interpretação mais sintática, omitindo mesmo o MD, terminando a frase “That’s a considerable percentage of the Euro wealth of the European Union, about 2% perhaps of the European wealth” para logo de seguida acompanhar o texto que se segue com um EVS de 2 segundos, muito menor em relação ao EVS que antecedia. O intérprete não hesita em omitir o MD e o S2, o que indica também uma simplificação do enunciado muito técnico. Devido ao facto de o S2 ser omitido, a presença do MD é dispensável, o que aponta para a completa dependência do MD do contexto, pois por si só o MD não pode existir nem veicula qualquer informação.

5.2 ‘Ou seja’

Análise Quantitativa

No mesmo intervalo de tempo previamente definido (2009-2011) para o marcador discursivo anteriormente analisado, encontrei, ao todo, 15 ocorrências do marcador discursivo ‘ou seja’ em discurso oral, em português, por parte de Eurodeputados portugueses no Parlamento Europeu.

De seguida, apresento uma tabela com as interpretações e traduções dos MD em paralelo:

Tabela 8 - Interpretações e traduções das ocorrências de 'ou seja'

Nº DAS OCORRÊNCIAS	INTERPRETAÇÃO	TRADUÇÃO CONSOLIDADA
25	In other words	Omissão
26	and that means	or, in other words
27	that is	– that is
28	Omissão	that is

29	Omissão	– in other words
30	Omissão	in other words
31	That's to say	in other words
32	that is to say	or
33	Basically	or, put another way
34	Omissão	or rather
35	That means that	in other words
36	Omissão	In other words
37	So	In other words
38	Omissão	or
39	that is I think	:

Nesta tabela, observa-se que na interpretação, o MD 'ou seja' é omitido seis vezes pelos intérpretes, o que resulta numa percentagem de 40%; a interpretação por 'in other words' ocorre uma única vez, o que equivale a cerca de 7%, enquanto 'that is' e as suas variantes ocorrem quatro vezes ($\approx 26\%$); as interpretações por 'that means that' e 'and that means' que agrupei, por considerá-las similares, o que equivale a duas ocorrências e cerca de 13%. Por fim, existem os MD 'so' e 'basically', que ocorrem uma única vez cada um.

Já na sua tradução, os resultados são bem diferentes: ao contrário da interpretação, na qual só ocorreu uma vez, o MD 'in other words' e outras variações ocorre 7 vezes, o que equivale a cerca de 46%, enquanto a omissão – que ocorreu em maior número na interpretação – foi a estratégia que menos ocorreu (1 vez apenas) na tradução; o marcador discursivo 'that is' ocorre 2 vezes na tradução ($\approx 13\%$), metade das vezes que ocorre na interpretação. De diferente, destaca-se ainda o disjuntivo 'or' que ocorre duas vezes no *corpus* da tradução ($\approx 13\%$) e o sinal de pontuação (:), usado uma vez para substituir o MD. 'Or rather' e 'or, put another way' ocorrem uma vez cada um. Estes dados encontram-se nos gráficos abaixo:

Gráfico 3 - Estratégias usadas pelos intérpretes nas ocorrências de 'ou seja'.

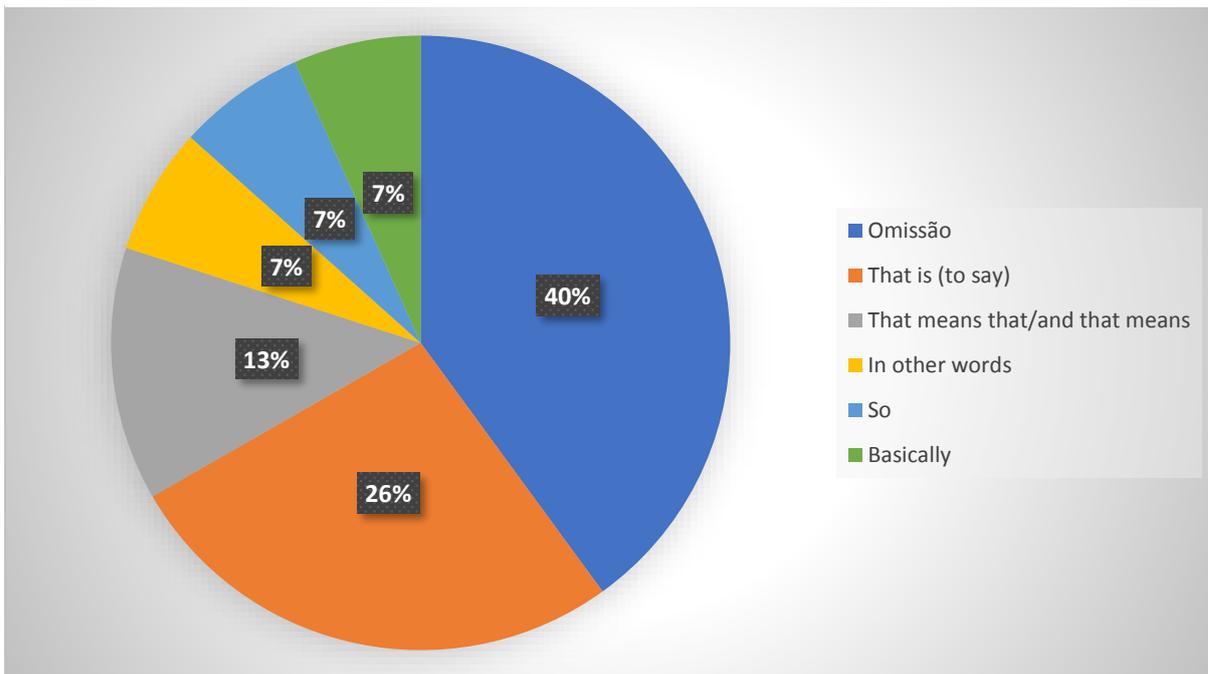
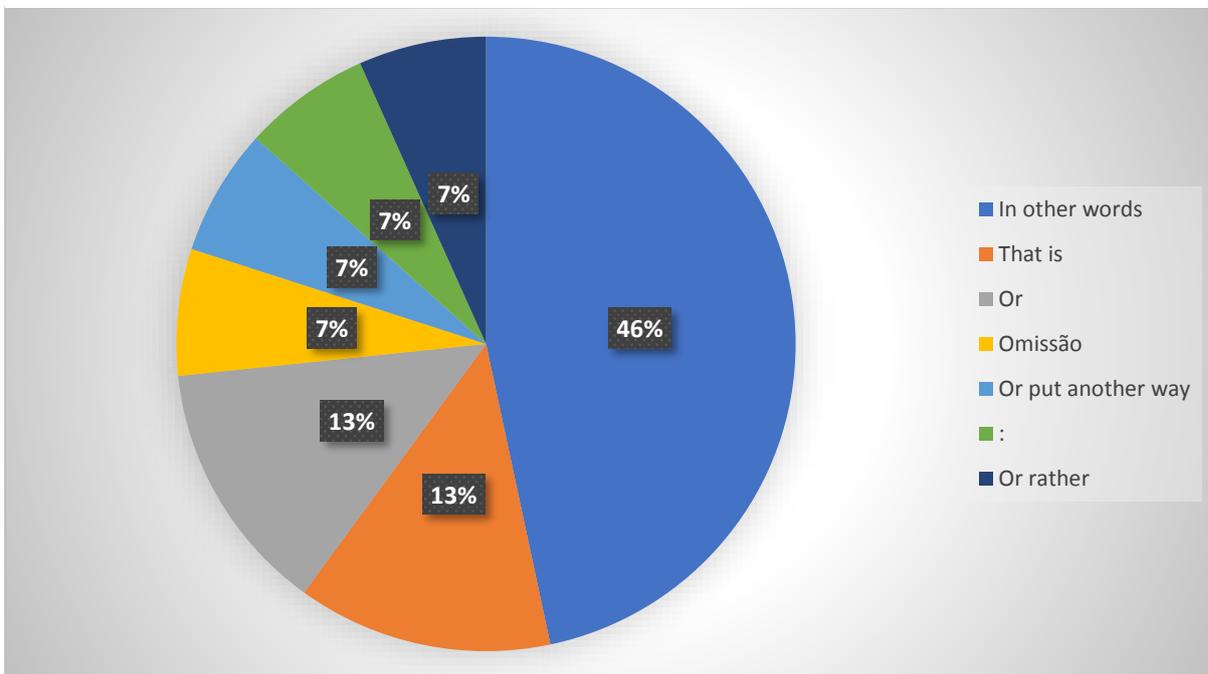


Gráfico 4 - Traduções das ocorrências do marcador discursivo 'ou seja'



Assim, tal como sucedeu com o marcador discursivo 'isto é', é seguro concluir que, de acordo com os dados do marcador discursivo 'ou seja', a omissão é uma característica muito

comum da interpretação e muito provavelmente pelas mesmas razões apontadas acima: a velocidade de interpretação e a conseqüente pressão sobre os intérpretes.

De seguida, apresento uma divisão das ocorrências de 'ou seja' de acordo com os valores do marcador discursivo em estudo, de modo a estudá-lo a partir das traduções e interpretações, como procedi no caso do MD 'isto é'. Além disso, farei uma comparação entre tradução e interpretação, apontando para as diferenças fundamentais entre tradução e interpretação, com o objetivo de chegar a alguma conclusão sobre equivalência e universais da tradução.

Autorreformulador parafrástico com valor de equivalência semântica

Das 15 ocorrências encontradas do marcador discursivo 'ou seja', cinco delas são casos de equivalência, tal como proposto por Lopes (2014):

(25) em nome do Grupo PPE-DE. - Senhora Presidente, Senhora Comissária, retomo as palavras já aqui proferidas há anos atrás pela Colega Eija-Riitta Korhola, em 13 de Março de 2006. Ela descreveu-nos assim a situação no tocante ao acesso da água potável: "os números são alarmantes, morrem 3900 crianças todos os dias devido à falta de água potável, um quinto da população mundial, ou seja, cerca de 1100 mil milhões de pessoas sofre de falta de água potável. Mais de 40% da população mundial não tem acesso à água corrente e esgotos". (09-03-11-016 <SPEAKER ID="456" NAME="José Ribeiro e Castro">)

(26) Senhora Presidente, o Sr. Primeiro-Ministro afirmou que a Presidência checa foi bem sucedida. Lamento, Sr. Fischer, mas não estou de acordo. O Sr. Primeiro-Ministro será o menos responsável, mas a Presidência checa não foi nada consensual. Começou com a polémica das obras de arte - polémica favorável ao artista, mas não à Presidência. Depois, a instabilidade política interna prejudicou a imagem da União Europeia, ou seja, de todos nós. É verdade, Sr. Fischer, que a República Checa conseguiu ratificar o Tratado de Lisboa, mas falta a assinatura do Presidente Václav Klaus e, convenhamos que ter um presidente eurocéptico quando se tem a Presidência da União Europeia, não ajuda nada. O Presidente checo deu vários sinais de euroceptismo, desde logo recusando-se a usar a bandeira da União. Mas, mais importante, é, de facto, a falta de assinatura no Tratado de Lisboa. É um desrespeito por todos nós e pelos cidadãos europeus. (09-07-15-004 <SPEAKER ID="029" NAME="Edite Estrela" AFFILIATION="S&D">)

(27) Há umas poucas semanas tive a honra de presidir a uma delegação da Comissão do Comércio Internacional deste Parlamento Europeu que assistiu à 7ª Conferência Ministerial da Organização Mundial de Comércio, em Genebra. Embora a Ronda de Doha, ou seja a Agenda para o Desenvolvimento de Doha, não estivesse na agenda oficial dessa conferência ministerial, a verdade é que uma grande maioria das delegações oficiais dos países membros da Organização Mundial do Comércio aproveitaram a oportunidade para se pronunciarem sobre o assunto e para declararem o seu desejo de concluir a Ronda de Doha até ao fim de 2010. (09-12-14-016 <SPEAKER ID="110" NAME="Vital Moreira">)

(28) A consulta pública decorreu até ao final da semana passada, ou seja, até 15 de Janeiro, num momento em que ainda estamos no processo de audição dos comissários indigitados para a nova Comissão, a qual apenas iniciará funções em Fevereiro próximo. (10-01-18-012 <SPEAKER ID="064" NAME="Ilda Figueiredo" AFFILIATION="GUE/NGL">)

(29) Senhor Presidente, Senhora Comissária, felicitando os quatro relatores, permitam-me que me centre apenas em dois dos relatórios em debate. Em 2008, a ausência de acordo sobre um projecto de regulamento destinado a simplificar e clarificar o regulamento comunitário relativo à conservação de recursos haliêuticos, conduziu à adopção do actual regulamento que institui um conjunto de medidas transitórias inicialmente previstas para o período entre 1 de Janeiro de 2010 e 30 de Junho de 2011. A presente proposta legislativa prolonga este regime de transição durante um período suplementar de 18 meses, ou seja, até 1 de Janeiro de 2013, na pendência de um novo regulamento de medidas técnicas que enquadre a PCP reformada. (Maria do Céu Patrão Neves (PPE)⁴⁵)

(meus sublinhados)

Os casos (25), (27), (28) e (29) usam o MD como marcador de equivalência estrita, enquanto o caso (26) usa-o como marcador de equivalência semântica. Segundo Lopes (2014: 46), a diferença entre equivalência estrita e equivalência semântica reside no facto de o primeiro ser uma verdade em qualquer situação e o último ser uma equivalência num contexto discursivo particular, como é o caso do exemplo (26).

A tradução destas cinco ocorrências é, respetivamente: a omissão; “or, in other words” (uma variante de ‘in other words’); “– that is”; e, de novo, “that is” e “in other words”. As traduções de marcadores discursivos com valor de equivalência por um MD com valor de

⁴⁵ Disponível em < <http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?pubRef=-//EP//TEXT+CRE+20110405+ITEMS+DOC+XML+V0//PT&language=PT> > (Consulta em 2 de outubro de 2016).

clarificação, como é o caso dos MD ‘that is’ e de ‘in other words’⁴⁶, possibilitam o avançar de uma hipótese: em inglês, o valor de equivalência semântica existe, porventura, no âmbito da grande categoria dos marcadores de clarificação.

Quanto à sua interpretação, as estratégias são as seguintes: a interpretação por “in other words” (25), “and that means” (26) e “that is” (27) e omissão nos casos (28) e (29). Como se pode observar, os marcadores discursivos utilizados tanto nas interpretações como nas traduções são muito semelhantes, o que pode apontar para uma automatização do trabalho dos intérpretes e dos tradutores do Parlamento Europeu.

É no caso (25) que surge a omissão na tradução, apresentada abaixo:

Tabela 9 - Interpretação e tradução da ocorrência (25)

Interpretação⁴⁷	Tradução (09-03-11-016 <SPEAKER ID="456" NAME="José Ribeiro e Castro" LANGUAGE="PT">)
I would quote the words spoken by Mr. Korhola, in March 2006 here who described the access to drinking water as follows: “the figures are alarming 3 900 children die every day due to a lack of drinking water, a fifth of the world population. <u>In other words</u> around 1.1 billion do not have access to drinking water.	Madam President, Commissioner, I would repeat the words spoken in this House several years ago, on 13 March 2006, by Eija-Riitta Korhola. She described the situation with regard to access to clean water as follows: 'The figures are alarming: 3 900 children die every day because of a lack of clean water. One fifth of the world's population, some 1.1 billion people, suffer from a lack of clean water. More than 40%, meanwhile, are without proper water and sewage services.'

⁴⁶ Segundo Saz-Rubio (2003).

⁴⁷ Interpretação integral disponível em <http://www.europarl.europa.eu/plenary/EN/vod.html?mode=unit&vodLanguage=EN&startTime=20090311-21:48:34-705> > (Consulta em 11 de outubro de 2016).

De acordo com Pym (2000), o Parlamento Europeu veicula uma tradução formal, ou seja, palavra por palavra, com poucas alterações no texto, no caso de as línguas terem estruturas sintáticas semelhantes, como ocorre neste exemplo. No entanto, parece aqui que a presença do MD depende da interpretação que o tradutor e o intérprete fazem do enunciado original. Creio que, na interpretação, o intérprete entende que o S1 “the figures are alarming 3 900 children die every day due to a lack of drinking water, a fifth of the world population” é clarificado de seguida no S2: “around 1.1 billion do not have access to drinking water”, usando para isso um MD de clarificação. Ao mesmo tempo, na tradução, o/a tradutor/a interpreta que o seu S1 “One fifth of the world's population” é colocado em equivalência ao seu S2 “some 1.1 billion people”. Por outras palavras, na tradução, este caso apresenta uma equivalência estrita independente do contexto, daí que o MD seja omitido e o S2 funcione como aposto do S1.

Assim, a comparação entre a tradução e a interpretação mostra que, apesar das diferenças entre as duas atividades, tanto uma como a outra dependem de decisões tomadas pelo/a tradutor/a e pelo/a intérprete, e essas decisões irão moldar o modo como o recetor recebe a mensagem do falante. Além disso, como os valores dos marcadores discursivos estão dependentes do contexto em que estão inseridos, a interpretação dos tradutores/intérpretes pode também mudar o valor do MD, como é o caso desta ocorrência.

De entre as cinco ocorrências com um valor de equivalência, uma interpreta o MD por uma expressão verbal (‘and that means’) que literalmente significa “e isso significa”:

Tabela 10 - Interpretação e tradução da ocorrência (26)

Interpretação⁴⁸	Tradução (09-07-15-004 <SPEAKER ID="029" NAME="Edite Estrela" AFFILIATION="S&D">)
There was a controversy about some works of art at the beginning of the	I would firstly mention the controversy about works of art, a controversy which was

⁴⁸ Interpretação em

< <http://www.europarl.europa.eu/plenary/EN/vod.html?mode=unit&vodLanguage=EN&startTime=20090715-10:09:47-766> > (Consulta em 22 de outubro de 2016).

<p>presidency, good publicity for the artist but not for the presidency. Then there were internal political difficulties which led to the image of the European union being tarnished <u>and that means</u> the image of all of us.</p>	<p>favourable to artists, but not to the Presidency. Then there was the domestic political instability, which tarnished the image of the European Union <u>or, in other words,</u> of all of us.</p>
---	--

Ao utilizar a expressão “and that means”, o intérprete está a estabelecer uma equivalência entre o S1 e o S2, quase apresentando uma paráfrase. Por essa razão, pode-se concluir que, apesar de podermos prescindir dos marcadores discursivos a nível sintático, eles podem ser traduzidos por estruturas sintáticas com significado a nível semântico, tornando-se estas, por sua vez, imprescindíveis para a frase fazer sentido.

Por sua vez, na tradução, o MD utilizado é ‘in other words’ que, como já visto acima, é apontado por Saz-Rubio (2003) como MD de clarificação. No entanto, antes desse MD, é utilizada a conjunção ‘or’ que apresenta, geralmente, uma alternativa. Ora, uma conjunção de alternativa seguida de um MD de clarificação pode apontar para uma ideia de equivalência semântica, uma outra forma de dizer o que foi dito anteriormente.

Com estes exemplos, constata-se que, apesar de Saz-Rubio (2003) não apontar nenhum MD específico para transmitir a ideia de equivalência, essa ideia pode ser construída por MD e mesmo por expressões compostas por verbos autónomos com significado semântico.

O caso (28) apresenta uma omissão na interpretação:

Tabela 11 - Interpretação e tradução da ocorrência (28)

Interpretação ⁴⁹	Tradução (10-01-18-012 <SPEAKER ID="064" NAME="Ilda Figueiredo" AFFILIATION="GUE/NGL">)
Now, up until the 15 th of January last, ah, it seems, ah, obviously, we're still going through the hearing of the new commission, which will only take office in February, next month.	The public consultation ran until the end of last week, <u>that is</u> , 15 January, and we are still conducting hearings for the new Commission, who will only take up their posts next February

Esta omissão assemelha-se a um tipo de 'delay omission', porque o intérprete decide ignorar o S1: "A consulta pública decorreu até ao final da semana passada" para conseguir acompanhar a falante, começando a interpretação do que se lhe segue com um EVS mínimo de 1 segundo, enquanto na frase anterior a interpretação tinha um EVS de 7 segundos. No entanto, ao ignorar o S1 e o MD, o S2 deixa de fazer sentido, porque fica descontextualizado no texto, o que provoca a hesitação breve do intérprete, antes de quebrar o S2 e continuar a interpretação. Apesar de a interpretação apontar mais para o processo do que para o valor do MD, daqui conclui-se que, muitas vezes, o S2 a seguir a um MD, além de ser uma clarificação, é também uma adenda, uma ideia acrescentada, dependente da existência do S1.

A tradução usa o MD 'that is' que tem o valor de clarificação, segundo Saz-Rubio (2003), o que mais uma vez alerta para a possibilidade de a equivalência semântica ser percebida como um tipo de clarificação na LC.

O caso que se segue mantém o MD, mas omite o S1:

⁴⁹ Interpretação integral disponível em < <http://www.europarl.europa.eu/plenary/EN/vod.html?mode=unit&vodLanguage=EN&startTime=20100118-18:05:11-558> > (Consulta em 22 de outubro de 2016).

Tabela 12 - Interpretação e tradução da ocorrência (29)

Interpretação ⁵⁰	Tradução (Maria do Céu Patrão Neves) ⁵¹
<p>President, Commissioner, I congratulate the fellow rapporteurs and I would dwell on two of those.</p> <p>In 2008, the absence of an agreement of a draft regulation, which was to simplify and clarify the community paper of conserving fish stocks, led to the adoption of the present regulation, which set up the number of transition measures which were originally provided for the period from 1 January 2010 and 30 June 2011. The present draft law prolongs this transition period, <u>that is</u>, up to 1st January 2013 expecting another regulation on the technical measures.</p>	<p>(PPE). – (PT) Mr President, Commissioner, while I congratulate all four rapporteurs, I would like to focus on just two of the reports being debated. In 2008, the absence of any agreement on a draft regulation intended to simplify and clarify the EU regulation on conservation of fish resources led to the adoption of the current regulation, which established a set of transitional measures, initially provided for the period between 1 January 2010 and 30 June 2011. The current legislative proposal extends this transitional arrangement for an additional period of 18 months – <u>in other words</u>, until 1 January 2013 – pending a new regulation on technical measures framing the reformed common fisheries policy (CFP).</p>

O S1 é omitido porque o intérprete o ignora, sem comprometer a compreensão da informação, mas mantém o MD, talvez porque o recetor não vai achar estranho a presença de um elemento tão pequeno, mesmo que, numa análise mais profunda, a sua presença não contribua em nada para a mensagem que o falante quer transmitir. Além disso, o recetor pode

⁵⁰ Vídeo da interpretação integral disponível em < <http://www.europarl.europa.eu/plenary/EN/vod.html?mode=unit&vodLanguage=EN&startTime=20110405-22:53:41-985> > (Consulta em 7 de março de 2017).

⁵¹ Disponível em < <http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?pubRef=-//EP//TEXT+CRE+20110405+ITEMS+DOC+XML+V0//EN> > (Consulta em 10 de março de 2017).

ignorar essa partícula, considerando-a apenas um 'filler' do intérprete, algo que o ajude a focar-se na tarefa. Assim, a partir daqui, conclui-se que, mesmo que o MD seja traduzido, se ele não tiver o S1 e o S2 para o seu valor ser determinado, então dependendo do contexto, o MD pode mudar o seu valor para um 'filler'.

Autorreformulador parafrástico com valor de clarificação

No *corpus*, existem também 5 ocorrências em que o MD 'ou seja' tem valor de clarificação, tanto segundo Pic et al. (2013) como Saz-Rubio (2003); através desta estratégia, o falante tenta tornar mais acessível à compreensão a sua mensagem:

(30) Por isso, insistimos na urgência de uma verdadeira ruptura com estas políticas neoliberais e monetaristas, pondo fim ao Pacto de Estabilidade, aos paraísos fiscais, à falsa autonomia do Banco Central Europeu. Por isso, insistimos na necessidade de aumentar significativamente o orçamento comunitário baseado numa repartição justa dos rendimentos e da riqueza, para que haja uma política de coesão económica e social e não se insista nas medidas que são mais do mesmo, ou seja, do "salve-se quem puder", que permite que os mais ricos fiquem cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres, como o agravamento das desigualdades e das divergências das economias da zona euro bem demonstram. (09-01-13-005 <SPEAKER ID="039" NAME="Ilda Figueiredo">

(31) Finalmente, recordo que esta directiva que vamos modificar tem 17 anos, está claramente desactualizada. A directiva revista não vai entrar em vigor antes do fim da próxima legislatura. Ou seja, estamos a legislar para o futuro, não para o imediato. (09-05-06-006-06 <SPEAKER ID="175" NAME="Edite Estrela">

(32) Sr. Zapatero, creio que sabe tão bem como eu que o crescimento da produção na Europa vai ser lento e medíocre durante os próximos anos. É por isso que eu não consigo perceber o porquê da sua insistência no regresso do Pacto de Estabilidade em versão ortodoxa, ou seja, com compressão do investimento público e da despesa social. (10-01-20-003 <SPEAKER ID="045" NAME="Miguel Portas" AFFILIATION="GUE/NGL">

(33) Gostei muito de os ouvir. Trouxeram-nos mensagens positivas e afirmaram a vossa vontade de agir. E, de facto, nós precisamos de muita acção porque, quinze anos depois de Pequim, verificamos que, lamentavelmente, os resultados são ainda muito reduzidos. Não é só o rosto da pobreza que continua a ser feminino, é também o rosto do analfabetismo, do desemprego e dos baixos salários. Subsistem discriminações no acesso à educação e aos cuidados de saúde. São mulheres as principais vítimas de tráfico e violência física, sexual e psicológica. As mulheres estão sub-representadas na política e nos conselhos de administração das empresas, ou seja, estão afastadas da tomada de decisão

política e económica. (10-02-24-019 <SPEAKER ID="213" NAME="Edite Estrela" AFFILIATION="S&D">)

(34) Senhor Presidente, caros Colegas, eu permitir-me-ia neste debate das urgências que é - sempre se soube de casos de direitos humanos ocorridos fora da União Europeia - começar com o nosso voto de hoje sobre a liberdade de imprensa na Hungria, ou seja, dentro da União Europeia, porque a defesa dos direitos fundamentais na nossa Casa e a defesa dos direitos humanos fora da União Europeia estão inextricavelmente ligadas. (Rui Tavares)⁵²

(meus sublinhados)

O MD 'in other words' e as suas variantes são usados duas vezes nas traduções das cinco ocorrências acima; 'or' é usado uma vez em (32), assim como 'or, put another way' (33) e 'or, rather' (34), que será discutida mais adiante.

Como já visto anteriormente, 'in other words' é o MD paradigmático do grupo dos clarificantes, segundo Saz-Rubio (2003).

Na interpretação de (30), porém, existe uma omissão do MD:

Tabela 13 - Interpretação e tradução da ocorrência (30)

Interpretação ⁵³	Tradução (09-01-13-005 <SPEAKER ID="039" NAME="Ilda Figueiredo">)
We have to break, we have to make a clean break with this monetarist and neoliberal policies and we have to do something about the position of the Central Bank. We find that is absolutely necessary to have an increasing communitarian budget so we	We therefore insist on the urgent need for a proper break with these neoliberal and monetarist policies, putting an end to the Stability Pact, tax havens and the false independence of the European Central Bank. We therefore insist on the need to

⁵² Disponível em < <http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?pubRef=-//EP//TEXT+CRE+20110310+ITEMS+DOC+XML+V0//PT&language=PT> > (Consulta em 22 de novembro de 2016).

⁵³ Interpretação em < <http://www.europarl.europa.eu/plenary/EN/vod.html?mode=unit&vodLanguage=EN&startTime=20090113-11:24:06-607> > (Consulta em 3 de março de 2017).

<p>can really talk about an economic and social cohesion and not insist to continue pursuing the same policies, <u>this</u> constant worsening of inequality in our society and widening the gaps of most of the eurozone countries and that's why we insist there must be more support.</p>	<p>significantly increase the EU budget based on a fair distribution of income and wealth, so that there is a real policy of economic and social cohesion and so that we reject measures that are just more of the same, <u>in other words</u> 'save yourself if you can' measures, allowing the richest to become ever richer and the poor to become ever poorer, as clearly demonstrated by the increasing inequalities and disparities among the euro area economies.</p>
--	--

Esta omissão é mais um exemplo de uma 'skipping omission', omitindo o MD e o S2 do original: "do 'salve-se quem puder'", e apontando mais uma vez para a dispensabilidade do MD na compreensão da mensagem geral, sendo esta o objetivo principal da interpretação no Parlamento Europeu.

A ocorrência (31) apresenta, tanto na interpretação quanto na tradução, um MD com valor de clarificação, o que está de acordo com o valor que foi previamente definido. No entanto, os MD usados na tradução e na interpretação são diferentes:

Tabela 14 - Interpretação e tradução da ocorrência (31)

Interpretação ⁵⁴	Tradução (09-05-06-006-06 <SPEAKER ID="175" NAME="Edite Estrela" LANGUAGE="PT">)
<p>Finally, let me remind, colleagues, that this directive which we'll be amending today is 17 years old; it is in need of an updating. The revised version won't come into force before the end of the next European parliament. <u>That's to say</u>, we are legislating for the future, not for the immediate present.</p>	<p>Finally, I would point out that this directive that we are going to amend is 17 years old and is clearly out of date. The revised directive will not enter into force before the end of the next legislative term. <u>In other words</u>, we are legislating for the future, not for today.</p>

Creio que a questão aqui se prende com o registo. “That’s to say” parece ser mais oralizante do que ‘in other words’, que é mais formal; por isso, o último aparece mais vezes em registo escrito. É pois pertinente afirmar que esta comparação entre interpretação e a tradução é também uma comparação de registo, uma vez que a interpretação tende a ser mais espontânea e, por isso, menos cuidada que a tradução e que os MD, apesar de, à partida, passarem por elementos insignificantes, são estruturantes nas próprias línguas, mudando o seu valor procedimental em função do contexto comunicativo em que estão inseridos.

De seguida, debruçar-me-ei mais sobre ‘or’ e ‘or, put another way’. O MD em (32) é traduzido pela conjunção disjuntiva ‘or’, a qual pode ser usada para introduzir “a synonym or explanation of a preceding word or phrase⁵⁵”. Por outras palavras, esta expressão, que não foi identificada como sendo um marcador discursivo em nenhuma bibliografia, é usada, muitas vezes, como sinónimo de ‘in other words’. A outra tradução, (33), pela expressão ‘or, put another way’ é também utilizada como sinónimo de ‘in other words’.

⁵⁴ Interpretação integral disponível em < <http://www.europarl.europa.eu/plenary/EN/vod.html?mode=unit&vodLanguage=EN&startTime=20090506-14:02:06-434> > (Consulta em 4 de novembro de 2016).

⁵⁵ <https://en.oxforddictionaries.com/definition/us/or> (Consulta em 25 de julho de 2016).

As interpretações das ocorrências do marcador discursivo ‘ou seja’ com este valor clarificante apresentam duas variantes de ‘that is to say’, duas omissões, uma reformulação e o modificador ‘basically’. Devido ao facto de ser um fenómeno novo na presente dissertação, debruçar-me-ei sobre a interpretação do exemplo (33) por ‘basically’:

Tabela 15 - Interpretação e tradução da ocorrência (33)

Interpretação⁵⁶	Tradução (10-01-20-003 <SPEAKER ID="213" NAME="Edite Estrela" AFFILIATION="S&D">)
Discrimination continues to exist in access to health and education; women are the prime victims of physical and psychological and sexual violence. Women are under-represented in politics and on the boards of companies. <u>Basically</u> , women are not in the positions on decision making powers in politics or in the economy.	Discrimination in access to education and health care continue to exist. Women are the principal victims of trafficking and physical, sexual and psychological violence. Women are under-represented in politics and on the boards of companies <u>or, put another way</u> , they are excluded from political and economic decision making.

Segundo Watts (1988: 251), o MD ‘basically’ é um marcador discursivo que pode aparecer no início, no meio e no final da frase, modificando uma palavra, vários segmentos ou até mesmo a frase inteira, independentemente da posição. Este MD, segundo o mesmo autor, tem uma presença estruturante em discursos orais, isto é, é usado para ajudar o falante a estruturar a sua frase. No entanto, ‘basically’ tem igualmente o valor associado ao lexema que lhe dá origem: ‘basic’, o qual significa ‘fundamental’. Segundo o verbete consultado em <oxforddictionaries.com>⁵⁷, este modificador é utilizado para apontar os aspetos mais relevantes de algo que foi dito anteriormente, funcionando como um marcador de resumo.

⁵⁶ Vídeo integral da interpretação do Parlamento Europeu disponível em <<http://www.europarl.europa.eu/plenary/EN/vod.html?mode=unit&vodLanguage=EN&startTime=20100224-20:56:14-338>> (Consulta em 3 de junho de 2017).

⁵⁷ Consulta em 23 de julho de 2017.

Por essa razão, depois de ponderar, acredito que esta ocorrência deva fazer parte dos marcadores discursivos com valor de resumo, valor também apontado por Lopes (2014) como um dos valores que o marcador discursivo ‘ou seja’ pode tomar.

A interpretação que omite o MD é apresentada abaixo:

Tabela 16 - Interpretação e tradução da ocorrência (34)

Interpretação ⁵⁸	Tradução (Rui Tavares) ⁵⁹
<p>Rui Tavares, author. – (PT) Thank you very much President, dear colleagues.</p> <p>I would like in this urgent debate, which is always on human rights breaches outside the European Union, I’d like to start with our vote yesterday on the limits of the freedom of the media in Hungary, in a, in the EU because defending fundamental rights and human rights both in the EU and outside the EU is closely and inextricably linked.</p>	<p>Rui Tavares, author. – (PT) Mr President, ladies and gentlemen, there have always been reports of human rights cases outside the European Union so I shall take the liberty, in this urgent debate, to begin with our vote today on the freedom of the press in Hungary, <u>or rather</u> in the European Union, because respect for fundamental rights in our House and respect for human rights outside the European Union are inextricably linked.</p>

Em (34), a omissão não prejudica a compreensão do texto, mas retira uma parcela importante de informação, a meu ver, porque a ocorrência de “ou seja, dentro da União Europeia” constitui um argumento cuja importância se perde na interpretação. O S1 é clarificado dentro do contexto, como um país pertencente à União Europeia, e o facto de assim ser dá relevância ao texto que lhe segue. Por outras palavras, apesar de a informação

⁵⁸ Interpretação integral da intervenção disponível em < <http://www.europarl.europa.eu/plenary/EN/vod.html?mode=unit&vodLanguage=EN&startTime=20110310-15:37:43-461#> > (Consulta em 20 de março de 2017).

⁵⁹ Disponível em < <http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?pubRef=-//EP//TEXT+CRE+20110310+ITEMS+DOC+XML+V0//EN> > (Consulta em 23 de abril de 2017).

não se perder, perde-se a ênfase que o falante queria dar à questão de a Hungria fazer parte da União Europeia.

A sua tradução, contudo, levanta algumas questões quanto à interpretação apresentada pelo tradutor do texto de partida. Como se observa, a tradução opta pelo MD ‘or rather’ (literalmente ‘ou melhor’), o que traduz a intenção do autor de salientar a ideia de que a Hungria não significa somente o país, mas todo o grupo da União Europeia. Segundo Saz-Rubio, ‘or rather’ é um MD que tem valor de retificação, ou seja, retifica informação; contudo, a autora (2003: 388) salienta que este MD é utilizado no sentido de o S1 (neste caso, ‘in Hungary’) ser “recharacterized and further rectified to the extent that a new formulation is presented as a preferable alternative and more in accordance with the speaker’s communicative intentions”. Por outras palavras, esta tradução evidencia muito bem a intenção do autor original de dar mais importância ao S2 (‘in the European Union’), preferindo esta colocação. No entanto, esta tradução obriga a uma nova análise da ocorrência original, com esta perspetiva, levando-me a concluir que este MD pode ter o valor de retificação, na medida que o S2 mostra as reais intenções comunicativas do falante, corrigindo a ideia inicial para algo que se ajuste a essas intenções.

Marcador discursivo com valor de conclusão

Em 15 ocorrências, 3 apresentaram o marcador discursivo ‘ou seja’ com o valor conclusivo, contexto semântico em que o MD é facilmente substituível pelo MD ‘portanto’, segundo Lopes (2014):

(35) Senhor Presidente, para diminuir a pobreza e o desemprego é preciso criar emprego com direitos, é preciso apoiar a produção, é preciso melhorar os serviços públicos universais e gratuitos, ou seja, é preciso investir noutras políticas, é preciso fazer o contrário do que tem estado a ser feito. (09-10-20-011 <SPEAKER ID="294" NAME="Ilda Figueiredo" AFFILIATION="GUE/NGL">)

(36) Este relatório relativo ao FEDER tem o intuito de alargar a elegibilidade das intervenções no sector da habitação a favor das comunidades marginalizadas nos nossos Estados-Membros. Até ao momento, este apoio aplicava-se apenas às comunidades marginalizadas que residiam nas zonas urbanas dos novos Estados-Membros. Ou seja, uma vez que a grande maioria deste tipo de comunidades vive

em áreas rurais e em abrigos, estas comunidades não podiam beneficiar do apoio para substituir habitações de má qualidade. (10-02-09-013 <SPEAKER ID="337" NAME="Luís Paulo Alves" AFFILIATION="S&D">)

(37) Na verdade, quando falamos acerca da China, nós sabemos que essa alavancagem se diminui porque muito daquilo que nós dizemos nesta Casa é contrariado por aquilo que os governos europeus fazem nas nossas capitais, por aquilo que faz o Sr. Sarkozy, a Sra. Merkel ou os governantes do meu próprio país, Portugal, como o Sr. Sócrates que ainda muito recentemente desviou uma manifestação de protesto contra as autoridades chinesas para que o Primeiro-Ministro de visita a Lisboa não tivesse que encarar os manifestantes contra o seu regime. Ou seja, é a própria Europa que muitas vezes participa neste mundo de sonho que os dirigentes chineses, este mundo de fantasia, que os dirigentes chineses constroem para si mesmos, no qual não há oposição, no qual aquele modelo de desenvolvimento é o que está bem para toda a gente, é o mesmo que serve em Pequim ou em Xangai, ou em cantão ou na zona uígure ou no Tibete. (Rui Tavares a 10-03-2011)⁶⁰

(meus sublinhados)

Todos estes exemplos mostram casos em que os falantes relatam uma situação e se socorrem do marcador discursivo ‘ou seja’ para prefaciar uma conclusão de todas as premissas (ou argumentos) relatadas anteriormente. No entanto, as traduções de todos eles limitam-se ao MD ‘in other words’, o qual, como já foi mencionado, é um MD de clarificação e não de conclusão, uma categoria que, apesar de poder inserir-se no grupo dos reformuladores, não é uma subcategoria dos clarificantes, segundo Saz-Rubio (2003). Contudo, por ser utilizada, sem problemas, na tradução, que tem como princípio reproduzir as palavras e intenções exatas do comunicador, estes dados podem servir-nos para concluir que ‘in other words’ tem um valor muito mais amplo do que o de clarificação, levando-me mesmo a concluir que pode assumir o valor conclusivo e, como sucede com o MD ‘ou seja’, esse valor depende fortemente do contexto em que o MD está inserido.

No entanto, as interpretações mostram um cenário um pouco diferente, usando a expressão ‘that means that’, com um MD de reformulação clarificante ‘that’s to say’ e com um marcador conclusivo ‘so’.

Na ocorrência (35) apresentam-se as seguintes tradução e interpretação:

⁶⁰ Disponível em < <http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?pubRef=-//EP//TEXT+CRE+20110310+ITEMS+DOC+XML+V0//PT&language=PT> > (Consulta em 19 de outubro de 2016).

Tabela 17 - Interpretação e tradução da ocorrência (35)

Interpretação ⁶¹	Tradução (09-10-20-011 <SPEAKER ID="294" NAME="Ilda Figueiredo" AFFILIATION="GUE/NGL">)
If we want to fight against poverty and unemployment, then we have to create jobs and boost production and make sure there are free universal services. <u>That means that</u> we have to invest in other policies and do exactly the opposite of what we're doing.	(PT) Mr President, in order to reduce poverty and unemployment, we have to create jobs with rights, support production and improve universal, free public services. <u>In other words</u> , we have to invest in other policies. We need to do the opposite of what has been done so far.

O caso (35) utiliza a expressão 'that means that', literalmente 'isso significa que', que, por sua vez, significa que o que é dito em S1 tem como implicações as informações de S2. De um certo modo, esta expressão pode então ser considerada uma expressão de valor consecutivo que, embora não seja o mesmo que um valor conclusivo, se aproxima dele.

De seguida, apresenta-se as ocorrências (36) e (37):

(36) This report on the ERDF aims to extend the eligibility scope of housing interventions in favour of marginalized communities to all EU countries. There was the issue of originally being only for urban areas in new member states. Ø Given that most of these communities live in rural areas and shelters, according to the initial purpose these communities could not benefit from this assistance.⁶²

⁶¹ Interpretação integral disponível em < <http://www.europarl.europa.eu/plenary/EN/vod.html?mode=unit&vodLanguage=EN&startTime=20091020-16:03:55-946> > (Consulta em 24 de fevereiro de 2017).

⁶² Interpretação disponível em < <http://www.europarl.europa.eu/plenary/EN/vod.html?mode=unit&vodLanguage=EN&startTime=20100209-19:42:58-584#> > (Consulta em 20 de outubro de 2016).

(37) Recently, he actually rerouted a demonstration against the Chinese regime because there was a visit from the Chinese president to Lisbon. So, Chin-, Chines-, Chinese administration try to make us believe in this illusion there's no demonstration, there's no protestations, there's no opposition in their country.⁶³

(meus sublinhados)

O caso (36) tem a particularidade de usar o MD 'ou seja' como marcador conclusivo, ao mesmo tempo que usa uma construção causal ("uma vez que a grande maioria deste tipo de comunidades vive em áreas rurais e em abrigos"). Por essa razão, penso que o intérprete considerou que o MD se tornou redundante, daí que tenha optado pela sua omissão, inserindo-a na categoria de 'skipping omission'. Daqui conclui-se também que há a possibilidade de o MD ter sido utilizado no TP para dar ainda mais destaque ao S2, o que faz com que a omissão, na interpretação, conduza à perda desse destaque subliminar.

Por sua vez, o caso (37), apesar de ter alguns problemas gerais com a interpretação da informação, apresenta a interpretação do MD como 'so', o qual é uma conjunção com valor de conclusão em inglês, entre outros valores. Por essa razão, esta interpretação é a que mais se aproxima do valor previamente definido para o marcador discursivo 'ou seja' nesta secção, ao contrário das outras interpretações que privilegiaram o seu valor clarificante que, embora presente, eu nunca consideraria principal.

Reformulador parafrástico com valor de precisão

Em uma das ocorrências, o marcador discursivo 'ou seja' ganha o valor de reformulador precisante, segundo Pic et al. (2013), isto é, ele é utilizado com a função de precisar ou especificar uma ideia mais geral:

(38) Fico, porém, desapontado com estas propostas da Comissão Europeia. Em termos de substância, estas propostas mantêm inalteradas as regras respeitantes

⁶³ Interpretação disponível em

< <http://www.europarl.europa.eu/plenary/EN/vod.html?mode=unit&vodLanguage=EN&startTime=20110310-15:08:42-758> > (Consulta em 20 de outubro de 2016).

à primeira parte do mandato e limitam-se, no que à segunda parte do mandato diz respeito, ou seja no que se refere à avaliação da forma como o Acervo de Schengen está a ser aplicado pelos Estados-Membros que já estão dentro de Schengen, a incorporar as recentes melhorias introduzidas no mecanismo de avaliação em vigor. (09-10-19-017 <SPEAKER ID="077" NAME="Carlos Coelho">)

(meus sublinhados)

Este caso, segundo a minha interpretação, é um exemplo de um marcador que prefacia um segmento em que o falante especifica a informação com a intenção, talvez, de mostrar que possui conhecimento sobre o assunto.

Apesar de ser um caso bastante específico de reformulação, muitas vezes os valores precisantes e clarificantes confundem-se, mas, para Saz-Rubio, o grupo da Clarificação tem estas duas vertentes.

Atentemos agora às suas interpretação e tradução:

Tabela 18 - Interpretação e tradução da ocorrência (38)

Interpretação ⁶⁴	Tradução (09-10-19-017 <SPEAKER ID="077" NAME="Carlos Coelho" LANGUAGE="PT">)
<p>The proposals maintain unchanged the rules with respect to the first part of Schengen mandate.</p> <p>Our second part, when it comes to assessment in the way in which is being applied and the way member states are actually been acting within Schengen...</p>	<p>In essence, these proposals maintain the rules relating to the first part of the mandate without making any changes and, with regard to the second part of the mandate, <u>or</u> the evaluation of how the Schengen acquis is being implemented by the Member States that are already part of the Schengen area, they merely incorporate the recent</p>

64

Interpretação

em

< <http://www.europarl.europa.eu/plenary/EN/vod.html?mode=unit&vodLanguage=EN&startTime=20091019-18:21:17-906> > (Consulta em 20 de maio de 2017).

	improvements to the current evaluation mechanism.
--	---

Na interpretação desta ocorrência é omitido o MD, sendo que o intérprete opta por dividir e simplificar o texto de partida, mas é possível perceber que a interpretação fica estranha, uma vez que o intérprete não termina a frase, o que torna o seguinte segmento: “Our second part, when it comes to assessment in the way in which is being applied and the way member states are actually been acting within Schengen” sem sentido.

Por sua vez, na sua tradução, é utilizada a conjunção disjuntiva ‘or’. Como já visto anteriormente, esta conjunção pode ser usada para introduzir “a synonym or explanation of a preceding word or phrase⁶⁵” e é muitas vezes usada como um sinónimo de ‘in other words’.

Reformulador parafrástico com valor catafórico

Apenas uma de entre as quinze ocorrências do MD ‘ou seja’ adquire uma função catafórica, segundo Lopes (2014):

(39) É só para saber se ouvi correctamente o que disse o colega Brok, ou seja, que uma solução militar, uma decisão de natureza militar, na sua opinião, não carece de uma decisão das Nações Unidas. É porque se foi isso que disse, eu devo dizer-lhe que estou mil vezes em desacordo consigo. (Miguel Portas)⁶⁶

(meus sublinhados)

Neste caso, o MD alude a algo que foi dito anteriormente não pelo falante, mas por um outro interlocutor, no contexto dialógico aqui representado. Na sua tradução, o/a tradutor/a utiliza um sinal de pontuação, os dois pontos (:). Este sinal gráfico, segundo o

⁶⁵ <https://en.oxforddictionaries.com/definition/us/or> (Consulta em 10 de agosto de 2017)

⁶⁶ Disponível em < <http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?pubRef=-//EP//TEXT+CRE+20110309+ITEMS+DOC+XML+V0//PT> > (Consulta em 18 de dezembro de 2016).

verbetes consultado em <oxforddictionaries.com>⁶⁷ é utilizado, em inglês, nas seguintes circunstâncias:

- (i) Entre o S1 e o S2, no qual o S2 explica ou sucede ao S1;
- (ii) Como início de uma lista;
- (iii) Antes de uma citação ou de discurso direto.

Com isto em mente, apresento aqui a tradução e interpretação da ocorrência:

Tabela 19 - Interpretação e tradução da ocorrência (39)

Interpretação ⁶⁸	Tradução (Miguel Portas) ⁶⁹
Mr. President, just want to know if I correctly heard what Mr. Brok said then, <u>that is I think</u> that a military solution, a military decision in other words, in his opinion doesn't need a UN decision prior. I'm thousand times in disagreement with you if that's what you think.	Mr President, I just want to check whether I heard Mr Brok correctly; did you say that a military solution, or a decision of a military nature, does not, in his opinion, require a United Nations decision? If that is indeed what you said, I have to say that I disagree with you a thousand times over.

Por essa razão, é seguro afirmar que, neste caso, o uso (iii) deste sinal de pontuação é o aplicado na tradução, pois o S2 é uma pergunta em jeito de discurso direto, enquanto no TP a pergunta está apenas subentendida.

Quanto à sua interpretação, a opção encontrada foi 'that is I think', que, apesar de à partida poder ser questionável, pode ser considerada uma variante de 'that is', com o acrescento de 'I think' talvez como uma estratégia modalizadora do intérprete, sinalizando que talvez o/a intérprete não esteja seguro da sua interpretação, ou uma indicação de que

⁶⁷ Consulta em 5 de agosto de 2017.

⁶⁸ Disponível em < <http://www.europarl.europa.eu/plenary/EN/vod.html?mode=unit&vodLanguage=EN&startTime=20110309-09:28:30-747#> > (Consulta em 20 de abril de 2017).

⁶⁹ Disponível em < <http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?pubRef=-//EP//TEXT+CRE+20110309+ITEMS+DOC+XML+V0//EN> > (Consulta em 18 de dezembro de 2016).

o/a intérprete quer manter-se neutro na questão, por interpretar que essa era a posição do eurodeputado.

Assim, tanto a interpretação quanto a tradução mantêm o valor original do MD 'ou seja', usando diferentes estratégias para veicular o valor catafórico.

Neste capítulo, ao analisar detalhadamente todas as ocorrências dos marcadores discursivos de reformulação 'isto é' e 'ou seja', é fácil perceber que a omissão é muito privilegiada em interpretação: nas 23 ocorrências, ocorre dez vezes, mas a maioria não causa transtornos na compreensão do texto, o que indica que a interpretação não depende tanto de pequenas partículas, mas da totalidade semântica do texto. Por essa razão, apesar de a interpretação deixar de lado partes importantes do TP, pode considerar-se que os intérpretes sempre optam por manter aquilo que acham mais relevante. No fim, a decisão que os intérpretes tomam pode comprometer a comunicação entre os eurodeputados, por isso os serviços de tradução escrita são importantes, pois, por ser uma tradução formal, não deixam nada de fora.

6 Conclusões

Nesta dissertação, propus-me, antes de mais, fazer uma análise numa zona de fronteira entre a área da linguística e a área da tradução, usando a tradução dos marcadores discursivos de reformulação e a investigação linguística acerca de marcadores discursivos no plano monolíngue, de modo a mapear as funções ou valores que os marcadores discursivos ‘isto é’ e ‘ou seja’ podem ter em contextos bilingues.

O principal objetivo da análise era perceber a semântica dos MD e de que forma são traduzidos no debate no Parlamento Europeu.

Os *corpora* aqui analisados, como já dito acima (cf. Capítulo 4), tiveram um número limitado de ocorrências, o que limitou também os MD estudados, mas os seus objetivos mantiveram-se, ou seja, tirar conclusões sobre a tradução e interpretação de marcadores discursivos, que serão descritas de seguida.

Em interpretação, os valores dos marcadores discursivos têm mais probabilidade de ser alterados ou ignorados, devido às limitações que os intérpretes sofrem na sua atividade, como o tempo e os problemas de compreensão, os quais são mais prováveis num cenário de interpretação simultânea, e que os obriga a reformulações, simplificações e omissões. Esta análise mostrou que a omissão é uma ocorrência bastante comum na interpretação efetuada pelo Parlamento Europeu, e que pode mesmo afetar a compreensão da intervenção por parte do recetor do texto de chegada. Contudo, algumas ocorrências mostram táticas de interpretação que indiciam que o intérprete percebeu a intenção que o falante tinha ao usar alguns marcadores discursivos. Por exemplo, em casos em que o intérprete opta pela repetição de um termo que tinha sido prefaciado por um marcador de reformulação com função catafórica.

No entanto, nem sempre a omissão é realizada com o sucesso acima constatado. Neste *corpus*, identifiquei ocasiões em que o marcador foi omitido por falta de compreensão do/a

intérprete ou devido ao facto de o intérprete desconsiderar a sua presença. Na maioria das vezes, quando omite o MD, o/a intérprete, omite também um dos segmentos que esse MD liga, o que parece não provocar muitos problemas de compreensão, mas também ocorreu que o/a intérprete manteve os dois segmentos, omitindo o MD de ligação, o que faz com que deixe ao recetor a tarefa de inferir a ligação lógica entre os mesmos sem lhe dar qualquer pista.

Como os marcadores discursivos também contribuem para a coerência textual, a sua omissão pode quebrar essa coerência e o ritmo do texto. Isto claramente faz com que também se perca o poder retórico-argumentativo que um texto coerente e bem definido tem, o que implica uma perda importante da carga semântica contida na maioria dos textos de partida. Além disso, a análise dos marcadores discursivos está, na interpretação, dependente não só da opção tradutiva do MD, mas também dos elementos que o rodeiam, e, se o/a intérprete também não interpreta esses elementos, o MD pode perder a sua função original.

Por essa razão, concluo que a interpretação no Parlamento Europeu não se preocupa com o 'efeito equivalente' que os Estudos de Interpretação apontam como objetivo dos intérpretes, mas preocupa-se antes em facilitar a comunicação entre os Eurodeputados.

Ora, essa preocupação com a passagem de informação de um falante para o seu recetor, mediada por um intérprete, obriga este a ter de ser o mais sintético possível, devido ao intervalo de tempo que possui e à velocidade de fala de alguns dos falantes, causando perdas significativas de segmentos textuais e, conseqüentemente, de marcadores discursivos. Portanto, as maiores conclusões sobre as funções dos marcadores discursivos estão presentes no que às suas traduções diz respeito.

Na tradução dos marcadores discursivos de reformulação aqui trabalhados, a tradução é, sem dúvida, como Pym (2000) já havia declarado, uma tradução formal, ou seja, com estruturas semelhantes de uma língua para a outra, uma vez que os textos de partida e os textos de chegada parecem mais textos paralelos do que traduções. Por essa razão, os marcadores discursivos são quase sempre traduzidos nas ocorrências, o que faz com que estas tenham mais a dizer sobre os usos e valores dos marcadores discursivos do que as suas interpretações.

O uso mais frequente encontrado para o marcador discursivo ‘isto é’ foi o clarificante, ou seja, este MD funciona como sinalizador de que o falante quer facilitar a mensagem aos recetores, e a sua tradução mais frequente (quatro das cinco vezes totais) foi ‘in other words’, que, segundo Saz-Rubio (2003) desempenha esse valor de clarificação em inglês. Ao contrário do que seria de esperar, ‘that is (to say)’ não foi, de todo, usado na tradução deste marcador discursivo, apesar de a sua construção ser semelhante, o que leva a concluir que a sua ausência na tradução pode estar relacionada com o tipo de registo escrito, ou com a automatização dos serviços de tradução. Contudo, houve um caso de omissão na tradução do MD com este valor, provavelmente porque o MD no TP clarificava uma expressão em inglês que, por ser a LC, o/a tradutor/a não viu necessidade de colocar o MD clarificante para o recetor conseguir perceber que o S2 é uma explicação do S1. Esta estratégia aponta para o princípio de equivalência dinâmica de Nida (1964), pois é um sinal de que a tradução se adaptou à cultura da língua de chegada.

O marcador discursivo com valor catafórico foi traduzido para ‘namely’ duas vezes em relação ao MD ‘isto é’. Segundo Saz-Rubio (2003), ‘namely’ é um marcador discursivo de identificação, por isso, pode concluir-se que é o mais próximo do valor catafórico, e as suas traduções mostram essa semelhança.

O marcador discursivo ‘ou seja’ desempenha muitas mais funções no *corpus* analisado: de clarificação, de equivalência, de precisão, de conclusão e de catáfora. Este marcador é, também, muito mais usado pelos falantes: na mesma janela de tempo, houve quase o dobro de ocorrências de ‘ou seja’ em intervenções orais de eurodeputados portugueses em relação às ocorrências do MD ‘isto é’.

A maioria das funções de ‘ou seja’ recai sobre o valor de marcador discursivo de clarificação, ocorrendo cinco vezes ao longo do *corpus*. Apesar de haver três omissões deste MD no *corpus* da interpretação, duas interpretações renderam este MD com os MD ‘that’s to say’ e ‘that is to say’, que são o mesmo MD, o primeiro uma forma mais reduzida, o que pode indicar que ‘that is (to say)’ é sim um MD de clarificação, mas pertencente mais ao registo oral do que ao escrito. Ou seja, apesar de os marcadores discursivos serem estruturas, segundo o enquadramento teórico aqui traçado, que não transmitem qualquer informação sozinhas, são

igualmente estruturas que, fazendo parte das línguas, também seguem regras de uso de acordo com o registo. Por fim, também foi utilizado o MD 'basically', que é um MD de resumo, chegando-se à conclusão de que o MD original realmente pode ser percebido como introdutor de resumo de uma ideia. Em relação às suas traduções, estas mostram que a maioria traduz o marcador 'ou seja' recorrendo ao MD de clarificação 'in other words' (foi usado duas vezes), o que mais uma vez mostra o uso de 'in other words' em registo escrito, em detrimento de 'that is (to say)', o qual é usado na oralidade com mais frequência do que na escrita. Uma outra opção válida para a tradução deste valor foi o conector 'or', que em inglês pode desempenhar a função de explicação de algo que o antecede, assim como 'or, put another way', que parece ter a mesma função que 'in other words'. No entanto, uma das traduções levantou algumas questões: o MD 'or rather' que, segundo Saz-Rubio (2003: 388) tem a função de retificação, embora possa ser usado no sentido de apresentar uma alternativa a uma formulação anterior, o que identificou muito bem o caso e me fez repensar se este MD não poderia também ele desempenhar uma retificação, porque traduz melhor as intenções comunicativas do falante.

Quanto à função de equivalência, que foi a segunda maior categoria do valor deste marcador discursivo, as suas interpretações mostram que, mais uma vez, a omissão acontece com alguma regularidade, mas também mostra outras possibilidades para a construção de equivalência, nomeadamente com a expressão "and that means", que, ao contrário do MD, tem significado a nível semântico. Entretanto, a tradução desta função mostra o uso de 'in other words' e 'that is' em quantidade igual: estes MD são usados duas vezes cada um no *corpus* da tradução do MD 'ou seja' com este valor. Estes dois MD ('in other words' e 'that is'), segundo Saz-Rubio (2003), fazem parte do subgrupo da Clarificação, o que aponta para que o valor de equivalência semântica esteja inserido neste grupo, ou que estes MD possam desempenhar este valor. Além deste, houve ainda um caso de omissão na tradução, a qual fugiu da tradução formal que Pym (2000) declara existir no Parlamento Europeu. Depois de uma cuidada análise, cheguei à conclusão de que o valor do MD depende de como ele é entendido pelos tradutores e intérpretes, fazendo-me assim concluir que pode até assumir mais do que um valor.

O MD 'ou seja' com função conclusiva ocorre três vezes, e só uma das vezes é interpretado com um MD de conclusão 'so'. Nas suas traduções, é apenas utilizado o MD 'in other words', o que pode indicar que 'in other words' tem um valor muito mais amplo do que o de clarificação e, tal como sucede com o MD 'ou seja', esse valor depende fortemente do contexto em que o MD está inserido.

O valor catafórico ocorre apenas uma vez no MD 'ou seja', o qual é traduzido por um sinal de pontuação, os dois pontos (:), que pode marcar a passagem de um discurso indireto para um discurso direto, portanto, esta decisão pode não estar relacionada com o MD em si, mas com o contexto comunicativo. Isto mostra que o MD pode ser esquecido em detrimento de outras características mais importantes na atividade de tradução.

Como precisante, o MD 'ou seja' ocorre também apenas uma vez, sendo traduzido por 'or' que, como já foi dito supra, apresenta uma alternativa ou uma explicação do segmento anterior, o que está de acordo com o valor precisante.

Assim, este trabalho alcançou os objetivos a que se propôs, e provou que a análise das interpretações e das traduções dos marcadores discursivos pelo Parlamento Europeu pode contribuir para uma análise mais profunda não só do valor linguístico e pragmático dos MD, mas também dos princípios de interpretação e tradução aplicados no Parlamento Europeu, uma vez que as traduções e interpretações ajudaram a compreender melhor os campos semânticos dos MD aqui usados e também a ver que a interpretação do Parlamento Europeu tem como maior princípio a facilitação de compreensão dos intervenientes e não o princípio do efeito equivalente, que muitos estudiosos e profissionais da área de interpretação apontam como sendo o principal objetivo da atividade.

7 Bibliografia

- Aijmer, K. (2008). Translating discourse particles: a case of complex translation. Em G. Anderman, & M. Roger (Edits.), *Incorporating corpora: The linguist and the translator* (pp. 95-116). Ontario: Multilingual Matters Ltd.
- Aijmer, K., Foolen, A., & Simon-Vandenberg, A.-M. (2006). Pragmatic markers in translation: a methodological proposal. Em K. Fischer (Ed.), *Approaches to Discourse Particles*. Oxford: Elsevier.
- Andersen, G. (2001). *Pragmatic markers and sociolinguistic variation. A relevance-theoretic approach to the language of adolescents*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Anthony, L. (2014). AntConc (3.4.4) [Windows]. Tokyo , Japan: Waseda University. Obtido em 9 de setembro de 2016, de <http://www.laurenceanthony.net/>
- Antos, G. (1982). *Grundlagen einer Theorie des Formulierens*. Tübingen: Max Niemeyer.
- Ariel, M. (1993). Pragmatic Operators. Em *The Encyclopedia of Language and Linguistics* (pp. 3250-3253). Oxford: Pergamon Press.
- Baker, M. (1993). Corpus linguistics and translation studies: implications and applications. Em M. Baker, G. Francis, & E. Tognini-Bonelli (Edits.), *Text and Technology: In Honour of John Sinclair* (pp. 233-250). Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins.
- Baker, M. (2004). A Corpus-based View of Similarity and Difference in Translation. *International Journal of Corpus Linguistics*, 9(2), 167-193.
- Barik, H. C. (1975). Simultaneous Interpretation: Qualitative and Linguistic Data. *Language and Speech*, 18(2), 272-298.

- Bazzanella, C., Bosco, C., Garcea, A., Gili, B., Miecznikowski, J., & Tini, F. (2007). Italian allora, French alors: Functions, convergences and divergences. *Catalan Journal of Linguistics*, 6, 9-30.
- Bell, D. M. (1998). Cancellative discourse markers: A core/periphery approach. *Pragmatics*, 8, 515–541.
- Biber, D., Johansson, S., Leech, G., Conrad, S., & Finegan, E. (1999). *Longman Grammar of Spoken and Written English*. London: Longman.
- Blakemore, D. (1987). *Semantic constraints on relevance*. Oxford: Blackwell.
- Brinton, L. J. (1996). *Pragmatic markers in English: Grammaticalization and discourse functions*. Walter de Gruyter.
- Bühler, K. (1934). *Sprachtheorie*. Oxford: Fischer.
- Bybee, J. L., Perkins, R., & Pagliuca, W. (1994). *The evolution of grammar: Tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Coulthard, M., & Johnson, A. (2010). *An Introduction to Forensic Linguistics: language in evidence*. London: Routledge.
- Derrida, J. (1997). *Of Grammatology*. (G. C. Spivak, Trad.) Baltimore: Johns Hopkins University Press.
- Erman, B. (2001). Pragmatic markers revisited with a focus on you know in adult and adolescent talk. *Journal of Pragmatics*, 33, 1337–1359.
- Fantinuoli, C., & Zanettin, F. (Eds.). (2015). *New directions in corpus-based translation studies*. Berlin: Language Science Press.
- Fischer, K. (2006). Frames, Constructions, and Invariant Meanings: the Functional Polysemy of Discourse Particles. Em K. Fischer (Ed.), *Approaches to Discourse Particles*. Oxford: Elsevier.
- Fraser, B. (1988). Types of English discourse markers. *Acta Linguistica Hungarica*, 38, 19-33.

- Fraser, B. (1990). An approach to discourse markers. *Journal of Pragmatics*, 14, 383–395.
- Fraser, B. (1996). Pragmatic Markers. *Pragmatics*, 6(2).
- Fraser, B. (1999). What are discourse markers? *Journal of Pragmatics*, 931-952.
- Fraser, B. (2006). Towards a theory of discourse markers. *Approaches to discourse particles*, 189-204.
- Furkó, B. P. (2014). Perspectives on the Translation of Discourse Markers: A case study of the translation of reformulation markers from English into Hungarian. *Acta Universitatis Sapientiae, Philologica*, 6(2), 181-196. doi:10.1515/ausp-2015-013
- Gazzola, M. (2006). Managing multilingualism in the European Union: Language policy evaluation for the European parliament. *Language Policy*, 5, 393–417. doi:10.1007/s10993-006-9032-5
- Gentzler, E. (1993). *Contemporary Translation Theories*. Clevedon: Multilingual Matters.
- Goldam-Eisler, F. (1972). Segmentation of Input in Simultaneous Translation. *Journal of Psycholinguistic Research*, 1(2), 127-140.
- Gülich, E., & Kotschi, T. (1983). Les Marqueurs de la Reformulation Paraphrastique. *Cahiers de linguistique française*, 5, 305-346.
- Gülich, E., & Kotschi, T. (1995). Discourse Production in Oral Communication. A Study Based on French. Em U. Quasthoff (Ed.), *Aspects of Oral Communication* (pp. 30-66). Berlin: De Gruyter.
- Halliday, M., & Hasan, R. (1976). *Cohesion in English*. London: Longman.
- Heine, B., & Kuteva, T. (2007). *The Genesis of Grammar: A Reconstruction*. Oxford: Oxford University Press.
- Hölker, K. (1991). Französisch: Partikelforschung. Em *Lexikon der Romanistischen Linguistik* (Vol. 1, pp. 77-88).
- Holmes, J. S. (1987). The Name and Nature of Translation Studies. *Indian Journal of Applied Linguistics*, 9-24.

- Hopper, P. J. (1991). On some principles of grammaticization. Em E. C. Traugott, & B. Heine (Edits.), *Grammaticalization* (pp. 18-35). Amsterdam: Benjamins.
- Hopper, P. J., & Traugott, E. C. (2003). *Grammaticalization* (2ª ed.). Cambridge: Cambridge University Press.
- Jones, R. (1998). *Conference Interpreting Explained*. Manchester: St. Jerome Publishing.
- Kade, O. (1968). *Zufall und Gesetzmässigkeit in der Übersetzung*. Leipzig: VEB Verlag Enzyklopädie.
- Koehn, P. (2005). Europarl: A Parallel Corpus for Statistical Machine Translation. *The Tenth Machine Translation Summit*, (pp. 79-86). Obtido em 10 de abril de 2017, de <http://www.mt-archive.info/MTS-2005-Koehn.pdf>
- Labov, W., & Fanshel, D. (1977). *Therapeutic Discourse*. New York: Academic Press.
- Levinson, S. (1983). *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lopes, A. C. (2005). Texto e Coerência. *Revista Portuguesa de Humanidades*. Obtido em 10 de julho de 2017, de <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/13423/1/Texto%20e%20coer%20e%203%AAncia.pdf>
- Lopes, A. C. (2014). Contributo para o estudo sincrónico dos marcadores discursivos 'quer dizer', 'ou seja' e 'isto é' no português europeu contemporâneo. *Diacrítica - Série Ciências da Linguagem*, 28(1), 33-50.
- Lopes, A. C., & Carapinha, C. (2013). *Texto, coesão e coerência*. Coimbra: Almedina/CELGA.
- Loureiro, A. P., Carapinha, C., & Plag, C. (2017). *Marcadores Discursivos e(m) Tradução*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Marques, M. A. (2000). *Funcionamento do Discurso Político Parlamentar: A Organização Enunciativa no Debate da Interpeleção ao Governo*. Universidade do Minho/Centro de Estudos Humanísticos.

- Mazzaro, D. (2012). A Reformulação e os Conectores Reformulativos: Uma Revisão Teórica. *Revista do Curso de Letras da UNIABEU*, 26-41.
- Mikhailov, M., & Cooper, R. (2016). *Corpus Linguistics for Translation and Contrastive Studies: A guide for research*. New York: Routledge.
- Morais, M. d. (2011). MARCADORES DA ESTRUTURAÇÃO TEXTUAL: Elementos para a descrição do papel dos Marcadores Discursivos no processamento cognitivo do texto. Obtido de http://www.utad.pt/vPT/Area2/investigar/CEL/CelCollections/Documents/CEL_Lingu%C3%ADstica_6.p
- Müller, S. (2005). *Discourse Markers in Native and Non-native English Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Munday, J. (2008). *Introducing Translation Studies: Theories and Applications* (2ª ed.). New York: Routledge.
- Nida, E. A. (1964). *Toward a Science of Translating*. Leiden: E. J. Brill.
- Östman, J.-O. (1995). Pragmatic particles twenty years after. Em B. Wårvik, S.-K. Tanskanen, & R. Hiltunen (Edits.), *Organization in Discourse. Proceedings from the Turku Conference* (pp. 95-108). Turku: University of Turku.
- Pic, E., Furmaniak, G., & Hugou, V. (2013). Étude comparative de quelques marqueurs de reformulation paraphrastique dans les articles de recherche et les articles de vulgarisation. *ASp [online]*, 63. doi:10.4000/asp.3306
- Pöchhacker, F., & Shlesinger, M. (Edits.). (2002). *The Interpreting Studies Reader*. London: Routledge.
- Podestà, G. (2001). *The Language Regime: Additional Options—Working document no. 9 for the Podestà Report, SG. EL/01-125. def-PE 305.382/BUR*. Brussels: European Parliament.
- Pons Bordería, S. (2008). Gramaticalización por tradiciones discursivas: el caso de esto es. Em J. Kabatek (Ed.), *Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico: nuevas*

perspectivas desde las tradiciones discursivas (pp. 249-274). Madrid: Iberoamericana-Vervuert.

Pym, A. (2000). The European Union and its future languages: questions for language policies and translation theories. *Across Languages and Cultures*, 1(1), 1-17. Obtido em 22 de maio de 2017, de <http://usuaris.tinet.cat/apym/online/translation/acrossEU6.pdf>

Pym, A. (2010). *Exploring Translation Theories*. New York: Routledge.

Quirk, R., Greenbaum, S., Leech, G., & Svartik, J. (1985). *A comprehensive grammar of the English language*. London: Longman.

Rossari, C. (1994). *Les opérations de reformulation: analyse du processus et des marques dans une perspective contrastive français-italien*. Berne, Berlin, Francfort, New York, Paris, Vienne: Peter Lang.

Roulet, E. (1987). Complétude interactive et connecteurs reformulatifs. *Cahiers de Linguistique Française*, 111-140.

Roulet, E., Auchlin, A., Moeschler, J., & Rubattel, C. (1985). *L'articulation du discours en français contemporain*. Berna: Peter Lang.

Saz-Rubio, M. M. (2003). *An Analysis of English Discourse Markers of Reformulation*. Tese de Doutorado, Universidade de Valência.

Schiffrin, D. (1987). *Discourse Markers*. Cambridge: Cambridge University Press.

Schourup, L. (1985). *Common discourse particles in English conversation: like, well, y'know*. Garland: New York.

Schourup, L. (1999). Discourse markers. *Lingua*, 227-265.

Seleskovitch, D., & Lederer, M. (1984). *Interpréter pour traduire*. Paris: Didier Erudition.

Setton, R., & Dawrant, A. (2016). *Conference Interpreting: A Complete Course*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

Siepmann, D. (2005). *Discourse Markers Across Languages: A Contrastive Study of Second-level Discourse Markers in Native and Non-native Text With Implications*

for General and Pedagogic Lexicography. London and New York: Taylor & Francis
Routledge.

Snell-Hornby, M. (1988). *Translation Studies. An Integrated Approach*. Amsterdam:
Benjamins.

Steiner, T. (2010). *Expanding the Definition of Grammaticalization*. München: GRIN
Verlag.

Watts, R. J. (1988). A relevance-theoretic approach to commentary pragmatic markers:
the case of actually, really and basically. *Acta Linguistica Hungarica*, 38, 235-260.

Xiao, R. (2011). Word clusters and reformulation markers in Chinese and English:
Implications for translation universal hypotheses. *Languages in Contrast*, 11(2),
145-171. doi:10.1075/lic.11.2.01xia